Maycon Douglas

Para além das amenidades: os debates políticos da Revista do Rádio (1948 – 1954)

Pedro & João editores

PARA ALÉM DAS AMENIDADES:

OS DEBATES POLÍTICOS DA *REVISTA DO RÁDIO* (1948 – 1954)

Pedro & João
editores

MAYCON DOUGLLAS

PARA ALÉM DAS AMENIDADES:

OS DEBATES POLÍTICOS DA *REVISTA DO RÁDIO* (1948 – 1954)

Pedro & João
editores

Copyright © Maycon Dougllas

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Maycon Dougllas

Para além das amenidades: os debates políticos da *Revista do Rádio* (1948 – 1954). São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 168p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1189-3 [Impresso - 2024]
978-65-265-1879-3 [Digital - 2025]

1. Revista do Rádio. 2. Getúlio Vargas. 3. Trabalhismo. 4. Rádio. 5. Cultura Política. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2024

Dedico este trabalho aos meus dois corações fora do peito, Raimunda Nonata Martins Vieira dos Santos e Raimundo Nonato Ferreira dos Santos.

"O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar"
(Haroldo Lobo e Marino Pinto, 1951).

APRESENTAÇÃO

O presente estudo analisa a *Revista do Rádio* com foco na sua dimensão política, explorando sua influência e representação durante o período de 1948 a 1954, especialmente durante o segundo governo Vargas. Tinha por diretor-chefe Anselmo Domingos, escritor de radionovelas. O periódico se tornou a maior revista sobre o rádio daquele período, ficando também conhecida como a primeira "revista de fofoca" brasileira. As pesquisas acadêmicas que a colocaram como fonte ou objeto de análise levaram em conta apenas seus aspectos de amenidade e entretenimento. Logo, a pesquisa destaca como a revista também abordava questões políticas, incluindo a participação de radialistas em cargos políticos e o apoio à volta de Getúlio Vargas ao poder. Assim, busquei compreender os motivos por trás desse apoio e a entrada de radialistas no espaço político, desafiando a visão predominante da revista como mera fonte de entretenimento.

SUMÁRIO

PREFÁCIO **13**
Marcos Napolitano

INTRODUÇÃO **17**
O rádio tem história... 17
Percurso teórico-metodológico 21

CAPÍTULO 1 - NO AR, O RÁDIO POR ESCRITO: POR UMA HISTÓRIA DA REVISTA DO RÁDIO **25**
1.1. As precursoras da Revista do Rádio 27
1.2. A Revista do Rádio 35
1.3. Folheando os temas em destaque 38

CAPÍTULO 2 – DO LAR Á POLÍTICA: IMAGENS FEMININAS NA REVISTA DO RÁDIO **49**
2.1. As "queridinhas" do rádio: Marlene e Emilinha 50
2.2. A separação de Dalva de Oliveira e Herivelto Martins 55
2.3. Mulheres do rádio também fazem política: o caso de Eladir Porto 62

CAPÍTULO 3 – UM SEMANÁRIO "TRABALHISTA"? AS CULTURAS E LINGUAGENS POLÍTICAS DA REVISTA DO RÁDIO **73**
3.1. Associação Brasileira de Rádio, um órgão de (primeira) classe 75
3.2. Sindicato dos Radialistas, não dos mandões, mas do que labutam no rádio 86

CAPÍTULO 4 - GETÚLIO EM PAPEL E TINTA: O SEGUNDO GOVERNO VARGAS NA ÓTICA DA REVISTA DO RÁDIO **97**

4.1. O semanário com saudades do velhinho 98

4.2. A campanha presidencial dos anos 50 em páginas radiofônicas 104

4.3. O que esperar de Getúlio? Entre expectativas e frustrações 109

4.4. "Agosto de 54" e como a revista lembrou de Getúlio 113

CAPÍTULO 5 - OS "CAMPEÕES DO MICROFONE": A REVISTA DO RÁDIO E OS RADIALISTAS POLÍTICOS **119**

5.1. Candidatos do rádio em páginas revisteiras 120

5.2. Radialistas e getulistas

5.3. E os antigetulistas? Vereadores radialistas fora da órbita varguista 126 143

CONSIDERAÇÕES FINAIS **157**

POSFÁCIO **161**
Tania Regina de Luca

REFERÊNCIAS **163**

PREFÁCIO

O rádio brasileiro e as revistas especializadas neste meio que marcaram época na história e na memória de muitas gerações já foram muito estudadas, por várias áreas de conhecimento, como a própria história, antropologia, sociologia, música e comunicação. Ainda assim, o livro de Maycon Dougllas nos oferece uma nova perspectiva sobre a famosa e lendária Revista do Rádio.

Normalmente abordada como fonte primária para o estudo das celebridades do meio radiofônico, para o estudo das modas musicais e gêneros mais populares ou para o estudo de um imaginário sócio-cultural difuso sobre valores de uma época, esse livro nos mostra uma outra faceta da famosa revista: a sua importância para o campo da história política.

Publicação impressa muito popular em uma época que vivia a primeira experiência democrática brasileira, a chamada "República de 46", a Revista do Rádio veiculava notícias de interesse profissional para radialistas ou informações sobre a programação do meio de comunicação mais importante no Brasil entre os anos 1930 e 1950. Claro, publicava também fofocas e amenidades sobre as celebridades da música, dos programas de variedades e das radionovelas.

O livro de Maycon Dougllas nos mostra que suas páginas também publicavam, direta ou indiretamente, muitas matérias abertamente políticas. E neste caso, a palavra não tem apenas um sentido geral e difuso, pois muitas matérias tinham colorações ideológicas e opções partidárias bastante claras e direcionadas.

Através de um levantamento detalhado do conteúdo publicado na Revista, Maycon demonstra que o Trabalhismo, como um todo, e a figura de Getúlio Vargas, e particular, tinham espaço regular e constante nas matérias entre 1948 e 1954, anos de ouro do rádio e da própria Revista.

Se a aproximação de Vargas com músicos e radialistas já era bem conhecida por historiadores e biógrafos, a pesquisa de Maycon aponta para conexões mais orgânicas, que iam além do mero fisiologismo e bajulação ao velho líder, mas que dialogavam com valores ligados ao trabalhismo, ao nacionalismo de base popular, ao sindicalismo, frequentemente se utilizando da linguagem dos direitos para dar sentido aos seus textos.

Outra fatura do livro é demonstrar que o debate político na Revista do Rádio, em muitos momentos marcados pela adesão explícita ao getulismo, não se fazia de maneira linear e mecânica, mas também expressava as contradições deste campo político-ideológico.

Frequentemente, o debate sobre direitos dos profissionais radialistas, pautado na linguagem da autonomia e dos direitos do trabalhador – típicos daquela experiência democrática da "República de 46" - se mesclava com discursos corporativos e com uma visão carismática da liderança de Getúlio, herdeiros do seu primeiro mandato. O livro também aborda os antigetulistas e sua atuação no rádio, sempre a partir dos materiais publicados pela Revista, bem como demonstra as ambiguidades e tensões em torno da crise de 1954 e do fatal 24 de agosto.

Este livro não irá interessar apenas aos leitores aficionados pela história do rádio brasileiro, mas também a muitos outros leitores, leigos ou especialistas. Para os estudos da história política brasileira, o livro oferece novas perspectivas sobre a relação entre rádio, partidos e eleições, entre rádio e propaganda político partidária, entre rádio e política de massas, chamada frequentemente de "populismo".

Para os estudos das relações sociais de trabalho, o livro mapeia o imaginário de trabalhadores e trabalhadoras brasileiras e a construção da linguagem dos direitos sociais e políticos da comunidade de profissionais e ouvintes do rádio, em seu período mais massivo e popular.

Para os estudos culturais, o livro explora os imaginários sociais e culturais em torno das celebridades da música popular, das

radionovelas, bem como nos mostra as facetas complexas de um momento em que a política parecia ser vivida no cotidiano das classes populares em um momento de forte urbanização e modernização.

Finalmente, para os estudos de gênero, o livro contribui ao esmiuçar as representações das mulheres entre o mundo privado da família e o mundo púbico da política, com especial destaque para o estudo de caso de Eladir Porto, profissional do rádio que foi candidata a cargo parlamentar.

A partir da minuciosa pesquisa de fontes e do mapeamento detalhado das publicações da Revista do Rádio, esse livro poderá, igualmente, estimular novas pesquisas e novas abordagens sobre um tema que parecia já bastante explorado pela historiografia.

Resultado de uma pesquisa de mestrado realizada nas difíceis condições da pandemia de COVID 19, marcada pelo isolamento social particularmente dramático para os jovens pós-graduandos que não puderam ter acesso físico e presencial às universidades, às bibliotecas, aos arquivos e grupos de estudo, este livro também simboliza a resistência do conhecimento e da pesquisa acadêmica em tempos difíceis.

Marcos Napolitano
Professor Titular – História do Brasil República
Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

O rádio tem história...

Eu estava na metade do curso de graduação[1], quando meu orientador[2] daquele período me chamou, junto com outros colegas, para conversarmos sobre iniciação científica. Entusiasmados com a ideia de fazer pesquisa, cada um foi convidado a pensar em uma temática que mais lhe interessasse. Como já havia me deparado com algumas leituras sobre imprensa, com destaque às obras da Isabel Lustosa e Tânia Regina Luca[3], resolvi escolher um tema sobre a imprensa no Tocantins.

Me veio, então, a seguinte pergunta: e o rádio? Quando surgiu? Quais foram as primeiras experiências radiofônicas no Tocantins? O rádio naquela região, até então, não tinha história. Melhor dizendo, as experiências radiofônicas no Tocantins (que na década que estudei era chamado de "norte de Goiás") não haviam sido delineadas como fontes/objetos de estudo. Pronto. Tinha a faca e o queijo na mão. O que bastava era encontrar vestígios que me possibilitassem apreender e construir uma narrativa histórica sobre a temática.

O que não esperava era a grande dificuldade de analisar o surgimento do rádio no norte goiano de outrora. Sobretudo pelo fato de que, nas palavras de Lia Calabre, "funcionando dentro de uma lógica empresarial, as emissoras de rádio não se preocuparam com a preservação de suas histórias" (CALABRE, 2003, p. 1). Resumidamente, havia certos consensos na historiografia tocantinense sobre um suposto passado de atraso e abandono, e

---

[1] Fiz graduação em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

[2] Meu orientador na graduação durante a iniciação científica foi o Prof. Dr. Radamés Nunes Vieira (UFCAT).

[3] Faço aqui referência ao livro organizado pelas autoras citadas "História da Imprensa no Brasil" (2008).

que eram estas as chaves interpretativas para se compreender a história daquela região.

Tentei ir na contramão: ao escolher o rádio como fio condutor, busquei encontrar vestígios que pudessem inverter esta lógica, demonstrando que aquela localidade não estava "atrasada" das demais regiões. Não ser tragado por explicações cristalizadas faziam parte de meus intentos como pesquisador do rádio (tocantinense).

Em 1930 o rádio ainda não havia chegado, pelo menos não em sua materialidade como estação radiofônica local. Já na década de 1940, encontro no *Norte de Goyaz*[4] a informação de que tinha sido instalado na prefeitura de Porto Nacional um aparelho-receptor de rádio.

Ou seja, ainda que não houvesse uma estação, o rádio já tinha uma história naquele lugar. Num outro texto, comentei que "a década de 1940 é considerada a época de ouro do rádio no Brasil, e o Norte de Goiás, especificamente a cidade de Porto Nacional, então no estado de Goiás, acompanhou este período entrando em sintonia com as novidades do momento" (SANTOS, 2019, p. 10).

Na medida em que ia desenvolvendo a pesquisa, encontrei no meio do caminho inúmeros autores e autoras que se debruçaram sobre a história do rádio no Brasil. As primeiras experiências de radiodifusão ocorreram de forma bastante elementar. Além disso, "na década de 1920, o governo brasileiro não se interessou em criar um sistema estatal de emissoras de rádio, deixando o caminho aberto para a iniciativa privada" (CALABRE, 2003, p. 162).

Houve uma virada na história da radiofonia brasileira com a promulgação do Decreto 21.111/1932, quando passou a ser permitida a publicidade nos programas de rádio. A partir daí, a

[4] O periódico *Norte de Goyaz* foi fundado no ano de 1905 pelo deputado federal Dr. Francisco Ayres da Silva, que teve ajuda de sua família, sobretudo de seu irmão João Ayres Joca. Era uma publicação quinzenal. Não há conhecimento sobre a aquisição e a compra da Typographia Nortense, porém, o cabeçalho do primeiro número possuía as seguintes informações: propriedade "viúva Ayres e filhos" e publicado na cidade de Porto Nacional.

radiodifusão deixaria de ser essencialmente voltada para a "formação intelectual" e passaria a ter um caráter comercial. Seria o próprio presidente da República que concederia as permissões necessárias para que uma estação de rádio pudesse funcionar.

Sobre a última questão, cabe ressaltar: quem assinou o decreto que regulamentou os serviços de radiodifusão foi o chefe do Governo Provisório da década de 1930, Getúlio Vargas, que montou um aparato robusto que regulamentava, difundia e utilizava o rádio com propósitos voltados para compor o cenário do "ideal nacionalista", ou de acordo com Alcir Lenharo, "o rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratagemas de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional" (LENHARO, 1986, p. 40).

Pelo visto, o rádio tem uma história e tanto. Do local ao nacional, acompanhou bem de perto todos os acontecimentos que marcaram a trajetória da República brasileira, assim como foi também moldado por esta. Todos os decretos, leis e aparatos que tinham como alvo o sistema radiofônico, construíram o caminho que ele trilhou. Porém, neste momento (década 1930), algo permaneceu no meio radiofônico: sua intensa e ampla sintonia com a política.

A respeito das fontes que possam ser utilizadas para se tecer uma história do rádio no Brasil, tem-se, segundo Lia Calabre (2008), os regulamentos, os decretos-leis que envolvem a radiotelefonia ao longo de sua implantação, bem como as próprias gravações de programas que estão preservados e guardados em diversos museus e memoriais. Além disso, Calabre ressalta que uma importante fonte para os estudos radiofônicos são as revistas especializadas. Foi assim que conheci a *Revista do Rádio*.

O periódico contava normalmente com 50 páginas, a capa geralmente vinha com fotografias de artistas de rádio, principalmente mulheres, e seu conteúdo vinculava-se integralmente a assuntos referentes ao rádio, embora acolhesse, também, matérias sobre a televisão. Começou a circular mensalmente em 1948, e em menos de dois anos passou a ser

semanal, tendo a tiragem na média de 50 mil exemplares por mês. Tinha por diretor-chefe Anselmo Domingos, escritor e roteirista de radionovelas da época.

Meu interesse por pesquisá-la é, de certa maneira, fruto dos resultados que obtive na iniciação científica: há uma intrínseca relação entre rádio e política[5]. Além disso, seja no âmbito local, regional ou nacional, as relações de poder que circunscrevem a mídia e a política são aclaradas nos meios impressos, o que me levou a olhar para a *Revista do Rádio* com o intuito de tentar vislumbrar como a política, seu vocabulário político, personagens e representações estiveram ali presentes.

Para tal, procurei na literatura acadêmica trabalhos centrados no periódico. Além de haver poucos estudos sobre a revista, quase todos possuem algo em comum: a encaram como uma publicação com bastante amenidades, e focada, principalmente, em ser uma "revista de fofoca" sobre o meio radiofônico.

Rodrigo Faour, que escreveu uma das primeiras obras sobre o periódico, nos diz que "a revista tinha os ingredientes certos para emplacar: não bastassem as informações em geral sobre a vida pessoal e artística das celebridades do momento, havia 'fuxicos' e um pouco de apelação em suas manchetes para atingir em cheio a curiosidade do povão" (FAOUR, 2OO2, p. 23).

Outras duas autoras que escreveram sobre a revista foram Doris Fagundes Haussen e Camila Stefenon Bacchi (2001), que analisaram alguns editoriais da década de 1950, na tentativa de demonstrar se os conteúdos estavam alinhados com a proposta da

[5] A primeira estação de rádio no Tocantins foi empreendida por um político que na época era prefeito da cidade de Porto Nacional, o que me levou à conclusão de que houve interesses políticos envolvidos, visto que tradicionalmente era a família Ayres da Silva que trazia para o antigo norte goiano os equipamentos e construções tidos como "modernos". Como esta família há muito estava fora do jogo político (desde o primeiro governo Vargas), houve um rearranjo no poder local, o que se evidenciou no fato da primeira estação de rádio ter sido inaugurada em 1968, época em que Antônio Poincaré Andrade governava aquela cidade (a família Andrade até hoje se encontra na vida política).

direção do periódico. Sobre os conteúdos, "observa-se que há a tentativa de evidenciar uma vida 'família', em que os (as) artistas mostram as suas casas, filhos, lazer" (HAUSSEN e BACCHI, 2001, p. 2), não fugindo, novamente, da lógica de que o periódico se preocupava apenas em ater-se a assuntos relacionados à vida privada dos artistas de rádio.

Um outro trabalho encontrado foi de Carlos Gregório dos Santos Gianelli (2016), no qual ele apresenta como o periódico está organizado no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Gianelli indica algumas potencialidades em se utilizar de revistas como fonte, dentre elas "é o fato de que as revistas no Brasil sempre tiveram uma grande capacidade de se articular com as questões do cotidiano" (GIANELLI, 2016, p. 16).

O que observei a partir da leitura dos trabalhos sobre a *Revista do Rádio* é que, quase todos os autores e autoras concordam que este é um periódico que não oferece nada além de entretenimento e fuxico sobre os artistas de rádio. Sobre essa questão, Gianelli afirma que "restringir a *Revista do Rádio* à mera 'revista de fofoca', como dá a entender as reportagens a respeito do livro de Faour, é simplificar demais todas as possibilidades de análise de tal periódico" (GIANELLI, 2016, p. 18).

Natascha Stefania Ostos (2014) sinalizou que a historiografia que aborda as "revistas mundanas" como fontes de pesquisa, geralmente, enxerga esses periódicos como somente capaz de fornecer aos historiadores conteúdos relacionados à publicidade, propaganda e, segundo a autora, "com pouca frequência elas sustentam investigações dedicadas aos fenômenos políticos e quando isso ocorre tende-se a privilegiar a análise das charges ali contidas" (OSTOS, 2014, p. 17).

Percurso teórico-metodológico

O período que aqui será analisado é considerado um momento de grande rearranjo político no âmbito nacional. Com a queda do Estado Novo, o país vivenciou o que na historiografia ficou

conhecido como "experiência democrática" brasileira. A *Revista do Rádio* acompanhou de perto, sobretudo as eleições que trouxeram Vargas novamente à presidência, estampou entrevistas com artistas enfatizando suas preferências políticas, publicou caricaturas de Getúlio Vargas com seu irreverente sorriso, divulgou fotografias.

Portanto, optei por recortar o período que antecede a campanha eleitoral, mais precisamente o período de 1948, até o ano de 1954, quando o mandato de Vargas se findou, seguindo a sugestão de Lucília de Almeida Neves, quando diz que "dessa forma, para o historiador, a definição de cortes cronológicos é tão fundamental quanto a escolha do próprio tema ou objeto de pesquisa" (NEVES, 2001, p. 170), pois a demarcação temporal, seja ela décadas ou alguns poucos anos, é também definidora do próprio tema a ser pesquisado.

A fonte principal, como já se sabe, é a *Revista do Rádio*, no entanto, foi analisado outras revistas que tinham como especialidade tratar de assuntos referentes ao rádio, para efeito de comparação. Levei em conta, a todo momento, as sugestões teórico-metodológicas da historiadora Tânia Regina de Luca quando nos diz que "é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural" (LUCA, 2005, p. 132).

A autora também advoga que para analisar uma revista, por exemplo, como fonte histórica, é necessário considerar o contexto de produção e circulação do material em questão. Ana Luiza Martins argumenta que antes de partir para análise das "páginas revisteiras", é importante que haja preliminarmente uma crítica exaustiva dela por parte do pesquisador. A autora também nos diz que "texto, imagem, ilustrações, reclames e seções - em princípio, independentes de análise mais profunda - evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar" (MARTINS, 2003, p. 60).

Lia Calabre concorda que os anos 1950 são usualmente conhecidos como a "idade de ouro do rádio" (CALABRE, 2002). E

este foi um dos motivos para a escolha de nosso recorte temporal: deslocando nosso enfoque para o "auge" da radiofonia brasileira, encontramos inúmeros radialistas que passaram a pleitear os assentos da "gaiola de ouro", termo cunhado pelos próprios radialistas referindo-se à Câmara Legislativa. Acredito, portanto, que os editores da *Revista do Rádio*, guiados por suas opções e opiniões políticas, estamparam por diversas vezes o quão benigno seria que aqueles e aquelas que eram os "companheiros diários" dos indivíduos – no caso os radialistas e artistas de rádio - fossem também seus representantes políticos.

Logo, a finalidade principal deste trabalho é acompanhar, por meio do semanário, como se deu a aproximação dos radialistas e demais artistas de rádio com a esfera política, bem como analisar as razões que levaram estes profissionais a atuarem no campo político, e se em alguma medida a revista contribuiu para que as "vozes" que soavam no rádio alcançassem também os palanques.

No primeiro capítulo, apresentarei a história e a trajetória da *Revista do Rádio,* bem como suas principais características, temas, os públicos aos quais se dirigia. Esse capítulo também se destinará a fazer um panorama das revistas de rádio no Brasil, no intento de inserir o periódico aqui pesquisado dentro de um universo dos impressos radiofônicos e compreender as razões de seu sucesso em detrimento dos demais.

No segundo capítulo, discutirei as imagens e as representações engendradas pela revista sobre as mulheres do rádio. Levando em conta o contexto, o periódico deixava bem claro quais eram os lugares que as mulheres radialistas e artistas de rádio deveriam ocupar. No entanto, a revista, ao que tudo indica, deixou escapar as trajetórias de radialistas mulheres que participaram e atuaram politicamente.

O terceiro capítulo teve como intento apresentar as tradições, culturas e linguagens políticas da *Revista do Rádio,* bem como da classe dos radialistas. Analisarei os números que tratam especificamente da Associação Brasileira de Rádio e do Sindicato

dos Radialistas, expressões organizativas dos "trabalhadores do rádio" que dialogavam com a cultura política trabalhista.

Já no quarto capítulo, me deterei sobre as relações estabelecidas entre radialistas políticos e Getúlio Vargas, que no período aqui delimitado, retornou à presidência, e que recebeu dos radialistas um amplo apoio, alguns até mesmo foram seus "cabos eleitorais". Embora a *Revista do Rádio* não deixasse evidente seu apoio a Vargas, ela, ao optar por estampar fotografias, editoriais, entrevistas, notícias de maneira sistemática sobre este personagem, de alguma forma, traduziu seu alinhamento com o retorno de Getúlio Vargas ao poder.

Por fim, no quinto capítulo serão analisadas as trajetórias dos radialistas propriamente "políticos", ou seja, homens e mulheres que trabalhavam como radialistas, artistas do ramo radiofônico, que também se colocaram como candidatos e candidatas nas eleições de 1950. A intenção é evidenciar, através da Revista do Rádio, quais foram as formas de aproximação e os intentos da classe de radialistas em participarem da esfera política.

CAPÍTULO 1 - NO AR, O RÁDIO POR ESCRITO: POR UMA HISTÓRIA DA *REVISTA DO RÁDIO*

As revistas, que desde o final do século XIX, estavam, segundo Ana Luiza Martins (2003), encontrando seu lugar no mundo dos impressos, já se apresentavam com aspectos muito distintos dos já conhecidos jornais. O possível interesse em tornar periódicos revisteiros como fontes de análises históricas se dá pela característica que a fundamenta, pois "todos os seus componentes, aparentemente corriqueiros – formato, papel, letra, ilustração, tiragem – sugerem indagações que prenunciam a carga de historicidade presente nas, hoje, velhas e amarelecidas publicações" (MARTINS, 2003, p. 60).

No alvorecer da República brasileira e ao longo do século XX, surgiram inúmeros títulos das mais variadas temáticas para públicos distintos, uns com vida longeva, outros que não emplacaram como gostariam. Assim, em revistas esportivas, religiosas, políticas, para e sobre mulheres, não faltou conteúdo. Porém, o que demarca a história dos impressos no Brasil é a ausência de um público leitor consolidado.

Seja pelas altas taxas de analfabetismo, ou pelo passado escravocrata, ou pela tardia implantação de instrução pública, as revistas, que precisavam de gente para folheá-las e compreender o que nelas vinha, encontraram inúmeros obstáculos para permanecerem circulando. Conforme Baptista e Abreu (2010), as revistas no final do século XIX tinham algo em comum, pois

> Tiveram existência muito curta. A falta de recursos e de assinantes fez com que algumas delas fossem obrigadas a circular apenas uma ou duas vezes, além do que, contavam com uma tiragem muito baixa. Entre elas, as revistas recordistas em permanência no mercado editorial brasileiro à época "duraram", no máximo, um ou dois anos (BAPTISTA e ABREU, 2010, p. 3).

Desse modo, no desenrolar das transformações técnicas e gráficas, as revistas passaram a utilizar como estratégias de vendas e cooptação de público o uso (e abuso) de imagens, fotografias e ilustrações. Visto que demoraria ainda para se resolver a problemática do analfabetismo, a utilização desse recurso servia como principal forma de alcançar um público cada vez mais amplo. Ainda sobre essa questão,

> A fotografia passa a ter lugar de destaque junto aos periódicos nacionais a ponto de, em 1900, surgir *A Revista da Semana*, especializada em fazer reconstituições de crimes em estúdios fotográficos instaurando, assim, no mercado brasileiro de revistas, um modelo que veio para ficar: veículos recheados de ilustrações e fotos atraentes aos olhos do consumidor (BAPTISTA e ABREU, 2010, p. 4).

Ainda, segundo Martins (2003), a imagem tornou-se mais eficaz que a letra, ganhando assim nas páginas revisteiras um espaço privilegiado e a principal maneira de entregar a mensagem proposta. Desse modo, "sua mensagem atingia indistintamente o letrado, o semialfabetizado e até o analfabeto. O alcance foi imenso, levando-se em conta a força da imagem, sempre procedente no conjunto, da esfera do simbólico (MARTINS, 2003, p. 77). O caso mais emblemático e que alterou significativamente o mercado revisteiro no Brasil foi a criação da revista *O Cruzeiro*, fundada em 1928 por Assis Chateaubriand, tornando-se o periódico de maior circulação nacional.

Já no contexto da década de 1950, as revistas se consolidaram e passaram a ter público e alcance ampliado, conquistando lugar de destaque no mundo dos impressos, sobretudo por conta do período histórico no qual está situado, cujo fim da ditadura do Estado Novo e a volta da liberdade de imprensa contribuíram significativamente para o fortalecimento do jornalismo como empresa.

Por conseguinte, não deixando de levar em consideração que nessas transformações, os impressos não deixaram de participar

calorosamente dos debates políticos, podendo inferir que as revistas, por exemplo, circulando em um tempo favoravelmente democrático, estampavam suas opções e opiniões políticas.

Assim, as revistas foram incorporadas pelos historiadores "como suporte rico e diversificado de documentos, síntese privilegiada de instantâneos reveladores de processos históricos, representação material de práticas de consumo, usos e costumes" (MARTINS, 2003, p. 60).

A autora destaca que ao delinear as revistas como fonte para compreensão de processos históricos, se faz importante, primeiramente, encarar o aspecto da segmentação, que é traço constitutivo dos impressos que circulavam no período aqui delimitado. O que isto significa? Que as revistas especializadas pretendiam atingir um público específico, "que entende do assunto", ou no neste caso, que compreendia sobre rádio.

A *Revista do Rádio* se enquadra como uma revista especializada, e ainda de acordo com editor-chefe deixou evidente no primeiro número, o periódico pretendia ser totalmente voltado aos assuntos radiofônicos. Porém, ela não foi a única que também tinha essa pretensão. Antes mesmo dela, surgiram inúmeros outros títulos que, acredito, serviram de base e inspiração para que Anselmo Domingos criasse sua própria revista de rádio.

Logo, o intuito deste capítulo é realizar, primeiramente, um panorama histórico das revistas radiofônicas, apresentar os principais aspectos dos periódicos, sob o intuito de demonstrar que já existia uma "tradição" de impressos que tratavam sobre o meio radiofônico e como, direta ou indiretamente, os elementos encontrados na *Revista do Rádio* se relacionavam e dialogavam com esse universo dos periódicos sobre o rádio.

1.1. As precursoras da *Revista do Rádio*

A primeira transmissão radiofônica no Brasil ocorreu oficialmente em 1922, e não demorou muito tempo para que surgissem revistas especializadas sobre o rádio. Essas publicações

"pretendiam inicialmente satisfazer o interesse informativo dos primeiros aficionados do rádio, e seu conteúdo editorial apresentava principalmente assuntos relacionados à radiodifusão, de cunho técnico e científico" (ADAMI e DIAS, 2019, p. 267).

Logo, os primeiros títulos criados com o intento de falar sobre o rádio, acompanharam, simultaneamente, os primeiros passos da radiodifusão, bem como, estampavam em suas páginas conteúdos relacionados aos procedimentos puramente técnicos e científicos do respectivo meio de comunicação.

Duas revistas foram criadas nesse contexto: *Radio* (1924) e *Electron* (1926). Ambas, destinavam ao seu público, seleto e específico, temáticas que divulgavam, a partir de critérios científicos, questões sobre o rádio. Segundo o primeiro editorial do *Rádio,* que pertencia à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a estação foi criada para determinadas finalidades, dentre elas:

> A Rádio Sociedade fundou-se para propagar no Brasil o T.S.F. como elemento da cultura popular. Manterá para seus sócios uma biblioteca, um laboratório e uma estação de telefonia, que diariamente espalhará por grande parte do território nacional informações científicas e industriais, conferencias literárias, a poesia e a música (RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO, 1924, p. 1, apud. ADAMI e LUCAS, 2019, p. 271).

O nome sugestivo da revista *Electron* também evidenciava o teor temático que o periódico se propunha. Desse modo, era publicada bimestralmente, passou a circular em 1926, e "assim como a *Rádio*, a Revista *Electron* era distribuída aos associados e comercializada em pontos de venda localizados em diferentes estados brasileiros" (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 271). Pertencia à rádio *Mayrink Veiga*, o que era traço comum das primeiras revistas radiofônicas: eram periódicos ligados especificamente a uma estação radiofônica, sendo porta-vozes oficiais dessas estações, estampavam os estatutos, legislações, tudo referente à

radiodifusão. No entanto, o recorte temático também se limitava à estação à qual se filiavam.

Outro lugar-comum das primeiras revistas sobre o rádio, segundo Newton Dângelo, é que "a grande maioria de seus editores eram provenientes do universo editorial impresso, ainda distantes de um padrão e linguajares mais afinados com o meio radiofônico" (DÂNGELO, 2013, p. 3). Ou seja, os editores, escritores e articulistas desses periódicos não eram radialistas, ou indivíduos que trabalhavam no ramo, o que fazia desses números uma avaliação jornalística sobre o rádio.

No ano de 1938 foi criada a Revista *Pranove*, periódico oficial da Rádio Mayrink Veiga, que "era vendida em bancas de jornal ou distribuída via assinatura. Em seu conteúdo editorial, apresentava cantores e compositores consagrados e contratados pela emissora, cujas imagens estampavam as capas de suas edições" (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 273), ela não poupou esforços para destinar seu apoio político a Vargas. Na edição 18, o jornalista Gilson Amado, teceu a seguintes palavras:

> Herói sem empasse, coração sem orgulho, intérprete de forças mais altas, o Presidente [Vargas] vai modelando a história pátria, com gestos mansos, como um escultor sereno que, distraído dos frívolos rumores ouve apenas a confidencia intima do destino, murmurando-lhe a inspiração do bem público.[6]

A política, que era tema pouco tratado ou quase não aparecia nas revistas radiofônicas, passava, na década de 30, a ter espaço nas folhas impressas sobre o rádio. Vale ressaltar que a censura tomou conta das produções artísticas, radiofônicas e impressas durante a ditadura do Estado Novo, não deixando, claro, de considerar que o aparato repressivo não fez com que urgissem, entre artistas de rádio, vozes que destoavam do tom varguista.

Mas, em linhas gerais, os meios de comunicação precisavam dançar conforme a ditadura vigente: valorização do trabalho,

[6] Revista PRANÓVE, n. 18, novembro de 1939, p. 33.

patriotismo exacerbado (tais como no trecho acima) e a prévia censura de tudo que fosse contrário ao projeto político estadonovista. Em contrapartida, também nesse período, o rádio passou a ter um alcance exponencialmente amplo, chegando aos lugares mais longínquos, levando o "trabalhismo" a todos os cantos do país (GOMES, 2005). Na medida em que o sistema radiofônico ia crescendo, paralelamente, se emoldurava a figura paterna e benigna de Vargas.

Já na década de 1940, surgiram outras revistas especializadas em rádio, dentre elas, a *Radiolar* e a *Rádio Visão.* A primeira foi criada nos embalos da popularidade da Rádio Bandeirantes, estação paulista, que "apontava a dimensão dessa fase da popularização dos artistas radiofônicos e do papel das revistas especializadas" (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 273).

Assim, circulou até 1951 e trazia em sua capa fotografias de artistas radiofônicas e seguia o caminho pelo qual revistas sobre o rádio trilharam: estampava em seus números notícias sobre a vida dos artistas de rádio, publicava imagens, possuía em seu escopo editorial a proposta de ser uma "revista moderna de rádio para seu lar", além de colunas voltadas ao público feminino (ADAMI e LUCAS, 2019).

Já a *Rádio Visão,* lançada em 1947, seguia as mesmas tendências das páginas revisteiras sobre o rádio. O que mais chama atenção é o fato de que Anselmo Domingos era colaborador da revista. Escritor de novelas radiofônicas, e pelas informações contidas no periódico, gozava de grande simpatia no meio onde trabalhava. Tanto que, na data de lançamento da *Revista do Rádio,* recebeu elogios por parte da revista em que outrora atuava.

Certamente, Anselmo levou suas experiências como cronista radiofônico para o periódico do qual ele mesmo, em 1948, seria diretor-chefe. Pode-se imaginar também que, provavelmente, era um assíduo leitor das revistas radiofônicas, o que também, acredito, agregou para a *Revista do Rádio*, elementos que já existiam no universo dos impressos especializados sobre o veículo,

sobretudo a questão dela se colocar como uma revista para o rádio em geral, sem fazer acepção de uma estação ou outra.

Em síntese, as revistas especializadas em rádio, desde a década de 1920, acompanharam a trajetória do veículo. Se no início, os periódicos dedicavam suas páginas a tratar de assuntos puramente técnicos e científicos sobre o então recém-chegado meio de comunicação, nos "anos dourados", as revistas estampavam quase que unanimemente sobre a vida íntima de artistas radiofônicos. Essa transformação editorial ocorreu, dentre várias razões, pela mudança no caráter essencial do rádio: diante da possibilidade de inserção da propaganda e publicidade, o veículo tornou-se amplamente comercial.

Com o crescente número de estações radiofônicas criadas nos anos 1930 e 1940, o interesse do público-leitor alterou, ansioso pela vontade de saber mais sobre a vida dos artistas, em conjunto das agências de publicidade que também anunciavam nas revistas, as temáticas sofreram significativas mudanças, tendo a *Revista do Rádio*, inserida nesse contexto, a mais longeva trajetória no universo dos impressos radiofônicos.

Entretanto, a revista de Anselmo não foi o único semanário a debater sobre os assuntos do rádio: em 1952, foi criada a *Radiolândia*, que seguia os parâmetros de sua principal concorrente: estampava na capa fotografias de artistas, trazia "fofocas" da vida íntima de cantores e cantoras, noticiava sobre temas concernentes ao rádio.

Logo, "pode-se perceber que as colunas da Revista *Radiolândia* apresentavam características semelhantes às da *Revista do Rádio*, fazendo com que as publicações se apresentassem como concorrentes no período (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 275). Até mesmo suas carreiras no mundo dos impressos tiveram semelhanças: ambas publicaram até os anos 1970, e na década de 50, passaram a não só falar sobre rádio, mas também sobre a televisão. Não obstante, a *Revista do Rádio*, sem dúvidas, foi o semanário que mais fez sucesso, visto que ela vinha com a proposta de "falar com maior abrangência de assuntos referentes ao rádio brasileiro, já que na época essas informações vinham

diluídas em algumas páginas de jornais [e revistas]" (FAOUR, 2002, p. 18, *grifo do autor*).

As revistas antecessoras ao periódico de Anselmo tiveram vida curta, e sua contemporânea não conseguiu circular com a tamanha proporção a ponto de desbancá-la. Respeitado escritor de novelas religiosas, ele utilizou das mais diversas estratégias para fazer de sua revista um grande sucesso. A próxima seção deste trabalho pretende apresentar a história da *Revista do Rádio*, destacando suas principais características, temáticas, seções, debates, e principalmente, suas estratégias para que sua revista se tornasse uma referência sobre e para o rádio.

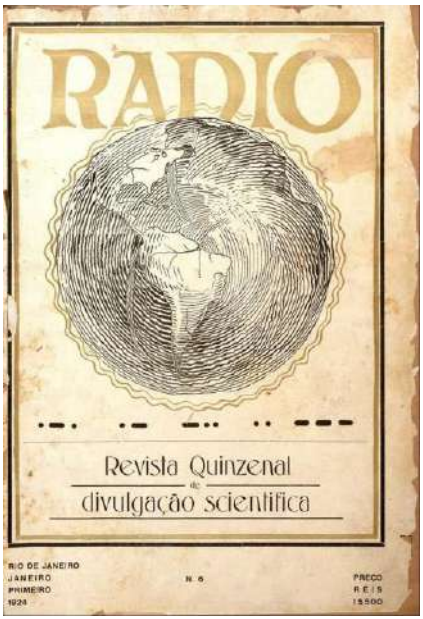


Imagem 1: Capa da revista *Radio,* primeira edição (janeiro) de 1924. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Imagem 2: Capa da revista *Electron*, segunda edição, 1926. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Imagem 3: Capa da revista *Pranove*, primeira edição, de 1938. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Imagem 4: Capa da revista *Radiovisão*, primeira edição, de 1947. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

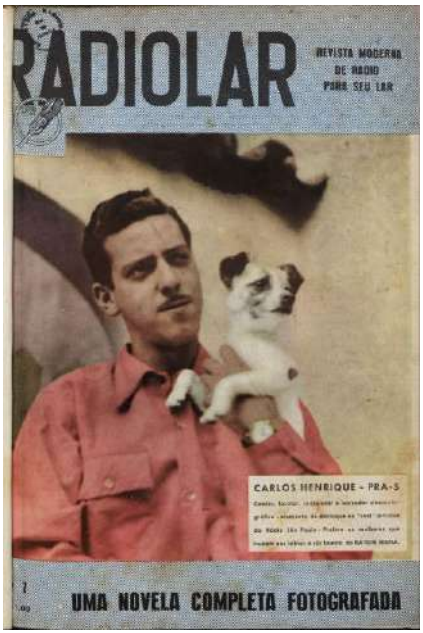


Imagem 5: Capa da revista *Radiolar*, primeira edição, de 1947. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Imagem 6: Capa da revista *Radiolândia,* primeira edição, de 1952. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

1.2. A *Revista do Rádio*

A *Revista do Rádio* foi, em sua época, uma das maiores revistas especializada em assuntos radiofônicos. Tinha por diretor-chefe Anselmo Domingos, radialista e escritor de radionovelas, que também foi o responsável pela criação do periódico. Ela passou a circular em fevereiro de 1948, e teve uma duradoura trajetória no mundo dos impressos, vindo a ser chamada na década de 1960 de "*Revista do Rádio* e TV".

A capa da revista, geralmente, vinha com fotografias dos artistas de rádio ou radialistas, em sua maioria, mulheres, seguindo a trilha de suas antecessoras, que também estampavam "cartazes" do rádio, o periódico de Anselmo estreou deixando evidente "para

que veio": a primeira capa da *Revista do Rádio* foi uma fotografia de Carmen Miranda, considerada na época, a "rainha do rádio".

Na entrevista concedida por Carmen para o periódico, ela revelava um pouco de sua vida nos Estados Unidos, o que também foi um dos pontos mais explorados: a vida privada de artistas do rádio. Vale ressaltar o quão significativo era fundir a ideia de ser uma revista para o rádio trazendo em seu primeiro número a artista mais cotada do período, sem deixar de mencionar, claro, as cifras que essa entrevista poderia fornecer aos bolsos dos editores do periódico.

O editorial vinha geralmente na terceira página e era escrito por Anselmo Domingos, onde ele trazia suas opiniões sobre o que estava ocorrendo nos bastidores do universo radialista, mas não se restringia a isso, chegando até mesmo comentar sobre assuntos políticos, econômicos, tudo que tivesse algo de "radiofônico". Após o editorial, eram publicadas notícias sobre radialistas, artistas de rádio, estações, trazendo as principais programações, eventos e novidades da "gente do rádio".

De acordo com Rodrigo Faour (2002), o editorial era um dos poucos espaços na revista dedicados a tratar de assuntos "mais sérios". E, de fato, é possível constatar que Anselmo Domingos mudava o tom e o compasso que fazia de seu periódico essencialmente para o entretenimento do público: nele, o editor-chefe aproveitava para debater sobre assuntos que atravessavam a vida de artistas, cantores e demais pessoas ligadas ao rádio.

Especialmente nos anos 50, a temática que orbitava o rádio e radialistas era a política: alguns trabalhavam como cabos eleitorais, outros se candidataram, e Anselmo dedicou também alguns de seus editoriais para minuciar sobre essas questões. Nas palavras de Faour,

> Falar da casa, do cotidiano, do salário, com direito ao contraste entre informações relevantes e fofocas. Tudo isso estava na Revista do Rádio. Mas, além de todas essas colunas que procuravam desvendar intimidades e o padrão social e financeiro dos artistas, havia outras

> de tom mais sério, como o editorial – muitas vezes conservador – escrito por Anselmo Domingos (FAOUR, 2002, p. 45).

O conjunto de assuntos "relevantes" e amenidades sobre a vida privada dos artistas é digno de ser apontado, no sentido de que os pesos e medidas de ambos eram, na revista, desiguais. Os números que se dedicaram a falar diretamente sobre assuntos políticos, por exemplo, são poucos, se comparados com outras temáticas que caracterizavam o que o periódico considerava importante de ser publicado.

Era uma revista, portanto, o principal objetivo de seus editores era que ela fosse vendida. Então, o que era estampado possuía o intuito de atingir os corações, mentes, e principalmente, a curiosidade de quem a lia. Porém, até mesmo quando se percorrem as matérias consideradas por Faour como "superficiais", por conseguinte, indignas de serem analisadas com mais afinco, observa-se que elas poderiam servir para compreender o vocabulário político e cultural da revista.

Sendo assim, tudo (ou quase tudo) que estava relacionado ao universo dos radialistas, fosse público ou privado, era estampado nos números da revista, que até o final dos anos 1940 era publicada mensalmente, e que se tornara semanal em março de 1950, chegando a ter uma tiragem média de 50 mil exemplares por mês.

Segundo Faour, "nesse momento, a redação se muda para um sobrado na rua de Santana, amplia um pouco suas instalações e deixa de ser tão restrita ao que ocorria nas rádios cariocas, passando a ter uma dimensão nacional" (FAOUR, 2002, p. 29), publicando notícias voltadas aos demais estados, se consagrando, cada vez mais, naquele período, como uma revista de todas as rádios.

Conforme Ana Paula Ribeiro (2003), a década de 50 foi um divisor de águas no fazer jornalístico brasileiro: a imprensa, gradativamente, foi abandonando seu estilo literário, opinativo (e até mesmo combativo) e passou a se inspirar nos moldes estadunidenses. Ainda segundo a autora, "a imprensa foi deixando de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da

experimentação estilística e começou a ser pensada como um lugar neutro, independente" (RIBEIRO, 2003, p. 148).

Noutras palavras, a imprensa brasileira continuava levantando bandeiras, debatendo, opinando, orientando seus leitores e leitoras sobre os mais diversos assuntos políticos, econômicos e sociais, e no caso da *Revista do Rádio*, não seria diferente. O que mais se verifica ao folhear o periódico é a escancarada parcialidade, tanto de Anselmo com seus editoriais muitas vezes "conservadores", quanto de quem escrevia na revista. Ainda segundo Ribeiro (2003), não havia nenhuma contradição nessa configuração, qual seja, de entrecruzar as novas técnicas de diagramação e editoração com as velhas práticas de debater e opinar sobre a política.

1.3. Folheando os temas em destaque

A *Revista do Rádio* se sintonizou com os mais diversos temas que gravitavam o meio radiofônico, sobretudo aos que estavam na "boca do povo" ou situações que poderiam despertar a curiosidade dos leitores e leitoras do periódico. No decorrer do final dos anos 40 e início dos anos 50, inúmeros acontecimentos marcaram a trajetória do rádio, bem como dos meios de comunicação em geral. Sucessos que fizeram história na revista, cantoras que abrilhantaram as estações e as folhas impressas, como foram os casos de Marlene e Emilinha Borba, que de acordo com Rodrigo Faour, foram as estrelas do rádio mais citadas no então semanário.

Um dos assuntos que gostaria de destacar foi a construção do Hospital do Radialista. Na edição 14 de 1948, Anselmo escreveu em seu editorial que

> Foi, não há que negar, uma grande ideia de Vitor Costa, a de fazer-se a eleição da "Rainha do Rádio" por meio de votação popular a razão de 1 cruzeiro o voto. Ao fim da apuração final a Associação Brasileira de Rádio tinha arrecadado um milhão de cruzeiros, dos quais, deduzidas as despesas, ficará um animador saldo para início

de uma obra humanamente bela: **a construção de um hospital para os radialistas**.[7]

E assim, ao longo dos anos 1950, o periódico acompanhou a saga da construção desse hospital, informando aos leitores e leitoras desde o início, de onde vieram os recursos para o início da empreitada, no caso, o que se arrecadava do concurso das Rainhas do Rádio, parte era destinado para o erguimento do hospital, considerado por Anselmo como uma "obra humanamente bela".

No concurso da Rainha do Rádio que ocorreu em 1951, quase todas as menções ao certame, vinham também com a cartilha de que o valor arrecadado seria revertido integralmente para a construção de um hospital para os radialistas. Ao que tudo indica, era de interesse dos editores do periódico que se fixasse a relação concurso/hospital. As reportagens sobre o caso eram recheadas de elogios, tanto para as rainhas, quanto para o presidente da A.B.R., Vitor Costa. A respeito dessa questão, Maria Luisa Rinaldi Hupfer (2009) revela que a *Revista do Rádio*

> Não poupava adjetivos para o então presidente Vitor Costa, a quem, segundo ela, se deve a iniciativa do concurso de Rainha do Rádio e dos Bailes do Rádio, a construção do Hospital dos Radialistas e uma Caixa de Aposentadorias e Pensões. Oficialmente, os concursos de Rainha do Rádio tinham por objetivo arrecadar fundos para a construção do Hospital dos Radialistas. E por isso, foram reeditados a partir de 1948 pela ABR (HUPFER, 2009, p. 41).

E a revista, ao mesmo tempo que detalhava os pormenores do concurso, fazia comentários que enalteciam o empreendimento tramado pela diretoria da ABR, responsabilizando Vitor Costa como o grandioso homem do rádio à frente de algo digno e louvável aos olhos do periódico, tal qual aparece em uma reportagem sobre a trajetória da associação. A cronista radiofônica Cecília Loureiro escreveu que

[7] Revista do Rádio, n. 14, abril de 1949, p. 3.

> No entanto, a "Associação Brasileira de Rádio" é uma realidade. Tem a sua sede e está envidando os maiores esforços para a construção do **Hospital do Radialista; uma obra gigante**! Só mesmo criaturas com grande tenacidade e perseverança poderiam continuar a realização de tão nobre ideal. Isso tudo e mais a luta que tem de travar a todo instante com os derrotistas, pessimistas que nada produzem e nem querem que os outros o façam.[8]

A empreitada era tão vangloriada pelo semanário, que em determinada ocasião, em 1951, na edição 80, foi noticiado a entrega das medalhas de ouro para os vencedores e vencedoras do concurso promovido pela própria revista "Os melhores do Rádio". O periódico comentou que

> Alguns dos artistas vencedores, (entre os quais Francisco Alves e Emilinha Borba) achavam que se deveria realizar esse grande espetáculo radiofônico em proveito da REVISTA DO RÁDIO. Imediatamente recusamos. E fizemos mais: oferecemos a ideia a Manoel Barcelos, presidente da A.B.R. para que realizasse **o espetáculo em benefício do Hospital do Radialista**, revertendo toda a renda bruta para os cofres da associação. E assim será.[9]

Toda e qualquer oportunidade que a revista tinha para tratar do assunto, estava lá o periódico de Anselmo para não deixar esquecer da "obra humanamente bela", qual seja, o Hospital do Radialista. No trecho acima, o que o periódico quer deixar evidente era o tamanho envolvimento em que ele possuía com a causa. E, assim, a revista foi noticiando os passos trilhados pela ABR para a construção do hospital.

Em uma entrevista concedida para revista, o radialista Carlos Brasil mencionou a tamanha dificuldade de angariar fundos para a compra do terreno, e assim, "diante da situação, sugere a REVISTA DO RÁDIO que a ABR faça um apelo ao presidente Getúlio Vargas,

---

[8] Revista do Rádio, n. 74, 6 de fevereiro de 1951, p. 43.

[9] Revista do Rádio, n. 80, 20 de março de 1951, p. 7.

pedindo um pedaço de terra para a construção do hospital, desde que o local tem sido o maior obstáculo à realização dessa meritória obra".[10]

No ano seguinte, 1952, mais especificamente no dia 20 de setembro, de acordo com o periódico, foram inauguradas as obras do hospital, que ficariam localizadas na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. No número 158, o editorial seguiu com a notícia de que a inauguração dessa obra seria acompanhada por Getúlio, o que traz indícios de que, possivelmente, Vargas estava, mais uma vez, estreitando laços com a classe dos radialistas.

Os anos que se passaram até a finalização da obra vinham recheados de promessas estampadas no periódico, anúncios de que o governo federal, em 1954, destinou verba pública para a finalização da obra. O conjunto das notícias relacionadas ao Hospital do Radialista moveu, de maneira significativa, paixões, visões e entendimentos políticos, visto que, envolveu parte dos poderes executivos, tanto a nível municipal e até mesmo federal.

Depois de árduos anos de espera e expectativa perante o empreendimento mais aguardado pela classe, eis que no dia 13 de junho de 1959, a revista publicou a seguinte matéria:

> Logo depois de inaugurar o Hospital do Radialista, o presidente Juscelino Kubitschek se dirigiu ao 9º andar daquele magnífico centro de saúde. Ali o aguardavam, ansiosamente, todos os "Melhores do Rádio e da TV", eleitos no tradicional certame da REVISTA DO RÁDIO. Acompanhado de Manoel Barcelos e do ministro Mário Pinotti, Sua Excelência tomou seu lugar no auditório do hospital da A.B.R., iniciando a cerimônia da entrega das medalhas de ouro, oferecidas pela A.B.R, àqueles que souberam merecê-las.[11]

Vargas esteve presente no começo da obra e Juscelino na inauguração. Sessa forma, revelam, em maior ou menor grau, o envolvimento que o rádio possuía com a política. Rádio e política, ao que tudo indica, sempre caminharam juntos.

---

[10] Revista do Rádio, n. 86, 1 de maio de 1951, p. 44.

[11] Revista do Rádio, n. 508, 13 de junho de 1959, p. 52.

Nesse mesmo dia, JK (Juscelino Kubitschek) havia feito uma promessa de que a próxima entrega de medalhas para os Melhores do Rádio ocorreria em Brasília, onde seria a nova capital federal. Esse concurso era promovido pela própria revista de Anselmo Domingos desde o ano de 1951, e pode ser considerado um dos assuntos mais comentados pelo periódico.

Sobre essa questão, Rodrigo Faour nos diz que, embora a revista versasse sobre a vida íntima de artistas de rádio e se destacasse por isso, ela também soube "interagir com o seu público e até mesmo com os artistas. Foram criadas promoções da própria revista para exaltar os artistas do rádio, estabelecendo prêmios para os melhores do ano" (FAOUR, 2002, p. 47).

O concurso dos melhores do rádio, elegendo via voto dos ouvintes, pode ser considerado uma dessas fórmulas encontradas pela revista para emplacar no mercado revisteiro, estimulando a comunicação direta com os leitores e leitoras, e conquistando os corações da classe de artistas de rádio, locutores, pessoas que direta ou indiretamente estavam ligados ao meio, na medida em que o certame era uma maneira de valorizar a categoria. Concursos como esse geravam sentimentos de pertença e unidade junto a uma classe, a dos radialistas, dos "trabalhadores do rádio".

Talvez por isso que o prêmio, quase sempre entregue pelas mãos dos presidentes da República, perdurou ao longo dos anos 50 e 60, tornando-se uma espécie de tradição da revista, cada vez mais consolidada como uma referência especializada quando o assunto era rádio.

O concurso dos *Melhores do Rádio* foi noticiado, oficialmente, no número 66 de 1950, escrito pelo próprio editor-chefe. Sob suas palavras,

> Estamos iniciando o concurso para a escolha dos melhores do rádio dando forma a um velho projeto de premiar àqueles que mais corresponderam, principalmente, no progresso da radiofonia indígena. Nosso objetivo é o mais claro possível: não nos anima outro intuito que o de dar a Cesar o que é de Cesar. **O público saberá**

> **escolher os dez melhores dos diversos setores artísticos, premiando, através do seu voto, aqueles que realmente fazem jús à sua demonstração de apreço** [...] acreditamos, assim, que tocamos num ponto vital do rádio, movimentando algo de oportuno e necessário. Este o nosso espírito e o nosso programa. O concurso que iniciamos, "Os melhores do Rádio", saberá, por certo, encontrar a ressonância do ouvinte. O tempo nos mostrará essa verdade. E os artistas também.[12]

O concurso funcionava da seguinte maneira: o leitor ou leitora destacava um trecho que vinha em uma determinada página da revista. Nesse excerto, era possível colocar o nome de quem seria votado (o primeiro concurso só era possível eleger o melhor cantor e cantora do rádio) e o nome do votante. Poderia votar mais de uma vez e quantas vezes quisessem. Interessante observar a franca simpatia que a revista possuía com o exercício do voto, ensaiando algo semelhante ao que ocorria no contexto macropolítico nacional.

Os votos eram destinados ao prédio da revista, onde seriam computados por uma equipe selecionada pelo periódico, tendo forte apoio da Associação Brasileira de Rádio. A entrega das medalhas aos melhores do rádio era feita por meio de uma cerimônia solene realizada no prédio da associação.

A entrega das medalhas foi realizada, naquele ano, pelas mãos de Getúlio Vargas, então presidente da República. Na edição 146, a revista publicou inúmeras fotografias de Vargas juntamente com os artistas, sorridente, apertando a mão dos vencedores do concurso. No editorial do seguinte número, Anselmo escreveu que

> Apertando a mão de um por um, o presidente da República sorria, trazendo no sorriso uma palavra amável. Depois de a todos cumprimentar, dirigiu-se de maneira geral aos "Melhores" que ali se achavam e entre elogios bondosos, terminou: **"Se foi o povo que elegeu, isso é uma grande coisa e eu fico muito contente com isso. É a prova de que os senhores são realmente "Os melhores do rádio"**

[12] Revista do Rádio, n. 66, 12 de dezembro de 1950, p. 4.

> o povo é o melhor juiz [...] Em conclusão, leitores amigos, estas apreciações querem dizer que o presidente do Brasil que tanto se interessa pelo nosso rádio e pelos artistas, ratificou, de maneira expressiva, a escolha que vocês, leitores, fizeram dos "Melhores".[13]

A presença de Getúlio, a entrega das medalhas por suas próprias mãos para os vencedores e vencedoras do concurso, o aperto de mão, revelam uma simbiótica e harmoniosa relação estabelecida entre radialistas e a figura varguista. Além disso, o concurso dos melhores do rádio pode ser considerado uma das diversas estratégias de cooptação do público leitor da revista, além de conquistar a simpatia do pessoal do rádio, que, certamente, nesse período, já encarava o semanário como o principal porta-voz do meio radiofônico, o rádio por escrito.

Ainda seguindo as palavras do editor-chefe, ele escolheu evidenciar que o presidente da República se interessava pelo "nosso rádio", o que de fato, é válido, quando se considera que a relação entre Getúlio e meio radiofônico remonta ao período histórico denominado "Era Vargas". As ondas do rádio quase sempre foram utilizadas como motor das ações varguistas em seu primeiro governo.

Logo, a classe dos radialistas possuía grande simpatia por Getúlio. Acredito que reportagens iguais as que foram citadas acima oferecem um novo panorama para pensar o periódico radiofônico, não apenas como uma revista de "fofoca" ou de meras amenidades, mas que contém conteúdo e debates políticos, tanto para dentro do rádio, quanto para fora dele.

[13] Revista do Rádio, n. 146, 2 de setembro de 1952, p. 50).

Imagem 7: Capa da Revista do Rádio, primeira edição, de 1948. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

S. MAJESTADE JULIE JOY
AOS SEUS SÚDITOS — E FANS:

ÊSTE HOSPITAL É UM PARAISO!

Julie Joy fez questão de conhecer, até por dentro, tôdas as máquinas do majestoso hospital da ABR.

PODEM os radialistas se orgulhar do seu hospital, um dos maiores e reais modernos do mundo, fruto, principalmente, do trabalho e dedicação de Manoel Barcelos, incansável presidente da Associação Brasileira de Rádio. O hospital está situado na Rua Cesário Alvim, esquina com a Rua David Campista, no bairro de Botafogo. Terá 100 leitos, além de 10 apartamentos, com ar condicionado, 36 quartos com banheiros, 34 quartos com banheiros conjugados e 5 enfermarias, com 4 leitos, cada. As obras começaram em 1952 e todos os esforços vêm sendo desenvolvidos para que o estabelecimento seja inaugurado agora, a 21 de setembro, no Dia do Rádio. Apuramos que o nome a ser dado é Hospital dos Radialistas, mas extra-oficialmente sabemos que há um movimento de homenagem ao presidente da classe, pretenden-

Imagem 8: Reportagem sobre o Hospital do Radialista, n. 465, 1958 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

NO HOSPITAL DOS RADIALISTAS, DEPOIS DE SUA INAUGURAÇÃO,

PELA TERCEIRA VEZ O PRESIDENTE JUSCELINO ENTREGOU AS MEDALHAS AOS MELHORES DO RÁDIO E DA TV

● ANO QUE VEM SERÁ EM BRASÍLIA!

Manoel Barcelos, em nome da REVISTA DO RADIO, faz a entrega ao Presidente Juscelino Kubitschek do cartão de prata. Sua Excelência, agradece e felicita ao nosso Diretor Anselmo Domingos.

LOGO depois de inaugurar o Hospital do Radialista, o presidente Juscelino Kubitschek se dirigiu ao 9.º andar daquele magnífico centro de saúde. Ali o aguardavam, ansiosamente, todos os "Melhores do Rádio e da TV", eleitos no tradicional certame da REVISTA DO RADIO. Acompanhado de Manoel Barcelos e do ministro Mário Pinotti, Sua Excelência tomou seu lugar no auditório do hospital da ABR, iniciando a cerimônia da entrega das medalhas de ouro, oferecidas pela R.R. aqueles que souberam merecê-las. Antes, fizeram-se ouvir os srs. Henrique La Roque de Almeida e Mário Pinotti, que situaram o acontecimento daquele dia, de dupla expressão: a inauguração do hospital e a entrega do honroso prêmio. Depois, Manoel Barcelos chamou os "Melhores", que das mãos do Presidente, e debaixo do espocar de "flashs" e o rolar de filmes cinematográficos, receberam suas medalhas. Ao final, o chefe da nação teve palavras carinhosas para com a iniciativa e o Diretor desta revista, agradecendo-lhe a oferta de um cartão de prata com dizeres alusivos ao acontecimento. Sem protocolos e usando de uma linguagem cordialíssima, Sua Excelência salientou que, no próximo ano, o último do seu govêrno, faria questão de realizar a entrega das medalhas de ouro, oferecidas pela R. R., em Brasília! Vivamente aplaudido, o sr. Juscelino Kubitschek retirou-se, em seguida, após cumprimentar Anselmo Domingos pelo novo êxito da sua brilhante iniciativa.

● OUTRAS FOTOS NAS PÁGINAS SEGUINTES

Imagem 9: Inauguração do Hospital do Radialista e entrega das medalhas dos Melhores do Rádio e TV, n. 508, 1959 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

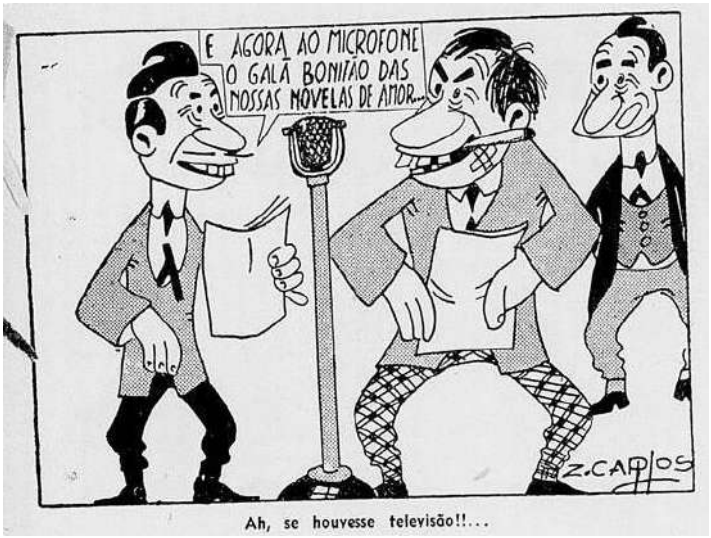


Imagem 10: Charge sobre a televisão publicada na seção "Feira de Amostras", n. 16, 1949 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

O então periódico se colocou desde sua criação como uma revista integralmente voltada ao universo radiofônico. Tudo que envolvia estações, programas, radialistas, artistas, era possível e passível de ser encontrada no maior semanário sobre o assunto daquele período. No entanto, é inegável o fato de que o periódico se entranhou muito mais com assuntos de foro íntimo e pessoal da classe radiofônica do que, necessariamente, sobre outras temáticas.

Outros temas aparecem, mas não com a mesma intensidade no que diz respeito às fofocas da vida dos artistas (e principalmente, das artistas femininas) do rádio. Portanto, é praticamente incontestável que a revista de Anselmo Domingos era, em nível alarmado, uma revista que se dedicava a falar sobre o universo privado da "gente do rádio", sobretudo as estrelas e "rainhas". Mas, nem só de amenidades vivia a revista. No próximo capítulo, tentarei demonstrar que até mesmo na superficialidade dos temas, é possível enxergar o universo cultural e política dos tais "anos dourados".

CAPÍTULO 2 – DO LAR À POLÍTICA: IMAGENS FEMININAS NA *REVISTA DO RÁDIO*

Dentre os aspectos primordiais de uma revista, a capa, talvez, seja um dos elementos mais relevantes. Ela precisa expressar em tela a mensagem principal que o periódico deseja comunicar. Como já observado por Ana Luiza Martins (2003), capa, diagramação, manchetes e outros aspectos que, aparentemente corriqueiros, podem relevar quadros analíticos historicamente importantes. No caso da *Revista do Rádio*, lançada em fevereiro de 1948, a capa inaugural apresentava Carmen Miranda, possivelmente a cantora de maior sucesso da época

E quem anunciava na revista? O que era estampado de anúncio no semanário? Durante a análise do periódico, foi observado com bastante frequência que anúncios e propagandas estavam localizados logo na segunda página, após a capa. Isso significa que, antes mesmo do editorial, a revista já apresentava um produto ou marca, principalmente de artigos para o lar.

João Lucas Trescentti (2020) observou que, em termos quantitativos, o tema mais anunciado na revista foram, sem dúvida, produtos direcionados ao público feminino, abrangendo desde cuidados pessoais até utensílios domésticos. De acordo com João Lucas, havia uma harmonia entre a revista, os anúncios e o público-alvo, tanto nos produtos promovidos quanto no conteúdo editorial.

Ao longo das páginas da revista, foram estampadas e, ao mesmo tempo, engendradas certas representações sobre mulheres, homens, política e sociedade. Apesar de sua finalidade e objetivo primário serem o entretenimento, as páginas impressas da revista de Anselmo também refletiam o retrato político e social de sua época.

Logo, o principal objetivo do presente capítulo é analisar os lugares femininos delegados às mulheres do microfone estampados na *Revista do Rádio.* Tentarei fazer uma leitura imagética dos lugares femininos no periódico, na medida em que

analiso quais foram as representações e os enquadramentos feitos pela revista para as mulheres, tanto as que estavam com o microfone quanto aquelas que eram leitoras do semanário. Por fim, irei apresentar artistas e cantoras que tentavam, a todo custo, fugir da lógica aplicada para elas, quais sejam, mulheres do rádio que também eram politicamente atuantes, dentro e fora das estações.

2.1. As "queridinhas" do rádio: Marlene e Emilinha

Para elas foram diversas capas, fotografias e entrevistas. Já no número 4 do ano de 1948, o periódico publicou uma reportagem feita com Marlene. Nas palavras estampadas na revista, "um nome que de repente ficou conhecido e apreciado e pertence a uma bonita morena, que canta e dança como ninguém: Marlene; sambista diferente que sabe sentir e interpretar a nossa música popular"[14]. De forma insistente, a revista mobilizou, em relação à figura de Marlene, uma imagem precisa sobre sua performance no cenário musical brasileiro: uma cantora diferente, não porque trazia conteúdos temáticos diferenciados em suas letras e canções, mas por conta de seu corpo, que sambava de forma única

Paola Borges, ao abordar o tema, comentou que "a insistência em retratar como uma artista diferente se limitava, no entanto, ao seu modo de cantar e dançar, não chegando de fato às interpretações das letras que ela gravava" (Borges, 2019, p. 64). Os sambas e as marchinhas de carnaval gravados por Marlene possuíam um caráter quase que denunciativo da situação de vida e do cotidiano da população em geral.

O samba de Marlene era diferente, porém, a imagem mobilizada pela *Revista do Rádio* se restringia apenas aos seus traços corporais. Nos anos de 1950, em uma outra entrevista, é citado que "Marlene gosta de ouvir música, muita música, popular ou não [...]

[14] Revista do Rádio, n. 4, Maio de 1948, p. 22.

Ela, porém, só canta sambas. Canta e requebra. E como requebra e canta bem!"[15].

Como já mencionado anteriormente, Marlene foi um dos nomes mais citados na revista, logo, tudo que envolvesse sua figura artística (e pessoal, principalmente) era copiosamente retratado no semanário, interessado em oferecer aos fãs da cantora o que mais desejavam saber. No entanto, as escolhas imagéticas feitas pelos editores da revista recaiam na maneira como se pensava sobre ser mulher ou cantora: elegantes, recatadas, que cultuassem os valores morais de sua época, como o casamento.

Marlene era bastante incisiva sobre essa questão, e o periódico, sabendo que não era casada, não deixava de especular sobre sua vida amorosa. Com relação a isso, na entrevista, foi perguntado que tipo de homem preferia, se loiros ou morenos, e a mesma, enfaticamente respondeu "eu acho que nós, mulheres, devemos dar mais valor às qualidades morais do homem do que ao seu tipo físico. E entre estas qualidades eu destaco a inteligência e a compreensão"[16]

O que se percebe é que as cantoras não compactuavam completamente com a lógica proposta pelo semanário, o que se evidencia em respostas certeiras como as de Marlene sobre seu tipo preferido de homem. A revista, como de praxe, não economizava tinta para aguçar a curiosidade e, ao mesmo tempo, expressar sua opinião sobre o estado civil da então Rainha do Rádio.

Ainda em 1950, surgiu um burburinho de que Marlene estaria noiva de Manoel Barcelos, locutor de rádio muito famoso na época. Isso não passava de boatos, que certamente foram alardeados pelo semanário de Anselmo para alcançar boas cifras. Sobre os boatos, eles foram desmentidos pelo periódico: "entretanto eles não estão noivos e, esta explicação se faz necessária para dissipar dúvidas [...] Quanto a Marlene continua solteirinha da silva… o resto é onda, ou boato"[17].

---

[15] Revista do Rádio, n. 24, fevereiro de 1950, p. 32.

[16] Revista do Rádio, n. 24, fevereiro de 1950, p. 33.

[17] Revista do Rádio, n. 26, 11 de março de 1950, p. 9.

Será que o fato de a cantora mais popular do rádio não ser casada incomodava os editores do periódico? Certamente que sim. O semanário apregoava com bastante intensidade os valores familiares, e ter no *mainstream* radiofônico uma popularíssima "solteirinha da silva" não parecia ser um bom item para se colocar no cardápio das representações femininas.

Imagem 11: Fotografia de Marlene, coroada rainha do rádio, n. 29, 1950. (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Emilinha Borba também foi um dos nomes mais citados no periódico, mobilizando uma série de imagens que, conjuntamente às demais, formularam ideias e ideais do que se esperava das mulheres, tanto do meio radiofônico, quanto para além dele. Na primeira entrevista feita com Emilinha, ela informou que "um dos mais sérios problemas na vida de uma mulher é o matrimônio. Por isso, sou francamente favorável ao casamento. Se já não me casei, foi unicamente por ainda não ter tido a oportunidade"[18]

Corroborava, assim, com os valores conservadores e com aquilo que Rodrigo Faour (2002) chamou em seu livro de "moral dos anos 50", que enxergava o matrimônio como algo indispensável, principalmente para as mulheres. Tanto que Emilinha entendia o casamento como algo bastante problemático, talvez no sentido de que certamente deveria ser uma gigantesca pressão social, sobretudo para as cantoras do rádio.

Emilinha deixava claro que o casamento não estava fora do horizonte de suas expectativas, o que retroalimentava a forma como as mulheres leitoras tinham que imaginar suas vidas - o casamento como algo ideal e inevitável.

A cantora também recebia fartos elogios por parte da revista, principalmente pelo que ela representava para a música brasileira. Na edição 21, Emilinha foi estampada na capa e, juntamente com ela, Anselmo escreveu no editorial que "Emilinha Borba é indiscutivelmente, um dos maiores cartazes femininos no rádio brasileiro. O mérito de sua popularidade está na maneira diferente com que ela interpreta a música popular do Brasil"[19].

Foi a cantora que mais esteve presente nas capas da revista (cerca de 75 vezes). De fato, Emilinha foi um grande ícone da radiofonia brasileira dos anos 1950, mas, para o semanário de Anselmo, ela provavelmente representava a imagem construída sobre o que se esperava de uma mulher: recatada, dedicada ao lar e devota aos valores familiares.

---

[18] Revista do Rádio, n. 9, novembro de 1948, p. 13.

[19] Revista do Rádio, n. 21, novembro de 1949, p. 3.

Imagem 12: fotografia de Emilinha Borba, n. 5, 1948 (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Por ser uma cantora alçada como uma das maiores do ramo radiofônico, certamente mobilizava ações, comportamentos e visões de mundo que divergiam das normas de representação impostas sobre o ser feminino. Nesses casos, a revista realizava uma espécie de 'acerto de contas', retratando Emilinha e as demais artistas radiofônicas como mulheres solteiras, porém à procura de seu par romântico.

Logo, a cantora que mais emplacou discos na época não poderia deixar de ser formatada pelo semanário como uma mulher romântica, cujo maior sonho era exatamente aquilo que lhe faltava. Anos depois, em 1956, foi publicada uma matéria na revista sobre o aparecimento em público de seu esposo, algo que raramente ocorria. A revista fez questão de destacar que a artista "casada, Emilinha deu ao seu lar o máximo de seu amor e ternura. Queriam os fãs que ela e seu esposo aparecessem em público. Para aplaudi-los com a sua admiração mais sincera"[20].

2.2. A separação de Dalva de Oliveira e Herivelto Martins

A separação de Dalva de Oliveira e Herivelto Martins foi também assiduamente acompanhada pelas páginas da revista de Anselmo Domingos. Na edição de outubro de 1948, estampou-se a notícia de que "Dalva e Herivelto não se desquitaram"[21]. Era uma entrevista, na qual perguntaram a Herivelto se os rumores da separação (também chamada de 'desquite') eram verdadeiros. Alegando que não havia "fundamento" para tais boatos, ele comentou que era feliz com sua esposa e que "o resto é onda". Uma questão intrigante me chamou a atenção em relação à maneira como a revista tratou do assunto: a voz de Dalva foi pouco ou quase nunca ouvida pelos editores do periódico.

A revista, inclusive, cravou elogios a despeito da figura de Herivelto, "o brilhante compositor de tantos sucessos da nossa

[20] Revista do Rádio, n. 377, 1 de dezembro de 1956, p. 4.

[21] Revista do Rádio, n. 8, outubro de 1948, p. 9.

música popular e principal responsável pelo Trio de Ouro, que desse modo, viera dissipar todas as dúvidas em torno desses terríveis boatos"[22]. O fato do periódico credibilizar a situação sob o ponto de vista de Herivelto, em detrimento da Dalva de Oliveira. O fato de o periódico credibilizar a situação sob o ponto de vista de Herivelto, em detrimento de Dalva de Oliveira, mencionada apenas como 'sua esposa', revela, novamente, quais eram os papéis que a revista destinava às mulheres do microfone. Para os homens do rádio, brilhantismo e elogio; para elas, as artistas, silêncio.

Dalva decidiu prosseguir com sua carreira, mesmo realizando shows fora do país, e ao retornar, ela entraria em uma batalha judicial para desquitar-se de Herivelto. Em sua entrevista para o periódico, ela afirmou: "É a pura verdade. Pretendo me desquitar de Herivelto o mais rápido possível". Além disso, a cantora ressaltou que estava "imensamente feliz, com minha mãezinha, meus dois filhos, moro no bairro de Noel Rosa e não pretendo mais nada a não ser criar meus filhos e amparar os meus"[23]. Na mesma matéria, abaixo de uma fotografia de Dalva, havia a frase "Dalva de Oliveira, brevemente desquitada".

O contraste traçado pela revista, destilando pomposos elogios para Martins, e em contrapartida, enquadrando a cantora a partir de sua situação conjugal, é bastante perceptível. Segundo Mariane Carla Fonseca, que em sua dissertação sobre o caso, comentou que

> O fardo do matrimônio falho, da incapacidade de sustentar os pilares familiares tendia a cair sob os ombros da mulher. No caso de Dalva de Oliveira, tal possibilidade foi fortalecida por cobertura midiática e ataques públicos do ex-marido, que começaram musicados e constituíram, na Era de Ouro, a briga radiofônica mais célebre da história da MPB (Fonseca, 2014, p. 29).

Um olhar mais atento, sem se deixar levar pela forma como a mídia impressa conduziu as informações, seria fácil cair no samba

[22] Revista do Rádio, n. 8, outubro de 1948, p. 9.
[23] Revista do Rádio, n. 29, 1 de abril de 1950, p. 22.

de Herivelto. Era significativo o espaço que os impressos davam ao sambista, em detrimento das poucas vezes que Dalva fora entrevistada. O tom era levado a convencer os leitores que Herivelto não tinha culpa alguma por todo embaraço.

Claro, a separação do casal rendeu altíssimos lucros, tanto para os dois envolvidos, quanto para suas gravadoras, e ainda mais para as páginas de jornais e revistas que dedicaram suas letras para falar do assunto. O sofrimento de Dalva virou canção, lucro, páginas impressas, produto cultural. E a revista de Anselmo, um semanário especializado em falar da vida de artistas radiofônicos, ao mesmo tempo que tratava sobre a temática, demonstrava também quais eram os enquadramentos culturais utilizados para definir os conceitos de família, casamento, homem, mulher e desquite.

Dalva de Oliveira emplacou sucessos um atrás do outro. Enquanto isso, Herivelto continuou com o Trio de Ouro, agora com uma nova integrante, o que também rendeu uma entrevista para a revista. O periódico chegou a comentar: "Dalva de Oliveira está provando, que mesmo sozinha, ela é um grande cartaz da música popular brasileira"[24]. Em 1951, Dalva de Oliveira recebeu o prêmio de 'Rainha do Rádio', consolidando sua posição como uma das cantoras radiofônicas mais proeminentes de seu tempo.

[24] Revista do Rádio, n. 62, 31 de outubro de 1950, p. 39.

Imagem 13: Entrevista com Dalva de Oliveira sobre a separação, n. 29, 1950
(FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Imagem 14: Entrevista com Herivelto Martins sobre a separação, n. 38, 1950
(FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

Ainda sob a emoção do resultado do pleito, Dalva de Oliveira abraça o nosso diretor Anselmo Domingos. Logo abaixo, rodeada de fans, amigas e admiradoras que foram a ABR assistir ao final das apurações

★

Desfecho sensacional teve o concurso para a escolha da nova Rainha do Rádio. Num ambiente de intensa expectativa, ao qual não faltaram várias surpresas, procedeu-se, sábado 27, á ultima apuração do certame que elegeu Dalva de Oliveira, a nova favorita dos rádio-ouvintes de todo o Brasil. Do resultado, interesse e emoções do certame, trazemos, aqui, alguns detalhes.

Logo de início do cômputo dos votos, entendeu-se que a "batalha" seria entre Dalva de Oliveira e Marilena Alves. Pelo volume dos pacotes entregues por uma e outra os prognósticos se dividiram. Aparentemente tranquila, Marilena tomava assento à mesa da contagem, enquanto que Dalva de Oliveira, chegando mais tarde e carregada em triunfo por um gru-

DALVA É A RAINHA!

po de fans, preferia "torcer" numa sala contigua. As primeiras apurações, então, foram evidenciando as hipóteses de início. Conservando a dianteira de outras apurações, Marilena alcançou, neste pôsto, a sexta urna, quando sua rival, numa "disparada" impressionante, arrebatou-lhe o primeiro lugar. Mas, havia muito que se contar... e o concurso não estava decidido, ainda

Já próximo do final da apuração, quando outra vez seu nome aparecia no primeirissimo lugar Dalva de Oliveira abriu caminho entre a multidão, acompanhada de seus dois filhos, para assistir aos derradeiros instantes do certame. Foi então que os fans não se contiveram: manifestações, aplausos e abraços frenéticos partiram de todos os lugares, num desagravo público á cantora que sofria pelos jornais, ataques e injúrias de seu ex-marido. E nesse ambiente de emoções foi que o nosso diretor Anselmo Domin-

Imagem 15: Notícia sobre a coroação de Dalva Oliveira como Rainha do Rádio, n. 74, 1951. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

No entanto, a *Revista do Rádio* se interessava em publicar os acontecimentos da vida íntima de Dalva de Oliveira, desde seus desentendimentos com Herivelto Martins até o incidente em que foi 'roubada'. Por exemplo, houve um dia em que sua residência foi furtada, e a reportagem destacou esse evento,

> Cercada de uma porção de pessoas, Dalva de Oliveira não sabe a quem imputar e apenas se sente desolada pois, como disse a um amigo, vem sofrendo uma tenaz perseguição de inimigos gratuitos que depredam seu automóvel **e até chegaram ao ponto de apedrejá-la quando deixava um cinema do subúrbio**, depois de se apresentar em um festival.[25]

A impressão que tenho é que a revista não se solidarizava na mesma medida quando se tratava de outros assuntos. As letras frias da reportagem que denunciavam o apedrejamento da rainha do rádio se limitaram em apenas anunciar o que ocorreu. Além disso, é importante analisar as imagens utilizadas ao abordar as mulheres do rádio. Elas eram enquadradas dentro das expectativas sociais, e aquelas que fugiam desse padrão eram alvo de "apedrejamento", segundo o semanário.

Os anúncios, fotografias, concursos e outros elementos serviam como pontos de encontro e contato das representações femininas. Dentro do espaço radiofônico, as mulheres tinham papéis muito bem delineados: cantoras, donas de casa, casadas, românticas, recatadas, sem ultrapassar essas fronteiras. Nas palavras de Paola Giuliana Borges, ao falar sobre a construção das imagens das cantoras na *Revista do Rádio*, comentou que

> As tentativas de colocação dessas cantoras, por exemplo, como mulheres que, mesmo com uma vida profissional atribulada, estavam à procura de um casamento feliz com um homem dos sonhos eram recorrentes na publicação. A partir do momento em que o casamento acontecia, a rotina doméstica do casal se tornava um dos

[25] Revista do Rádio, n. 78, 6 de março de 1951, p. 5.

> assuntos principais da revista, que não poupava especulações sobre filhos e felicidade conjugal (Borges, 2019, p. 74).

Esse conjunto de representações que definia as cantoras do rádio como mulheres em busca do amor foi exaustivamente explorado pelo semanário de Anselmo, especialmente quando se descobriu que Dalva iria se casar novamente. Obviamente, a notícia foi apresentada com ênfase no 'desquite'[26].

Como observado por Paola Borges, o ideal do casamento pesava mais nos ombros das mulheres, e a revista não deixou seus leitores esquecerem que sua nova rainha do rádio estava divorciada, caminhando para um segundo relacionamento, o que certamente não era bem-visto aos olhos conservadores da *Revista do Rádio.*

As desventuras de Dalva não passaram nenhum pouco despercebidas pelos editores do periódico, que acompanharam todas as infelicidades vividas pela majestade radiofônica. Uma delas foi o dia em que foi autuada pela polícia do Rio de Janeiro por dirigir sem a devida habilitação. Segundo a reportagem, ela tentou utilizar o título de 'rainha do rádio' para livrar-se da multa. De acordo com a notícia,

> Diante das declarações da estrela, o guarda adiantou então que ela estava convidada a comparecer diante do comissário de serviço para ser autuada. Conforme afirmou na delegacia, o guarda em questão, **Dalva teria ainda promovido um grande escândalo na via pública, demonstrando estar, talvez, alcoolizada.** No auge da discussão que se originou entre o representante do Major Côrtes e a cantora, ela teria tentado suborná-lo e o policial não viu outra solução senão prendê-la por desacato e tentativa de suborno![27]

[26] Revista do Rádio, n. 112, O título da reportagem foi "O novo casamento de Dalva de Oliveira, depois do desquite", 30 de outubro de 1951, p. 10.
[27] Revista do Rádio, n. 83, 10 de abril de 1951, p. 5.

A suposição de embriaguez não é feita ingenuamente. Talvez tenha havido uma tentativa de delimitar uma suposta representação feminina: já que ela estava 'desquitada' e prestes a se casar novamente, sua vida deveria ser 'representada' como infeliz, sem rumo ou norte, embriagada. As precisões que sustentavam essas imagens das mulheres nos anos 1950 encontravam respaldo na realidade e jorravam abundantemente nas páginas da *Revista do Rádio*.

Mulheres românticas, em busca de seu par, e quando não, eram retratadas como abandonadas à própria sorte. No caso de Dalva, apesar de ser a rainha do rádio e emplacar canções que marcaram sua carreira, a revista escolheu apresentar sua outra face, o oposto, que estava em total consonância com as imposições para as mulheres: se não estivessem casadas ou solteiras, não estariam plenamente felizes.

2.3. Mulheres do rádio também fazem política: o caso de Eladir Porto

Embora a *Revista do Rádio* enquadrasse as mulheres do microfone em determinados aspectos morais, alinhados ao lar, casamento e família, houve algumas que se destacaram no periódico por possuírem outros atributos. Foi o caso de Eladir Porto, cantora de rádio, que, no contexto estudado aqui, estava, segundo o semanário, passando uma temporada na Argentina, mas que retornou ao Brasil para se tornar uma das mais importantes 'cabos eleitorais' na campanha de Vargas para a presidência.

Seu adjetivo na revista era 'Estrela Morena', encantando os ouvintes com seus boleros e tangos. No entanto, também foi uma assídua participante da campanha varguista, fazendo política e, de alguma forma, destoando das representações engendradas pelo periódico de Anselmo.

A revista realizou uma entrevista com a cantora assim que ela chegou ao Brasil. Quando perguntada se retornaria à Argentina, Eladir respondeu que "penso, realmente, em voltar à Argentina.

Não agora, pois, como boa brasileira, cônscia dos seus deveres cívicos, esperarei as eleições de outubro vindouro, para votar em Getúlio Vargas ou Adhemar de Barros"[28].

O vocabulário da cantora, bastante preciso, direto, politicamente distinto dos que costumeiramente são apresentados pela revista, como dito anteriormente, ia na contramão das representações formuladas pelo próprio periódico. Ao mesmo tempo, a revista não deixou de estampar as opiniões e os feitos de Eladir Porto no contexto da campanha de Vargas em 1950. Na mesma entrevista, a cantora revelou que iria gravar uma marchinha para a campanha getulista.

Ao que tudo indica, o periódico era timidamente favorável ao retorno de Getúlio. Não houve um posicionamento aberto e formalizado, porém, era notório que a revista se interessava em dar mais espaço para artistas de rádio que fossem getulistas. Foi o caso de Eladir. Em quase todas as vezes que a "estrela morena" aparecia no periódico, ela deixava bem claro em qual candidato votaria para presidência. Em uma reportagem que a revista fez com inúmeros artistas, sob o título "O rádio está com Getúlio?", Eladir Porto

> **lança um apelo aos artistas de rádio que sejam admiradores de Getúlio Vargas para que todos, congregados, trabalhem pela vitória dele.** A simpática artista está desenvolvendo suas atividades políticas no escritório eleitoral do Dr. Lutero Vargas […] No próximo número publicaremos a letra da Marcha "V de Vargas" de Sá Roris, que Eladir Porto vem cantando com grande sucesso.[29]

Na mesma reportagem, foi mencionada a forma como Eladir estava "trabalhando" para o retorno de Vargas, qual seja, emprestando sua voz, organizando shows e comícios, utilizando as páginas da revista para pedir aos artistas de rádio que tornassem admiradores de Getúlio. Creio que essa relação poderia ser considerada aquilo que mais aproximou o rádio da política. Numa

[28] Revista do Rádio, n. 28, 25 de março de 1950, p. 17.

[29] Revista do Rádio, n. 37, 23 de maio de 1950, p.38.

edição ainda do período da campanha presidencial, a revista estampou que

> Na azáfama tremenda do escritório central do Comitê Pró Getúlio Vargas, no burburinho dos partidários mais distintos, entre pacotes de cédulas, fotografias de candidatos e cartazes coloridos, lá está ela, a morena dos olhos tentadores e linhas suaves, num vai-e-vem apaixonante, indo ao microfone, cuidando da campanha de donativos, orientando seções, ouvindo, falando dos mais variados problemas. **Essa criatura dinâmica, de olhar cintilante e gestos democráticos, essa figura magnífica de militante idealista, chama-se: Eladir Porto.** Sim, meus amigos, essa mesma Eladir Porto, estrela do nosso rádio, intérprete maliciosa do samba, a quem já nos acostumamos a aplaudir.[30]

A configuração imagética de Eladir Porto era integralmente diferenciada em comparação com as demais artistas de rádio, por pelo menos duas razões mencionadas anteriormente: na maioria dos casos em que a revista abordava as mulheres do rádio, suas opiniões e preferências políticas raramente eram consideradas. Além disso, as imagens, menções e fotografias das mulheres radiofônicas, em sua maioria, exaltavam curvas e corpos, deixando pouco espaço para que expressassem suas opiniões sobre questões políticas, por exemplo.

[30] Revista do Rádio, n. 55, 26 de setembro de 1950, p. 38.

ELADIR PÔRTO

TRABALHA PELA VITÓRIA DE GETÚLIO

A ESTRÊLA MORENA DO RÁDIO E A SUA CAMPANHA PRÓ GETULIO – LOCUTORA DE PRAÇA PÚBLICA E ORADORA POLÍTICA – UMA EXPRESSÃO RADIOFÔNICA E UMA VONTADE INABALÁVEL

Texto de Manézinho Araújo

Na azáfama tremenda do escritório central do Comité Pró Getúlio Vargas, no borborinho dos partidários mais distintos, entre pacotes de cédulas, fotografias de candidatos e cartazes coloridos, lá está ela, a morena de olhos tentadores e linhas suaves, num vai-e-vem apaixonante, indo ao microfone, cuidando da campanha de donativos, orientando seções, ouvindo, falando, numa preocupação constante dos mais variados problemas.

Essa criatura dinâmica, de olhar cintilante e gestos democráticos, essa figura magnífica de militante idealista, chama-se: Eladir Pôrto. Sim, meus amigos, essa mesma Eladir Pôrto, estrêla do nosso rádio, intérprete maliciosa do samba, a quem já nos acostumamos a aplaudir.

Se, inspirada pelo ideal artístico, na sua interpretação o samba ganha requintes primorosos de brasilidade, as palavras elevam-se ao grau mais

Ao lado de um painél onde figura destacadamente o retrato do senador Getulio Vargas, Eladir Pôrto faz o clássico V da Vitória. Ela é tão devotada à causa trabalhista que abandonou até a sua carreira artística para trabalhar pela eleição de Getulio.

Imagem 16: Notícia sobre o apoio de Eladir Porto à campanha presidencial de Vargas em 1950, n. 55, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Este não era o caso de Eladir Porto, cujos "olhos tentadores e linhas suaves" foram destacados pela notícia, assim como seus "gestos democráticos". Além disso, a forma como Eladir era apresentada fugia de uma lógica depreciativa; era quase respeitosa, até mesmo poética, um "vai e vem" que, aos olhos da revista, era "apaixonante". Parecia que a revista de Anselmo Domingos tinha um carinho especial pela "estrela morena", que não mediu esforços para usar e abusar do espaço nas páginas de sua revista para fazer campanha política.

Em relação às reportagens e entrevistas de Eladir Porto na revista, sua presença marcante na campanha presidencial de Getúlio talvez tenha sido bem explorada pelo semanário devido ao simples fato de se tratar de Vargas. Ou seja, duas figuras que Anselmo provavelmente tinha certo apreço, Vargas e Eladir, foram juntas estampadas nas mesmas páginas; fotografias de Getúlio com a "estrela morena" e a divulgação da marchinha pela revista. O periódico simpatizava com a "voz penetrante" tanto de Eladir quanto de Vargas. Ainda sobre a cantora, o periódico mencionava que,

> **Ela vem sendo a trabalhista de todas as horas.** Está sempre à frente da organização dos "shows" artísticos, comparece a todos os comícios, sobe os morros e envereda pelas favelas humildes, falando entusiasticamente às populações mais necessitadas, levando-lhes conforto da perspectiva de um Brasil melhor. Quando vocês ouvirem pelo alto-falante de uma caminhonete do PTB, que percorre a cidade, uma voz feminina, penetrante e incisiva, [...] o nome de Getúlio Vargas, por mais incrível que parece, essa voz é ainda a voz incansável da estrela morena Eladir Porto[31]

Cabe salientar que, novamente, a imagem forjada de Eladir nas páginas do semanário destoava completamente de todas as outras artistas femininas. Ainda que evocasse a tonalidade de sua pele ou das características marcantes de sua voz, ela era encarada também como uma "trabalhista" de todas as horas. Política e universo

[31] Revista do Rádio, 1950, n. 55, p. 38.

radiofônico, imbricados nas ações de uma personagem atuante e completamente ativa no então cenário de retorno de Getúlio ao poder. Bem quista no periódico radiofônico, ao que parece, Eladir Porto liderava e coordenava uma campanha esplendorosa. Conectado com a situação política do período, o semanário faz questão de mencionar que Eladir Porto falava para a multidão sob a perspectiva de um "Brasil melhor".

Além da marchinha cantada por Eladir, a revista também publicou uma série de fotografias da cantora "trabalhando" piamente na campanha getulista. Na edição 55, a artista é flagrada fazendo um sinal "V" com os dedos, símbolo da campanha varguista. Ao fundo, é possível ver um cartaz gigantesco de Getúlio Vargas. O semanário mencionou o fato de que a cantora praticamente abandonou sua carreira para se dedicar ao retorno do "velho outra vez". Trabalhista de todas as horas, getulista de corpo e alma. Numa outra entrevista, ela comentou que,

> Em 1945, quando Dutra tomou posse, eu trabalhava na Rádio Nacional. Nessa época já tinha certeza de que Getúlio Vargas se candidataria à Presidente da República em 1950, voltando ao Catete e nunca escondi o meu ponto de vista. E, claro que pouca gente compartilhava de minha opinião e, depois de uma série de incidentes, vi-me forçada a arrumar minhas malas e seguir para a Argentina. **Por quê? Apenas em virtude de ser getulista.** Quatro anos depois, voltei ao Brasil e **ofereci os meus préstimos ao PTB para lutar pela volta de Getúlio Vargas**.[32]

Ela saiu da Rádio Nacional, emissora que se tornou "estatal" nos anos getulistas. A volta de Eladir Porto foi celebrada no periódico, além de suas ações em prol da campanha varguista de 1950 não serem mascaradas, pelo contrário, veementemente exploradas nas páginas radiofônicas, revela o quanto que Eladir Porto era bem-vista no meio radiofônico. A cantora, na mesma entrevista ainda comentou que

[32] Revista do Rádio, n. 77, 27 de fevereiro de 1951, p. 22.

> Lutava eu sozinha, encontrando pouco apoio de meus colegas, quando soube que Ari Vizeu também era getulista e estava disposto ao combate pelo PTB. **Entramos em contato e enquanto eu visitava os bairros, numa caminhonete do PTB, enfrentando as maiores dificuldades, pois até mesmo um alto-falante foi um sacrifício para instalar, contando somente com o apoio do povo**. Ari Vizeu batalhava pelo microfone da PRC-8, também grandemente prejudicado.[33]

A cantora revelou pontos importantes sobre as formas pelas quais os artistas de rádio se envolveram com a política. Primeiro, usando suas próprias vozes literalmente, em duas frentes: visitando bairros ou utilizando as estações de rádio para fazer campanha. Foi o caso de Ari Vizeu, colega radialista de Eladir Porto, que juntamente com a cantora, fez de suas vozes instrumentos políticos para o retorno de Vargas ao poder.

Eladir nomeia a forma de fazer campanha como "batalha" através do microfone, que era prejudicada pela própria emissora de rádio, que ou não era getulista, ou queria que sua estação fosse "neutra". No entanto, é interessante observar que os movimentos dos artistas de rádio iam muito além da maneira como a revista os retratava, e que o mesmo periódico deixava escapar, ainda que de forma esparsa, as posturas políticas desses artistas.

A *Revista do Rádio* reportou, ainda em 1951, o retorno de Eladir Porto para a Rádio Nacional. É curioso observar que seu retorno à presidência e o candidato que a "estrela morena" apoiou em uma campanha assídua coincidiram com o período em que ela retomou suas atividades artísticas. Será que Eladir foi movida por interesses pessoais? Será que ela era realmente a "trabalhista de todas as horas"? O que podemos deduzir do que foi relatado pela revista é que houve, nesses casos, dois retornos triunfais dignos de nota para a revista de Anselmo: o de Vargas para a presidência e o de Eladir Porto para a Rádio Nacional. Como uma fervorosa getulista, Eladir Porto, ao que tudo indica, foi generosamente recompensada por

[33] Revista do Rádio, n. 77, 27 de fevereiro de 1951, p. 23.

seu envolvimento na campanha vitoriosa de Vargas em 1950, retornando para a mesma emissora em que alcançou grandes sucessos em sua carreira.

Eladir Porto foi se distanciando do PTB, e a revista, que dava amplo espaço para a cantora, aos poucos, também deixou de falar sobre seus feitos. Notícias pontuais foram estampadas, mas nada comparado à variedade de reportagens e fotografias durante a campanha presidencial. No entanto, permaneceu um padrão semelhante, ou seja, estampar as preferências políticas de Eladir, que se movia para uma posição de contraposição em relação ao governo varguista. A primeira menção sobre essa questão foi na seção *Rua da Pimenta*, onde foi dito o seguinte: "Ouvi dizer que Eladir Porto deixou o PTB e ingressou no PSD. Que decepção teve a cantora para assumir tal atitude? E como se perde assim, sem mais nem menos, um elemento do valor dela?"[34]

Getúlio, ao retornar ao poder, enfrentou um cenário completamente oposto ao dos anos 1930, o que acarretou um governo marcado por crises e dissidências. A postura de Eladir, ao afastar-se da legenda petebista, refletiu o descontentamento não apenas dela, mas também de muitos outros radialistas, cada vez mais distantes de Vargas.

Eladir não apenas se afastou de Vargas, mas também lançou-se como candidata à vereança da cidade do Rio de Janeiro. A revista comentou que "Eladir Porto concorrerá às eleições municipais em 54. A cantora da Rádio Nacional disputará um assento no legislativo carioca, na chapa do Partido Democrata Cristão. Com as simpatias e popularidade que desfruta é certo que será eleita vereadora"[35]

Algo na representação feminina das artistas radiofônicas não se alinhava com o que era noticiado sobre Eladir. Como visto no trecho acima, publicado um ano antes das eleições municipais, as adjetivações para a cantora (simpatia e popularidade), segundo o

[34] Revista do Rádio, n. 146, 24 de junho de 1952, p. 16.
[35] Revista do Rádio, n. 214, 13 de outubro de 1953, p.8.

periódico, poderiam ser suficientes para garantir sua vitória no pleito. A revista, ao falar de artistas de rádio que concorriam a cargos políticos, quase sempre o fazia de forma elogiosa, até sugerindo que estes (ou estas) fossem os candidatos preferidos de seus leitores e leitoras. O mesmo ocorreu com a cantora.

No entanto, em outro contexto, mais para o final do segundo governo Vargas, o que antes ocupava três páginas na revista foi reduzido a apenas um pequeno comentário em uma caixa de texto, sem muito destaque. No entanto, é significativo observar que a 'estrela morena' era retratada como uma mulher, uma artista de rádio, interessada pela política. Havia poucas menções sobre seu corpo, vida íntima ou casamento. Ao abordar a figura de Eladir, a revista a colocava em um lugar diferente das demais: uma artista que se interessava tanto pela política a ponto de se candidatar ao cargo de vereadora.

ESPETACULAR A VOLTA DE ELADIR PORTO À RÁDIO NACIONAL! •

Depois de uma ausência de quase seis anos, Eladir Porto voltou, afinal, ao contacto com os seus fans brasileiros. Deixando a Rádio Nacional em 1945, a cantora morena foi para a Argentina, conquistando, ali, sucesso absoluto. Getulista ferrenha, ela voltou ao Rio quando do lançamento da candidatura do líder trabalhista à Presidência da República, participando, ativamente, da propaganda eleitoral. Vitoriosa a campanha que abraçara com entusiasmo indescritível, Eladir voltou à sua condição artística, ingressando na mesma emissora que alcançára os grandes sucessos de há alguns anos. Sua reaparição na PRE-8, por isso mesmo, cercou-se de um enorme carinho dos fans, que ansiavam pela sua volta, e que não regateou aplausos ao seu regresso ao microfone!

Eladir fêz "reentrée" no programa "Gente que Brilha", escrito pelo Paulo Roberto, num dia em que o auditório da Rádio Nacional parecia estourar de público! Entre as altas autoridades presentes ao seu programa, notavam-se, inclusive, o representante do Presidente da República, o senador Alencastro Guimarães, Comissões do Catete, da Câmara, etc. Eladir, simpática e talentosa, soube fazer admiradores e fans entusiastas, de tôdas as camadas sociais. Nos clichês, diversos flagrantes de sua reaparição na PRE-8.

QUASE ESGOTADO!

Teve a melhor das acolhidas, por parte dos leitores, o livro que Nestor de Holanda escreveu, glosando as "gaffes" mais singulares do rádio. Apesar de sua grande tiragem, essa edição da REVISTA DO RÁDIO já se encontra quase esgotada, sobrando poucos exemplares nos jornaleiros de todo o Brasil. Os próprios artistas do microfone receberam o livro com extraordinária simpatia, sorrindo com as suas histórias curiosas e realmente engraçadas. Jorge Veiga, que aparece nas "Anedotas do Rádio", tornou-se um dos maiores fans do livro de Nestor de Holanda — mostrando-nos do seu entusiasmo, na gravura, ao lado do autor e de Julie Joy, outra que não regateou boas gargalhadas ao li-

REVISTA DO RÁDIO

Imagem 17: Reportagem sobre o retorno de Eladir Porto à Rádio Nacional, n. 146, 1952. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Ao que tudo indica, os editores da revista não perdiam a oportunidade de enquadrar e formatar o lugar que as mulheres deveriam ocupar social e politicamente, dentro e fora dos palcos, longe ou perto dos microfones. As mulheres do rádio eram inseridas em uma receita pronta de felicidade matrimonial, para assim, servirem de exemplo para as leitoras da revista.

E, se ainda não eram casadas, como no caso de Marlene e Emilinha, suas imagens eram mobilizadas dentro do periódico como mulheres apaixonadas à procura de seus cônjuges. Apesar da semelhança, ambas representavam tipos sociais diferentes: Marlene a mulher mais emancipada e Emilinha a mulher mais "doméstica". Esse conjunto tenso de representações estava presente nas páginas da *Revista do Rádio*, gerando formas de comportamentos sociais, sobretudo para o público feminino.

Embora não se possa afirmar que todas as representações femininas na *Revista do Rádio* fossem semelhantes àquelas destinadas a Eladir Porto, de alguma forma, o conservador semanário de Anselmo Domingos ocasionalmente deixava transparecer outras configurações imagéticas das mulheres daquele período.

Eladir, a estrela morena, trabalhista incansável e politicamente engajada, foi, entre tantas outras, uma das artistas femininas que mais se distinguiu da imagem da 'mulher romântica' ou simplesmente 'do lar'. No entanto, a visão predominante do semanário radialista era, de fato, a de mulheres recatadas. Porém, a fresta que se vê no fim do túnel através da luz da “estrela morena” revela mais do que as imagens mobilizadas pela revista. A cantora de boleros argentinos transparecia uma cultura política voltada ao trabalhismo varguista. No próximo capítulo, irei apresentar mais detalhadamente as expressões dessa linguagem política dentro do universo radiofônico brasileiro.

CAPÍTULO 3 – UMA SEMANÁRIO "TRABALHISTA"? AS CULTURAS E LINGUAGENS POLÍTICAS DA *REVISTA DO RÁDIO*

Pode uma revista expressar uma linguagem ou cultura política de uma dada época? Foi partindo desse questionamento que procurei esquadrinhar minha fonte principal de pesquisa: a *Revista do Rádio.* Periódico especializado em assuntos do universo radiofônico, foi criado em 1948 por Anselmo Domingos, editor-chefe e escritor de radionovelas daquele período. Embora a revista tenha dedicado suas páginas para falar da vida íntima de artistas do rádio, ela não deixou de apresentar suas respetivas linguagens e culturas políticas.

Uma cultura política seria um conjunto de referentes que estão formalizados no seio de um partido ou de um determinado grupo social, ou seja, um código que se torna inteligível numa dada sociedade e num dado momento da história, sob o qual operam as linguagens e os comportamentos políticos. Não há, portanto, uma cultura política que esteja descolada de seu tempo histórico (BERSTEIN, 1998).

Ao folhear as páginas da *Revista do Rádio,* encontrei inúmeras publicações sobre as atuações da Associação Brasileira de Rádio e do Sindicato dos Radialistas. O que mais me saltou os olhos foi o engendramento dessas reportagens com uma linguagem política: o trabalhismo.

Segundo Ângela de Castro Gomes, foi mobilizado um pacto entre as classes trabalhadoras e o governo varguista, onde a legitimação de seu governo se daria a partir da adesão consciente dos trabalhadores à lógica trabalhista, e em contrapartida, caberia ao Estado garantir o funcionamento das leis trabalhistas criadas nesse período (GOMES, 2005).

Essa lógica construiu duas importantes representações: a primeira é a figura paternalista de Vargas (GOMES e D'ARAÚJO,

1989); a segunda é a imagem do trabalhador como ator político, o que invariavelmente moldou os sentidos que a categoria "trabalho" possuía até então.

Trabalho e trabalhador, leis trabalhistas, todas estas categorias passaram a fazer parte da linguagem política vigente naquela época, e que produziu uma cultura política que não se conteve com a deposição de Vargas em 1945. A cultura política trabalhista, forte nos anos 1950 entre as massas populares urbanas (que, aliás, constituíam a maioria dos ouvintes de rádio), dava o tom e a tinta para as "páginas revisteiras" da *Revista do Rádio.*

Segundo Elias Palti, "uma linguagem política não é um conjunto de ideias ou conceitos, mas um modo característico de produzi-los" (PALTI, 2020, p. 13). Ou seja, para além da criação, invenção de ideias e conceitos para enquadrar determinadas ações políticas, uma linguagem política é, antes de qualquer coisa, a maneira pela qual estas ações, pensamentos e ideias se tornaram possíveis de serem concretizadas.

Tomemos como exemplo a categoria "trabalho", que no Brasil do período imperial possuía uma forte carga negativa, e que segundo Ângela de Castro Gomes, tornou-se no período varguista, um instrumento de construção da nacionalidade. Essa mudança de sentido, essa inversão na operação foi engendrada na "invenção" do trabalhismo. Essa linguagem incorporou e inseriu "o trabalhador" brasileiro, principalmente da zona urbana, no cenário político nacional (ANGELI, 2016).

Sendo assim, "a operação implicava inverter os sinais pelos quais a categoria trabalho era identificada na sociedade de então. O trabalho não mais poderia ostentar o sinal da desgraça e do atraso, como acontecia na escravidão" (GOMES, 2005, p. 23). Já na década 1930, houve um esforço institucional para inverter essa lógica, tornando o trabalho como o que "dignifica o homem", formulando, a partir do "roubo da fala" (PARANHOS, 1996) dos trabalhadores pelo Estado varguista, as relações entre estes e as classes trabalhadoras.

O trabalhismo, além de uma ideologia fundada na ditadura do Estado Novo, é uma linguagem política, ou seja, um sistema de referências e representações de um universo político onde a palavra "trabalho" passava a ser, em certa medida, o "motor da história", e o trabalhador brasileiro passou a ter suas reivindicações legitimadas, e seus direitos de cidadania atrelados às políticas sociais gestadas pelo Estado varguista.

Dito isto, o principal objetivo do presente capítulo é apresentar as linguagens políticas da *Revista do Rádio,* bem como da classe dos radialistas. O intuito é, primordialmente, encarar o trabalhismo de Vargas não apenas como uma categoria analítica de um dado período, mas também como uma linguagem política, que operou de formas diversas, adentrando no universo radiofônico, fazendo desta linguagem base para suas ações e atuações.

Analisarei os números que tratam especificamente da Associação Brasileira de Rádio e do Sindicato dos Radialistas, expressões organizativas dos trabalhadores do rádio que dialogavam com a cultura política trabalhista. Dois órgãos que, segundo a revista, foram ações que visavam à união da "classe radiofônica", o que também estava em sintonia com o que era de mais basilar no trabalhismo varguista.

3.1. Associação Brasileira de Rádio, um órgão de (primeira) classe

A Associação Brasileira de Rádio foi fundada em 1944. Ali no alvorecer da República Democrática, surgia uma organização que tinha por pretensão ser um agregador dos membros dessa mesma classe, que segundo a *Revista do Rádio,* "na boca do povo tudo era bom, menos o pessoal do rádio. A designação generalizada da 'gente do rádio' tinha um sentido pejorativo"[36]. Assim, em uma reunião com diversos radialistas, em 1944, foi criada a A.B.R. que, sob as palavras de Anselmo, seria o órgão "mais ideal da classe" dos radialistas.

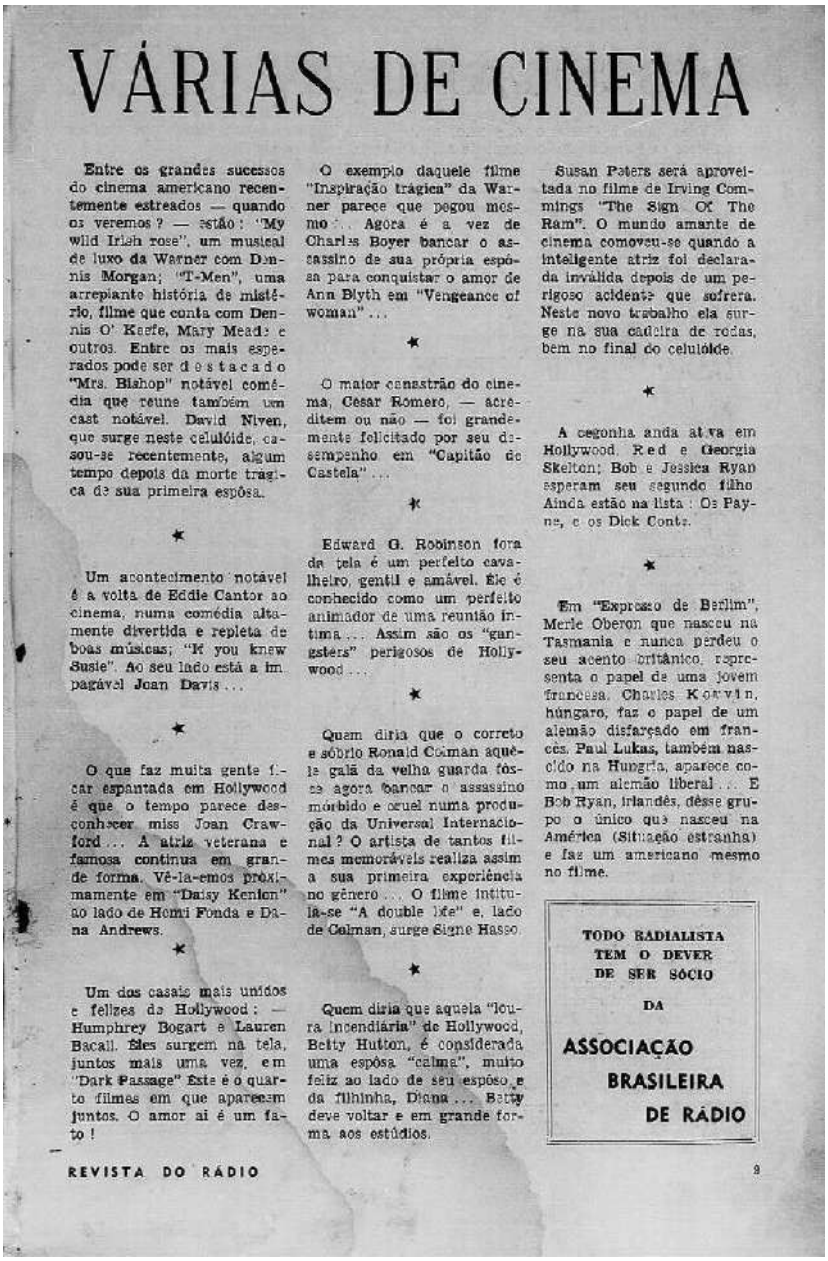
[36] Revista do Rádio, n. 65, 5 de dezembro de 1950, p. 30.

A *Revista do Rádio* se colocou no papel de informar aos seus leitores, obviamente formado também por radialistas, cantores, artistas, enfim, "gente do rádio", sobre os feitos, propostas e ações da A.B.R. Não à toa, o próprio editor-chefe, na primeira edição, teceu as seguintes palavras, "já temos enfim o que se pode chamar um órgão da classe. Resta que todos nós cooperemos. Não se compreende um radialista fora da associação"[37].

Os radialistas retratados no periódico, primeiramente, se enxergavam enquanto classe, ou pelo menos, houve um grande esforço regido pela *Revista do Rádio* em formular este sentimento entre os pares. Seguidamente, o próprio semanário apresentou diversas entrevistas com radialistas nas quais eles também se referiam à "classe radialista", ou aos "trabalhadores do rádio", o que revela a maneira como se enxerga enquanto tal.

Partindo do pressuposto de que podemos encarar os radialistas como classe, circunscrevem-se também as práticas e ações que visavam, principalmente, à concretização de suas vontades e anseios. Outrossim, enquanto esta classe estava "se fazendo", eles reconheciam entre si as demandas que diziam respeito aos radialistas, e quais formas de organização (e associação) melhor poderiam atender a estas respectivas demandas. Foi estampado, por diversas vezes, pequenos "lembretes" aos leitores sobre a importância da associação como um "órgão de classe", tais como na imagem a seguir:

[37] Revista do Rádio, n. 1, fevereiro de 1948, p. 3.



VÁRIAS DE CINEMA

Entre os grandes sucessos do cinema americano recentemente estreados — quando os veremos? — estão: "My wild Irish rose", um musical de luxo da Warner com Dennis Morgan; "T-Men", uma arrepiante história de mistério, filme que conta com Dennis O' Keefe, Mary Meade e outros. Entre os mais esperados pode ser destacado "Mrs. Bishop" notável comédia que reune também um cast notável. David Niven, que surge neste celulóide, casou-se recentemente, algum tempo depois da morte trágica de sua primeira espôsa.

★

Um acontecimento notável é a volta de Eddie Cantor ao cinema, numa comédia altamente divertida e repleta de boas músicas; "If you knew Susie". Ao seu lado está a impagável Joan Davis...

★

O que faz muita gente ficar espantada em Hollywood é que o tempo parece desconhecer miss Joan Crawford... A atriz veterana e famosa continua em grande forma. Vê-la-emos proximamente em "Daisy Kenion" ao lado de Henri Fonda e Dana Andrews.

★

Um dos casais mais unidos e felizes de Hollywood: — Humphrey Bogart e Lauren Bacall. Eles surgem na tela, juntos mais uma vez, em "Dark Passage" Este é o quarto filmes em que aparecem juntos. O amor aí é um fato!

O exemplo daquele filme "Inspiração trágica" da Warner parece que pegou mesmo... Agora é a vez de Charles Boyer bancar o assassino de sua própria espôsa para conquistar o amor de Ann Blyth em "Vengeance of woman"...

★

O maior canastrão do cinema, César Romero, — acreditem ou não — foi grandemente felicitado por seu desempenho em "Capitão de Castela"...

★

Edward G. Robinson fora da tela é um perfeito cavalheiro, gentil e amável. Ele é conhecido como um perfeito animador de uma reunião íntima... Assim são os "gangsters" perigosos de Hollywood...

★

Quem diria que o correto e sóbrio Ronald Colman aquêle galã da velha guarda fôsse agora bancar o assassino mórbido e cruel numa produção da Universal Internacional? O artista de tantos filmes memoráveis realiza assim a sua primeira experiência no gênero... O filme intitula-se "A double life" e, lado de Colman, surge Signe Hasso.

★

Quem diria que aquela "loura incendiária" de Hollywood, Betty Hutton, é considerada uma espôsa "calma", muito feliz ao lado de seu espôso e da filhinha, Diana... Betty deve voltar e em grande forma aos estúdios.

Susan Peters será aproveitada no filme de Irving Commings "The Sign Of The Ram". O mundo amante de cinema comoveu-se quando a inteligente atriz foi declarada inválida depois de um perigoso acidente que sofrera. Neste novo trabalho ela surge na sua cadeira de rodas, bem no final do celulóide.

★

A cegonha anda ativa em Hollywood. Red e Georgia Skelton; Bob e Jessica Ryan esperam seu segundo filho. Ainda estão na lista: Os Payne, e os Dick Contz.

★

Em "Expresso de Berlim", Merle Oberon que nasceu na Tasmania e nunca perdeu o seu acento britânico, representa o papel de uma jovem francesa. Charles Korvin, húngaro, faz o papel de um alemão disfarçado em francês. Paul Lukas, também nascido na Hungria, aparece como um alemão liberal... E Bob Ryan, irlandês, dêsse grupo o único que nasceu na América (Situação estranha) e faz um americano mesmo no filme.

TODO RADIALISTA TEM O DEVER DE SER SÓCIO DA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RÁDIO

REVISTA DO RÁDIO

9

Imagem 18: Trecho da *Revista do Rádio* que apresenta um "lembrete" aos radialistas sobre a Associação Brasileira de Rádio. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Esses avisos, colocados não de maneira despretensiosa, revelam um claro posicionamento político dos editores da revista quanto à adesão cooperativa (e corporativa) dos radialistas à associação, visto que tornar-se membro dela era um "dever de todo radialista". No entanto, o que os editoriais da revista demonstravam é que, no final dos anos 1940, segundo as palavras de Anselmo Domingos, a classe dos radialistas era composta por uma desunião generalizada. Nas palavras do editor-chefe,

> Não vamos ao ponto de elevar a Associação Brasileira de Rádio o órgão perfeito e ideal da classe [...] **O maior mal dos radialistas é a desunião.** Sabem que existe uma sociedade da classe – boa ou má – e ao invés de nela se congregarem para a fortalecer e conduzir aos seus verdadeiros rumos, preferem fazer política menos recomendável, qual seja a de combater de fora, sem construir, sem cooperar, sem dar um pouco do seu trabalho, da sua parcela imprescindível [...] A prova está em que no mês findo a A.B.R. comemorou mais um aniversário de fundação e raríssimos radialistas souberam disso. É uma lástima.[38]

O que vemos neste editorial é a significativa indignação de Anselmo quanto ao tipo de política que os próprios radialistas faziam, por ao invés de congregarem, a criticavam "do lado de fora". O que nos leva à seguinte pergunta: teve a *Revista do Rádio* algum papel no sentido de congregar em um periódico os interesses de uma "classe" que ainda operava com os sinais voltados para desunião? O que já fica evidente é que o semanário radialista possuía entendimentos precisos sobre política, uma linguagem adensada no trabalhismo varguista.

A Associação Brasileira de Rádio, enquanto um órgão que deveria congregar os interesses dos radialistas, não teve vida fácil, o que acabou encontrando forte resistência dos trabalhadores do rádio em se tornarem membros, pelo menos em fins da década de 1940. A situação passou a ter significativa melhora no contexto do

[38] Revista do Rádio, n. 9, novembro de 1948, p. 3.

segundo governo Vargas. Embora não haja relação direta entre Getúlio e a adesão mais expressiva de radialistas na associação, acredito que a figura getulista de volta no páreo, agora como presidente democraticamente eleito, fortalecia a linguagem do trabalhismo dentro do universo radiofônico.

Existe uma significativa insistência por parte da revista, pelo menos ao longo de 1949, para os radialistas e artistas de rádio se associarem à A.B.R., seja entrevistando os diretores da associação, onde eles indicavam a importância dela para a vida e profissão dos radialistas, ou, por outro lado, para insinuar a desunião dos radialistas frente ao estimado órgão da classe. Já em abril de 1950, é publicado que

> Talvez o maior mal do rádio, da sua gente, seja a desagregação. Nunca se supôs que uma associação de classe, como a ABR, tivesse por destino ter de viver mais pelo entusiasmo de quatro ou cinco. O resto, verdade crua, não se inflamou até agora. Houve um sopro forte, espécie de 'vai ou racha', quando Getúlio em seu tempo lhe deu uma ajuda de mão beijada. Mas caímos depois na realidade, voltou a associação a viver de suas mensalidades e raríssimas rendas eventuais. Temos uma sede, bonita, central, mas não temos quase associados. **Temos um nome pomposo, uma classe simpática, popular, mas não há cooperação. Um mal do rádio, um defeito de sua gente**.[39]

Ora, se o principal "defeito" da "classe radiofônica", sob a ótica de Anselmo Domingos, era a desunião, provavelmente, aqueles que diariamente trabalhavam no rádio, e que não eram as "estrelas", cantores, locutores, estavam mais ainda na margem dessa classe. E ao que parece, a revista pretendia alcançar os corações daqueles que labutavam no rádio sem o reconhecimento, visto que não eram "cartazes", pois trabalhavam nos bastidores. Acredito que o semanário de Anselmo queria também comunicar-se com essa parcela dos "trabalhadores do rádio".

---

[39] Revista do Rádio, n. 31, 11 de abril de 1950, p. 3.

O nome de Getúlio foi citado para exemplificar que, no período em que estava no poder, mais especificamente no final da ditadura do Estado Novo, a A.B.R, ao ser fundada, recebeu "uma ajuda de mão beijada". Em outros termos, Getúlio Vargas doou uma quantia expressiva de cruzeiros para os cofres da associação, o que lhe rendeu o título de presidente honorário.

Ora, no mesmo ano em que Associação Brasileira de Rádio surgia, estava a ditadura varguista caindo em ruínas. Cai o ditador, mas não o seu o seu prestígio (FERREIRA, 1998). Prova disso reside no fato de que este mesmo Getúlio, que estava saindo da cena política, não deixou de ser alçado como "presidente" da associação, o que revela também o prestígio que possuía perante os radialistas.

Parece, a meu ver, que a *Revista do Rádio* selecionou certos aspectos da linguagem trabalhista, tais como a formação de associações e sindicatos, ou das formulações das ideias de "união de classe", que eram bastante alardeadas na ditadura do Estado Novo, para, definir e defender os seus próprios interesses. Ora, por mais que haja o reconhecimento de uma "ajuda" por parte de Getúlio, não houve uma subserviência entre os radialistas para com Vargas. Isto quer dizer que, e talvez por conta do próprio contexto "democrático", existia um esforço por parte da Associação e da Revista em buscar uma autonomia de classe.

Fica então escancarado uma postura mais "trabalhista" do que "getulista". Há uma combinação, às vezes tensa, entre as duas facetas da liderança varguista. A primeira implicava autonomia, ainda que relativa, e a segunda, adesão personalista. Ou seja, na tessitura das ações e proposições políticas dos radialistas há algo de "trabalhismo", mas que extrapola os limites desta linguagem, visto que os mesmos, ou pelo menos a A.B.R. e a própria revista queriam tornar a linguagem radiofônica mais democrática.

Quando o semanário se esforçava para alcançar os "trabalhadores do rádio", e tentava convencer de que a associação era o órgão ideal da classe, acredito que o cálculo político foi aprendido através das bases do trabalhismo. Ainda em 1950, em um editorial escrito por Anselmo Domingos, ele escreveu que,

> Por que não se inicia uma tarefa de congraçamento? Precisa o rádio mostrar ao público que a classe é vasta porém coesa. Já há tempos se falou que o mal da A.B.R. seria o de estar nas mãos dos patrões do rádio. Já agora parece-nos que não mais prevalece esse sentido. Vamos pois! Compenetrem-se os radialistas de que todos reunidos, valemos muito. **A Associação é nossa, vamos trabalhar por ela!**[40]

Anselmo, pois, explorou os sentidos do entendimento de classe, que seria o antagonismo de outra, a "dos patrões do rádio", que não dominavam mais a diretoria da associação, pelo menos segundo seu ponto de vista, o que também ratificava a ideia de que o congraçamento deveria ocorrer quem diariamente labora por meio do rádio.

Portanto, por não haver mais o domínio já citado, não haveria motivos concretos para que os radialistas não se comprometessem em se unir, visto que a "associação é nossa". A ideia de trabalhar por ela também traz algo da memória do trabalhismo de Vargas. Trabalho e os trabalhadores são pilares fundamentais para formulação da linguagem trabalhista, e aqui é evocado por Anselmo para que se "trabalhe" ao ponto de tornar-se a associação, de fato, o ideal órgão de "congraçamento" entre os radialistas.

No número 65 foi publicada a história da fundação da A.B.R. Também foram estampadas diversas fotografias, principalmente quando de suas primeiras reuniões. Nas palavras de Demostenes Gonzalez, cronista radiofônico, "nascida do idealismo de alguns, a Associação Brasileira de Rádio é hoje uma realidade que constitui orgulho para a classe radiofônica"[41]. Gonzalez também destacou que o termo "gente de rádio" era, pelo menos nos anos 1940, utilizado de maneira pejorativa e preconceituosa, onde os radialistas eram interesseiros e só pensavam em fama, ou algo assim. Porém, "foi aí que alguém lembrou de que os trabalhadores do rádio deveriam ter a sua associação"[42], e segundo o que foi

[40] Revista do Rádio, n. 32, 18 de abril de 1950, p. 3.
[41] Revista do Rádio, n. 65, 5 de dezembro de 1950, p. 3.
[42] Revista do Rádio, op. cit.

publicado, em 1944 nascia a Associação Brasileira de Rádio, cujo principal interesse era "cuidar dos que verdadeiramente trabalhassem no rádio".

Nos velhos tempos de sua fundação a ABR recebeu um dia a visita do Ministro Marcondes Filho, Lélio entre o diretor do DIP, Capitão Altair Dutra, Nicolau Tuma e Gilberto de Andrade, então presidente da entidade.

✠

Nascida do idealismo de alguns, a Associação Brasileira de Rádio é hoje uma realidade que constitui orgulho para a classe radiofônica.

Em 1940 o rádio evolua e se tornava um poderoso instrumento de divulgação. Na bôca do povo tudo era bom, menos o pessoal do rádio. A designação generalizada "gente de rádio" tinha um sentido pejorativo e servia para denegrir qualquer lutador hones-

História da Associação Brasileira de Rádio

Um sonho que se tornou realidade --- Da humilde sala da rua dos Andradas à séde monumental da rua Acre --- Grandes lutas e vitórias inúmeras

Texto de DEMOSTENES GONZALEZ

to. O público era ingrato, sem dúvida. Naquela época, falar em organizar uma associação que congregasse os elementos do rádio, seria malhar ferro frio. "Gente dispersiva, desorganizada, só pensa em gozar a fama e o dinheiro", diziam todos. E contudo, essa gente "desorganizada e dispersiva", essa "gente de rádio", fazia uma obra monumental. A radiofonia brasileira crescia assustadoramente, O comércio passava a acreditar na publicidade falada e o povo aplaudia as programações. A gente que não servia para nada, servia para realizar um grande rádio.

Foi aí que alguém se lembrou de que os trabalhadores do rádio também deveriam ter a sua associação. E no dia 30 de setembro de 1944, numa modesta sala da rua dos Andradas nascia a Associação Brasileira de Rádio, com o objetivo de defender, orientar e unir to-

✠

O departamento médico está bem instalado e assiste os associados sempre que êles precisam e as necessidades não sejam muito onerosas.

Imagem 19: Trecho da reportagem sobre a história da Associação Brasileira de Rádio, n. 65, dezembro de 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

A *Revista do Rádio*, ou seus respectivos editores, parecem estar formulando nas páginas que se dedicavam em tratar dos assuntos da associação, uma pomposa trajetória da A.B.R., que embora tenha por principal obstáculo a falta de união entre os radialistas, conseguiu "graças ao dinamismo e a inteligência de Vitor Costa", concretizar alguns serviços assistenciais para a classe radiofônica. As intenções, acredito, do semanário em falar de uma história da associação é, talvez, justamente se utilizar de prerrogativas de uma tradição que se instaurou entre os radialistas, para justificar o porquê que eles deveriam se associar a ela.

As fotografias estampadas na reportagem combinam com o que está sendo descrito como os serviços prestados pela A.B.R: assistência médica e jurídica. Esse assistencialismo, traço característico da linguagem trabalhista, foi proposto na notícia como uma espécie de "benefício" para os radialistas associados, ou seja, sob a ótica da revista, a Associação, graças ao desempenho de Vitor Costa, foi capaz de entregar à classe direitos "trabalhistas", que provavelmente não teriam por outras vias, visto que a profissão de radialista ainda não era reconhecida como tal. Logo, o ofício da associação, que se vinculava em sua essência com o trabalhismo varguista, nutria-se dele para promover suas próprias ações associativas.

As diversas ocorrências a respeito da Associação Brasileira de Rádio, bem como seus feitos, quase sempre eram destacadas na revista logo nas primeiras páginas, mais especificamente, na seção onde o próprio editor-chefe era quem a escrevia. Isto quer dizer, talvez, que Anselmo Domingos tinha por preocupação divulgar e falar sobre a A.B.R. para que seus leitores, que também era "gente do rádio", soubessem o que seu "órgão de classe" estava realizando e concretizando para a classe radialista. Outro feito noticiado pelo semanário foi sobre o maior "congraçamento" dos radialistas para então alcançar, sob a ótica do editor-chefe, "o espírito de classe". Em maio de 1951, é publicado a seguinte notícia

> Indiscutivelmente, vem a nova diretoria da Associação Brasileira de Rádio levando a efeito obra digna de encômios, notadamente pelo muito que já realizou em apenas tão pouco tempo de trabalho. Do novo corpo de dirigentes da Casa do Radialista, o qual tem à frente Manoel Barcelos, atual presidente, muito espera a classe dos trabalhadores do microfone e tudo indica que essa diretoria corresponderá em tudo por tudo aos seus anseios. Assim é que, em menos de sessenta dias de mandato, **já a Associação Brasileira de Rádio acaba de inaugurar seu Serviço de Assistência Odontológica, o que representa a realização de uma das maiores aspirações da entidade dos radialistas.**[43]

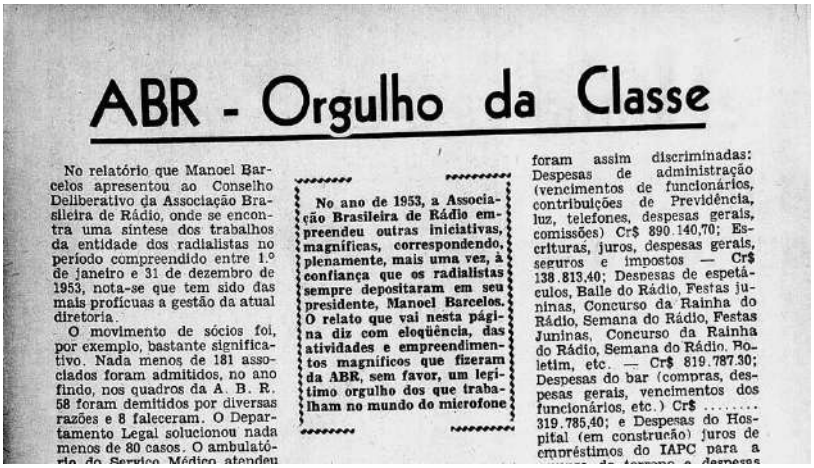
O contexto que se encontrava a classe dos radialistas, os ares que estavam respirando não só a revista, mas de maneira generalizada, era o retorno de Getúlio, democraticamente eleito. As expectativas geradas eram muitas. O semanário também, que se mostrava ainda que timidamente entusiasmado com a volta de Vargas ao poder, não deixou de estampar o otimismo quanto à liderança de Manoel Barcelos.

Era um tempo de mudanças, tanto no cenário político nacional, quanto no universo radiofônico brasileiro. O periódico parece ter interpretado um ponto de virada no que dizia respeito à unidade classista da "gente do rádio": o que antes parecia ser somente desunião, desacordo e desalinho dos trabalhadores do microfone, agora, e através da vitória de Manoel Barcelos e seus primeiros feitos como presidente da Associação, pode-se dizer que os anseios estavam finalmente concretizados. Além disso, o Serviço de Assistência Odontológica entra em sintonia com aspectos da linguagem do trabalhismo, sendo encarada por Anselmo como uma das "maiores aspirações" da entidade dos radialistas.

E o semanário prosseguiu estampando as mais diversas realizações da associação, tais como o campeonato de futebol entre os radialistas, a doação de brinquedos para os filhos dos radialistas, a construção do Hospital do Radialista, bem como todos os bailes e

[43] Revista do Rádio, n. 86, 1 de maio de 1951, p. 12.

desfiles promovidos pela Associação para o coroamento da Rainha do Rádio, concurso este também organizado pela entidade. Somam-se todos esses feitos digno de serem publicados pela revista radiofônica, não só para informar aos seus leitores sobre o quão unido estavam os radialistas, como, parece, a própria revista percebe ao longo dos anos, sobretudo quando da reeleição de Manoel Barcelos, que de fato, a "classe radiofônica" estava mais unida em torno de seus interesses, assim como também estava ela operando com sinais voltados para uma "união classista".



ABR - Orgulho da Classe

No relatório que Manoel Barcelos apresentou ao Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Rádio, onde se encontra uma síntese dos trabalhos da entidade dos radialistas no período compreendido entre 1.º de janeiro e 31 de dezembro de 1953, nota-se que tem sido das mais profícuas a gestão da atual diretoria.

O movimento de sócios foi, por exemplo, bastante significativo. Nada menos de 181 associados foram admitidos, no ano findo, nos quadros da A. B. R. 58 foram demitidos por diversas razões e 8 faleceram. O Departamento Legal solucionou nada menos de 80 casos. O ambulatório do Serviço Médico atendeu

No ano de 1953, a Associação Brasileira de Rádio empreendeu outras iniciativas, magníficas, correspondendo, plenamente, mais uma vez, à confiança que os radialistas sempre depositaram em seu presidente, Manoel Barcelos. O relato que vai nesta página diz com eloqüência, das atividades e empreendimentos magníficos que fizeram da ABR, sem favor, um legítimo orgulho dos que trabalham no mundo do microfone

foram assim discriminadas: Despesas de administração (vencimentos de funcionários, contribuições de Previdência, luz, telefones, despesas gerais, comissões) Cr$ 890.140,70; Escrituras, juros, despesas gerais, seguros e impostos — Cr$ 138.813,40; Despesas de espetáculos, Baile do Rádio, Festas juninas, Concurso da Rainha do Rádio, Semana do Rádio, Festas Juninas, Concurso da Rainha do Rádio, Semana do Rádio, Boletim, etc. — Cr$ 819.787,30; Despesas do bar (compras, despesas gerais, vencimentos dos funcionários, etc.) Cr$ ..... 319.785,40; e Despesas do Hospital (em construção) juros de empréstimos do IAPC para a

Imagem 20: Trecho da reportagem sobre a história da Associação Brasileira de Rádio, n. 66, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

E não apenas, mas também demarcou os traços de assistencialismo, que era tipicamente característico da linguagem do trabalhismo varguista, e que em larga medida, encontrou nas ações da A.B.R. formas de se atualizar num outro contexto, e como venho ressaltado ao longo do presente trabalho, a linguagem trabalhista não operava automaticamente e totalmente alinhados aos preceitos varguistas, mas sim, com características que ganham certa particularidade dentro do universo dos radialistas.

No próximo tópico, tratarei especificamente de um outro órgão que também se colocou como representante dos "trabalhadores do rádio": o Sindicato dos Radialistas. A proposta é verificar como a linguagem do trabalhismo adentrou as formas representativas da radiofonia brasileira, além de averiguar as dimensões apresentadas pela *Revista do Rádio* sobre, por exemplo, uma suposta "necessidade" de haver além de uma associação, um sindicato.

3.2. Sindicato dos Radialistas, não dos mandões, mas do que labutam no rádio

Um dos aspectos fundantes e constituintes do trabalhismo varguista era a adoção do corporativismo, bem como do sindicalismo. Ainda nos 1930, principalmente quando na ditadura do Estado Novo em 1937, Vargas e seu Ministério do Trabalho construíram, através de um aparato político-institucional, uma série de medidas que visavam a incorporação das classes trabalhadoras no cenário político, e dentre essas medidas, a sindicalização oficial, tutelada pelo Estado e sendo ele mediador dos conflitos classistas. Sobre o corporativismo, que segundo a Ângela Maria Carneiro de Araújo, fora do tipo inclusivo, ela nos diz que

> esta política continha uma dimensão positiva de concessão de benefícios, de atendimento concreto de certos interesses desta classe e que, principalmente no que dizia respeito à construção das estruturas corporativas, ela necessitava, para sua concretização, de certa aquiescência dos trabalhadores (ARAÚJO, 2002, p. 30).

Ângela Araújo também concorda que ainda nos 1930, as classes trabalhadoras não aderiram à lógica trabalhista de forma direta e automática, se submetendo ao governo Vargas ou de sua figura paternalista, sem antes realizar um cálculo de benefícios que, segundo Castro Gomes, foi de exígua importância para o

firmamento do pacto entre o Estado varguista e as classes trabalhadoras.

A *Revista do Rádio*, porta-voz da classe dos radialistas, e sendo ela também alinhada à linguagem do trabalhismo varguista, a utilizou para informar e formar em suas páginas as conquistas e os anseios do meio radiofônico, e dentre estas, a suposta "necessidade" de um sindicato. A primeira vez na Revista em que é mencionado sobre essa questão foi em 1948, logo nos primeiros editoriais, que segundo Anselmo Domingos,

> Não é de hoje que se pensa fazer o sindicato dos que trabalham no Rádio. Mas tudo não saiu ainda do terreno das cogitações, porque infelizmente, em matéria de união os radialistas do Brasil ainda não mostraram lá grandes exemplos. Estamos nos referindo aos trabalhadores. Os patrões não. São mais unidos [...] Trata-se do Sindicato das Empresas de Radiodifusão. Isso quer dizer nada mais nada menos que eles, os donos, os patrões, os mandões, estão plenamente organizados dentro da Lei, para o que der e vier. Os empregados não. E vá a gente tentar convencê-los de que o **Sindicato é uma necessidade**. **Ninguém aparece para trabalhar. Mas quando for a hora de 'malhar' é um Deus nos acuda!**[44]

Vemos aqui, novamente, a incorporação da linguagem política trabalhista moldando as afirmações dos editores da Revista quanto de uma suposta necessidade da criação de um sindicato. Ora, de onde surgiu tal necessidade? Quando no Brasil passara a ser incentivada a formação de sindicatos como via de representação de grupos e classes sociais?

Como dito anteriormente, a sindicalização como política institucional de cooptação (e repressão) das classes trabalhadoras viera da lógica trabalhista, fundamentada no traço corporativista e autoritário do regime de Vargas (GOMES, 2005b). Nesse percurso, se o sindicato e a união dos que trabalham no rádio era, para Anselmo, como uma necessidade, isto se explica, talvez pela

[44] Revista do Rádio, n. 8, outubro de 1948, p. 4.

linguagem e tradição política na qual ele se situava e ao mesmo tempo se baseava para operar os comportamentos políticos, tanto o seu quanto dos demais radialistas.

Através do antagonismo proposto pelo editorial supracitado, de por um lado existir um sindicato dos "patrões" e não daqueles que "trabalham no rádio", se vislumbra uma divergência da proposta trabalhista de Vargas, qual seja, a de uma "união das classes" e da "paz e harmonia social". Logo, a proposta de criação de um sindicato dos radialistas seria a de, principalmente, reunir as demandas específicas da classe, utilizando este vínculo corporativo - que seria uma característica do trabalhismo - para alcançar a união entre os "trabalhadores do rádio" e os respectivos benefícios que seriam alçados através dessa forma organizacional, o que vimos que na prática, porém, "os radialistas no Brasil não deram bons exemplos".

Os sinais apresentados pela revista a respeito da organicidade da "classe radiofônica" eram, também nesse caso, de desunião. No ano de 1951, um editorial escrito por Anselmo Domingos, comentou sobre o assunto dizendo que

> **Há tempo, apareceu a boa nova no mundo radiofônico: a criação de um sindicato dos radialistas,** destinado a congregar a gente do microfone nas questões mais específicas, fora do alcance da Associação Brasileira de Rádio, completando a assistência à gente do microfone [...] Por tudo isto, pensou-se que a sociedade de classe, de embrião, crescesse e atingisse a todas as necessidades dos radialistas, gente sacrificada em salários, apesar dos paradoxais ordenados de vinte a cinquenta mil cruzeiros, pagos a alguns.[45]

Junto a isto, percebe-se, através das palavras escolhidas por Anselmo, certa distinção com recorte classista, entre aqueles que são "sacrificados em salários" em contraposição aos "vinte mil cruzeiros pagos a alguns". Este ponto em específico, ainda que pontualmente, se distancia do núcleo mais importante do

[45] Revista do Rádio, n. 71, 16 de janeiro de 1951, p. 3.

trabalhismo de Vargas: a pretensa "harmonia" entre as diferentes classes, e a solução dos conflitos através da união de todas elas perante a construção da nacionalidade. A formulação do trabalhismo pretendia tornar o Estado a fonte de conciliação, distanciando-se de qualquer preceito marxista de "luta de classes". Claro, Anselmo não estava convocando os "trabalhadores" para se unirem e destronarem seus patrões, mas, para defender seus interesses específicos da relação de trabalho.

No entanto, essa linguagem permanecia equidistante daquela dos tempos varguistas, na medida em que o periódico organizava e separava detidamente quem eram os "patrões" e os "trabalhadores" do rádio. Os primeiros possuíam um sindicato, estavam unidos para o que der e vier, diferente do outro lado da ponta, que permanecia desunido, sem nenhum compromisso de "trabalhar" para que os interesses classistas fossem atendidos.

Porém, assim como ocorreu com a A.B.R., algo próprio do contexto vivido pelos radialistas passou a alterar as relações entre rádio e suas organizações de classe, mais especificamente ao longo do segundo governo Vargas. O semanário seguiu os anos 1951 tensionando por meios dos editoriais a "falta" que fazia um sindicato. Ainda segundo Anselmo Domingos,

> Ainda constando com a assistência valiosa da ABR, nem por isso a gente do microfone prescinde da existência de um sindicato efetivo, que pugne pelos seus interesses, investindo nas questões de salários, melhorias de trabalho e reconhecimento de direitos, enfim, que só uma entidade sindical pode abordar com a certeza de sucesso [...] Realidade insofismável, empregando dezenas de milhares de técnicos e artistas, o rádio exige esta cobertura na legislação trabalhista. **E ela virá se os próprios radialistas colocarem de lado o comodismo, trabalhando em prol do ressurgimento do seu sindicato... e das funções que lhe competem**.[46]

[46] Revista do Rádio, n. 76, 20 de fevereiro de 1951, p. 3.

Novamente, o editor-chefe da revista precisou sua linguagem política, deixando evidente seu entendimento sobre a questão que lhe parecia imprescindível gastar tinta e papel: um efetivo sindicato. Ora, apesar da avaliação de Anselmo para com a Associação Brasileira de Rádio ser quase sempre positiva, ele compreendia que existiam determinadas demandas que somente um sindicato poderia, "com sucesso", alcançar, sobretudo no que diz respeito à melhoria de salários e condições de trabalho.

Ao final, tem-se a evocação da ideia do trabalho e que, somente "trabalhando" será possível reacender a chama sindical dentro do meio radiofônico. Com alguma frequência, a ideia da laboração é destacada no periódico quando se tratava dessas organizações, ou de que a união da classe radialista somente seria possível se os trabalhadores radiofônicos trabalhassem por ela.

GREVE GERAL NO RÁDIO!

AMEAÇA QUE PAIRA SÔBRE O RÁDIO — LUTARÃO OS RADIALISTAS POR MELHOR SALÁRIO

Falando à reportagem, o locutor Normando Lopes, presidente do Sindicato de Radiodifusão, revelou que depois de amanhã, dia 24, a entidade dos radialistas realizará uma assembléia geral extraordinária para o estudo da instauração de um dissídio coletivo. Como se sabe, os empregados em emissoras radiofônicas pretendem um aumento de salários, argumentando que percebem ordenados baixíssimos, incompatíveis com o alto custo da vida atual. Nada conseguindo com a assembléia da próxima quinta-feira, os filiados ao Sindicato e ainda o Presidente da entidade que faz a revelação! — tratarão do dissídio, forçadando os empregadores a uma decisão mais urgente às suas pretenções. Dessa maneira o rádio carioca (pelo menos!) estará ameaçado de completo silêncio, com a paralisação de suas transmissões, até que os donos e empregados das emissoras cheguem a uma conclusão.

Disse-me-disse Condenável!

PARA SUA CÚTIS/

Imagem 21: Notícia sobre uma suposta greve geral dos radialistas, n. 150, 1952. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Em junho de 1951, o semanário publicou uma notícia sobre os preparativos que a classe dos radialistas estava realizando para as eleições da diretoria do Sindicato de Radiodifusão. Normando Lopes, que nesse período, venceu e se tornou o primeiro presidente

do Sindicato, foi constantemente elogiado pela *Revista do Rádio*, o que não era nenhuma novidade, adentrando no rol das celebridades radiofônicas que o semanário destilava grandiosas congratulações. A primeira medida tomada por Normando Lopes e explorada pelo semanário foi a greve geral do rádio com o intento de melhorias salariais

Essa greve ocorreria especificamente entre radialistas cariocas, e caso não houvesse o firmamento de um acordo entre os donos das emissoras, as rádios ficariam em completo silêncio, buscando assim forçar que os interesses dos radialistas fossem atendidos. Ainda de acordo com a reportagem, o motivo que levou a cogitarem a um dissídio coletivo foi o fato de o custo de vida não ser compatível com os baixíssimos salários recebidos, não pelas estrelas e cartazes, mas por quem trabalhava nos bastidores radiofônicos.

O semanário, seguiu noticiando e publicando as ações promovidas pelo Sindicato dos Radialistas, e que por mais que estivessem no plano das cogitações (ameaças de greve e não a greve em si, pois ainda não havia ocorrido), a revista, acredito, permaneceu tecendo elogios à entidade, sobretudo ao Normando Lopes, que está "vivamente empenhado na conquista de melhores salários para o pessoal do microfone"[47].

A notícia ainda destacava que os radialistas, que lutavam por um aumento salarial, não iriam "voltar atrás de suas pretensões". Junto a isto, o semanário de Anselmo utilizava a força e influência que possuía para que a mensagem da greve chegasse a todos os cantos, quem sabe até nos "patrões" do rádio, certamente leitores da revista, provável que não era ingênua o que era publicado sobre o assunto, ainda mais quando o periódico deixava claro que "paralisarão as novelas, locutores fecharão a boca e os cantores descansarão a garganta"[48]

Como ressaltado ao longo do presente estudo, os "trabalhadores do rádio" e seus representantes, centrada na figura

[47] Revista do Rádio, n. 153, 12 de agosto de 1952, p. 43.
[48] Revista do Rádio, op. cit.

de Normando Lopes, na época presidente do Sindicato dos Radialistas, inebriaram-se da cultura e da linguagem política trabalhista, e nesse processo, eram estas interpretadas e encaradas de maneira a fazer um cálculo de benefícios que fosse favorável à classe.

Em dada entrevista publicada pela *Revista do Rádio*, Normando Lopes assegurou aos radialistas que o aumento salarial viria em breve, e que está "trabalhando" para que seja de fato concretizado, e a revista não deixou de tecer pomposos elogios frente à figura do presidente do sindicato, pois "quando se fala em aumento dos radialistas, vem à tona o nome de Normando Lopes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Empresas de Radiodifusão do Rio de Janeiro (ou melhor Sindicato dos Radialistas)"[49]

Os radialistas e artistas de rádio, amparados pela Associação Brasileira de Rádio e o recém-criado Sindicato de Radiodifusão, passaram a construir relações de unidade, diferentemente das primeiras notícias retratadas por Anselmo, de que a classe fosse desunida, com a atuação do sindicato e da associação, houve uma alteração nas ações políticas.

Estavam, pois, "lutando" juntos por um aumento de salários, como estão também utilizando um recurso que até então estava "veladamente proibido" no período do Estado Novo, qual seja, as greves e os dissídios. Reivindicações por aumento de salários não era apenas um caso isolado, pois ao observar o próprio contexto, vemos que esta prática estava sendo tomada por outras classes trabalhadoras.

Ainda sobre o contexto histórico, durante o segundo Governo Vargas, sobretudo em 1953, estouraram inúmeras e intensas greves e dissídios coletivos das classes trabalhadoras. E durante esse período, segundo Juliana Martins Alves (2015), a greve era encarada pelas forças políticas como um "antidireito". Ou seja, por mais que legalmente era permitido que houvesse greves dos trabalhadores, na prática, o que houve no pós-Estado Novo, e principalmente no Governo Dutra, uma grande repressão frente

[49] Revista do Rádio, n. 164, 28 de outubro de 1952, p. 32.

aos movimentos operários. Com o retorno de Vargas ao poder, houve uma espécie de "reatualização" do discurso trabalhista, que aqui encaramos esta readequação a partir da transformação deste discurso enquanto linguagem política.

Ora, na antessala das grandes greves ocorridas em 1953, insurgiu dentro das classes radiofônicas reivindicações que levaram estas ao dissídio coletivo, ao passo que houve ameaças de algumas estações do Rio de Janeiro de "desligarem seus microfones".

E por mais que as greves fossem encaradas como um "antidireito", vê-se que para além de uma resistência por parte de alguns radialistas, houve a reutilização do discurso trabalhista a favor de seus próprios interesses. Era como se os trabalhadores do rádio, que tinham uma "devoção" ao Getúlio Vargas, não fosse o suficiente para impedir que eles se organizassem, pensando em uma "unidade classista" para lutarem e defenderem seus respectivos direitos. Quando em fins de 1952, a questão sobre o aumento de salário dos radialistas tinha se tornado "radionovela", arrastando ao longo do mandato de Normando Lopes sem resolver,

> Até o momento em que encerrávamos os trabalhos desta edição, o Sindicato dos Radialistas encaminhava aos canais competentes, no Ministério do Trabalho, o pedido de dissídio-coletivo para colocar artistas e técnicos do rádio do rádio em greve legal de protesto contra a decisão dos proprietários das emissoras, que decidiram não atender aos sucessivos apelos de aumento de salário para a classe [...] **Dessa maneira, não aceitando os empregadores as pretensões já reduzidas do Sindicato, o rádio entrará em greve, silenciando por completo os microfones**[50]

[50] Revista do Rádio, n. 165, 4 de novembro de 1952, p. 49.

★ Normando Lopes, no Sindicato dos Radialistas, confere documentos, na luta pelo aumento de salários para o pessoal do microfone. Virá a melhoria! ★

VIRÁ O AUMENTO DOS RADIALISTAS!

ASSEGURA NORMANDO LOPES, PRESIDENTE DO SINDICATO DA GENTE DO RÁDIO ★ ÊLE E LINDA BATISTA: BONS AMIGOS, NADA MAIS

Texto de MAX GOLD — Fotos de E. MELO exclusivas do nosso acervo

Quando se fala em aumento dos radialistas, vem à tona o nome de Normando Lopes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsas de Radiodifusão do Rio de Janeiro (ou melhor Sindicato dos Radialistas). Vamos apresentar uma rápida biografia de Normando Lopes e alguns dos esclarecimentos que nos prestou quando fomos pedir-lhe uma entrevista. Seu nome todo é Normando Ferreira Lopes e nasceu na cidade de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul. Foi no Paraná que iniciou a carreira radiofônica, ao vencer um concurso para locutor da ZYZ-5, Rádio Difusora de Paranaguá, em que teve de competir com outros 73 candidatos. Após um ano nesta emissora, foi para São Paulo e, na Tupi, fêz o Correspondente G-2, durante a guerra. Em 1944, voltou ao Paraná, para atuar na PRJ-2, Rádio Clube Pontagrossense. Cinco anos depois chegava ao Rio e entrava para a Rádio Clube do Brasil. Nesta permaneceu 3 meses, passando em seguida para a Tupi, a convite de José Mauro, então seu diretor artístico. Em setembro de 1950, a pedido de Paulo de Gramont, ingressou na Tamoio.

Há 4 meses, após um teste para rádio-ator, ingressou, também, no rádio-teatro da mesma Tamoio.

★

— Normando, queríamos saber alguma coisa sôbre sua atividade no Sindicato...

— Bem, em 1951 houve um movimento renovador no Sindicato, surgindo uma chapa para a diretoria do mesmo, encabeçada pelo Carlos Frias. Eu e alguns colegas achamos que deveria haver mais de uma chapa para que a eleição fôsse bem democrática. Fêz-se então outra, na qual fui indicado como Presidente por Ivair Duque Estrada, operador da Jornal do Brasil. Nesta altura, Carlos Frias resolveu retirar sua cha-

Imagem 22: Entrevista com Normando Lopes, onde ele assegurava o aumento do salário dos radialistas, n. 164, 1952. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

O que se evidencia ao longo das publicações da *Revista do Rádio*, principalmente quando ela se detinha a retratar as visões e as representações políticas de seus pares, seja o Sindicato ou a Associação, era uma harmoniosa e coesão construção imagética de uma classe unida.

A vontade de realizar a greve vinha também daqueles e daquelas que menos apareciam nos cartazes do rádio, técnicos de som, enfim a "gente do rádio" que tanto o sindicato, bem com a A.B.R. queriam representar. Aos olhos do semanário de Anselmo Domingos, isto poderia ser uma prova cabal da tão sonhada unidade de classe.

Getulismo, trabalhismo e "experiência democrática", faces da mesma moeda, pelo menos em termos de linguagem política (GOMES e D'ARAÚJO, 1989), encontrou terreno fértil no universo radiofônico, ganhando contornos específicos no fazer político da "classe radiofônica", bem como do semanário que aqui chamamos de "trabalhista".

Certamente a *Revista do Rádio* não levantava a bandeira trabalhista em sua plenitude, mas também, não deixou de noticiar as ações políticas de seus pares. Verifica-se, portanto, um evidente alinhamento com a linguagem política trabalhista, seja por meio das ideias e definições das categorias de trabalho, sindicato, associações, que foram engendradas através do trabalhismo, ou pelas representações de um Vargas amigo dos radialistas.

Desde aumento de salário, organização de bailes para artistas de rádio até a saga do Hospital do Radialista, as duas organizações representativas do meio radiofônico utilizavam do trabalhismo varguista como fonte de inspiração para agirem em prol de sua classe. Essa linguagem engendrava uma figura precisa e coesa de Getúlio Vargas, o que será o principal assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 - GETÚLIO EM PAPEL E TINTA: O SEGUNDO GOVERNO VARGAS NA ÓTICA DA *REVISTA DO RÁDIO*

Já é bem conhecido no âmbito historiográfico o espaço privilegiado que a imprensa, seja como fonte ou objeto de estudo, ocupa nos estudos históricos. Na interface que relaciona história/imprensa, as autoras Heoisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto, nos dizem que no caso da imprensa "é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica" (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 257).

As autoras salientam, portanto, que ao adentrar no universo dos impressos e tratá-los enquanto fonte, é preciso ir além do simplismo de enxergar jornais e revistas como meros repositórios de informações, visões ou ideologias. Ou seja, é praticamente impossível não encontrar nas fontes jornalísticas e impressas (mesmo aquelas ligadas a temas mundanos) conteúdos, orientações e posições políticas de seus respectivos jornalistas e editores.

Luís Ricardo Araújo da Costa, dissertando sobre o papel da imprensa carioca na campanha presidencial de Vargas, comentou que há uma "compreensão de que a imprensa brasileira se vinculava, à época, a um jornalismo com posições políticas sensivelmente clarificadas" (COSTA, 2016, p. 11).

E é dentro desse contexto que gostaria de inserir a *Revista do Rádio*. Periódico especializado em assuntos radiofônicos, foi criado em 1948, respirando assim os novos ares da "experiência democrática" brasileira.

O quadro cronológico deste trabalho está circunscrito no segundo governo Vargas (1951-1954). A imprensa teve um papel imprescindível no acirramento das tensões políticas que compõem o

respectivo período, e "durante todo o segundo governo Vargas, praticamente todos os jornais de maior circulação iriam perseguir esse objetivo de minar as bases do getulismo, mas sem êxito" (ABREU e LATTMAN-WELTMAN, 2011, p. 28). Sabemos, com base em uma vasta literatura historiográfica, que diversos setores, principalmente aqueles ligados à UDN, não estavam satisfeitos com o possível retorno de Vargas à Presidência (BENEVIDES, 1981).

Prova está na "guerra de palavras", para utilizar o termo cunhado por Luis Ricardo Araújo da Costa, travada na imprensa carioca do período. Jornais de grande circulação nacional não mediram esforços para que fosse impedida a candidatura varguista. Diante dos impasses, se construía um outro retrato, intensificando as negativas perante a figura de Vargas, qualificado como "ditador, populista, demagogo", e tantos outros adjetivos foram relacionados com uma imagem pejorativa e maniqueista de um Getúlio "não democrático".

Sendo assim, perdurou na historiografia brasileira uma explicação quase que unívoca: toda a imprensa brasileira da década de 50 era contrária a Vargas. Não só por motivos de cunho pessoal, principalmente quando se pensa na censura imposta pela ditadura do Estado Novo, mas sobretudo pelas divergências ideológicas entre Vargas e a imprensa liberal e anti-getulista.

O primeiro era um visto como um estadista avesso aos ideais "liberais" defendidos intensamente pela segunda. E Vargas, desde o início de sua campanha, deixou evidente que daria continuidade a seu projeto trabalhista, iniciado nos anos finais do Estado Novo. Sobre essa questão, Juliana Martins Alves nos diz que "nos anos 1950, sob a vigência do regime liberal-democrático, os valores do trabalhismo foram recuperados e vivificados" (ALVES, 2013, p. 146).

Gostaria de problematizar essa visão posta na historiografia de que toda a imprensa "fechou o cerco" e se colocou contrária ao Vargas, utilizando a *Revista do Rádio* como fio condutor. As preferências políticas do periódico, conforme minha hipótese, estavam alinhadas ao projeto getulista de retorno ao poder. Claro,

não houve nenhuma nota editorial ou posicionamento oficial da revista em que ela declarava seu apoio a Vargas.

Entretanto, os sinais desse apoio se manifestam ao longo das edições de forma mais evidente do que qualquer outra preferência política ou ideológica. Enquanto a maioria dos jornalistas da "grande imprensa" era contra Vargas e considerava seu governo como o 'algoz' da nação, a *Revista do Rádio*, ao que parece, estava em sintonia com Getúlio.

Logo, meu intuito neste capítulo é averiguar quais os níveis de apoio da *Revista do Rádio* ao projeto getulista e se esse apoio era circunstancial ou permanente, abrangendo todo o governo ou apenas a campanha presidencial. Também proponho analisar o conjunto de imagens e representações de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do Rádio*, com o intuito também de investigar as motivações por trás da mobilização positiva da figura de Vargas pelo periódico.

4.1. O semanário com saudades do velhinho

A *Revista do Rádio* começou a circular em fevereiro de 1948. E já na segunda edição do periódico, houve a primeira menção ao Getúlio Vargas. Veio acompanhado de uma fotografia, não daquele período, mas de um outro, registrando uma visita de alguns radialistas no Palácio Guanabara.

Não há exatamente uma datação específica da fotografia, mas o periódico mencionou que "Naqueles bons tempos todo o mundo era getulista. A fotografia acima é uma prova"[51]. A imagem escolhida estampava um vínculo de amizade entre Getúlio e classe radiofônica. A palavra "tempo" associada a imagem, em que "todo mundo era getulista" também é sugestiva: quem escrevia na revista estava com saudades de Vargas.

A partir do ano de 1949, nas vésperas das eleições presidenciais, a revista passou a perguntar recorrentemente aos

[51] Revista do Rádio, n.2, março de 1948, p. 3.

radialistas e artistas de rádio se acompanhavam os "acontecimentos políticos". Numa dada entrevista com o radialista Manuel Monteiro, ele respondeu que "como todo bom brasileiro. Interesso-me, entretanto, por todos os fatos ligados à pessoa do senador Getúlio Vargas", e ao ser indagado o motivo, ele respondeu: "porque sou getulista de coração, meu caro"[52].

Saudosismo e vínculo de amizade são as duas formas encontradas na revista a respeito das primeiras menções de Getúlio nas páginas aqui citadas. Apesar de ocupar o cargo de senador da república, Vargas se encontrava recluso em sua fazenda em São Borja, no Rio Grande do Sul. Longe dos holofotes, mas não esquecido pela *Revista do Rádio*, muito menos dos solidários amigos e amigas radialistas.

Tânia Regina de Luca já sinalizou que "a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir" (LUCA, 2005, p. 140). Em outras palavras, os conteúdos destinados a falar sobre as preferências políticas da classe radiofônica retratam, possivelmente, as sugestões que a própria revista entregava em suas páginas para o seu público (e)leitor.

Quando o periódico destina caneta, papel e atenção para os radialistas e artistas de rádio que votariam em Getúlio Vargas para presidente, poderia então inferir que o semanário era um franco apoiador do getulismo? Partindo dessas constatações e questionamentos, a revista ia apresentando, representando e ao mesmo tempo, não permitindo que o nome de Getúlio fosse esquecido.

A edição 14 trouxe uma matéria sob o título "Alvarenga e Ranchinho tem saudades de Getúlio". A reportagem falava dos boatos que às vezes cercavam os humoristas que faziam piadas com os acontecimentos e personagens políticos da época. Nela, uma entrevista com Alvarenga e Ranchinho é realizada, na qual eles desmentem terem sido alvos de qualquer tipo de censura por

[52] Revista do Rádio, n. 11, janeiro de 1949, p. 40.

conta de suas piadas. Pelo contrário, afirmam que "mesmo no tempo do Sr. Getúlio Vargas nada nos aconteceu". Vargas, segundo eles, soltava "altas gargalhadas".[53] De acordo com a notícia, a dupla era constantemente requisitada para fazer suas apresentações no Palácio do Catete.

ALVARENGA E RANCHINHO

TÊM SAUDADES DE GETULIO

O EX-PRESIDENTE GOSTAVA DE OUVI-LOS — TAMBÉM O GENERAL DUTRA GOSTA DA POPULAR DUPLA — SUCESSO DE UMA PARÓDIA

Os humoristas do nosso rádio que se dedicam à sátira política têm, de quando em vez, os seus nomes envolvidos em boatos, nos quais se afirma terem sido êles detidos pela polícia por esta ou aquela crítica aos nossos homens públicos.

Alvarenga e Ranchinho, que fazem dêsse gênero de humorismo o motivo de atração de suas atuações, têm sido, constantemente, alvo daqueles boatos tendenciosos.

— Nós, porém, jamais fomos dar com os costados nas grades por causa das nossas piadas — disse-nos Alvarenga.

— Aliás — acrescentou Ranchinho — mesmo no tempo do sr. Getúlio Vargas nada nos aconteceu. Pelo contrário, êle gostava bastante das nossas atuações. Tanto, que nas festas do seu aniversário e do dos seus familiares, nós lá estávamos com as nossas paródias e modas de viola. Nessas ocasiões, êle nos pedia para contar algumas das numerosas anedotas nas quais o seu nome estivesse envolvido.

— E vocês contavam? — perguntámos.

— Como não?! — respondeu Ranchinho. — No momento, lembro-me de uma que êle não se cansava de ouvir.

Solicitámos, então, aos "milionários do riso", que nos contassem a referida anedota.

Alvarenga não se fêz de rogado e contou:

— Ela era assim: eu fazia uma cara feia e dizia para o Ranchinho: "Eu num ando bão, cumpadi. Tô muito fraco, sabi?"

Ao que Ranchinho respondia:

— Óia, cumpadi: pru que vancê num toma a tar di vitamina?"

— "Já tomei tôdas. Desde o "a" inté o "y" — redargüia Alvarenga.

Eles se lembram de Getúlio com saudade e dizem que o ex-Presidente gostava de ouvi-los, dando boas gargalhadas. Até hoje Alvarenga e Ranchinho ainda contam piadas envolvendo o nome do líder dos trabalhadores.

Imagem 23: Entrevista com Alvarenga e Ranchinho, na qual é destacada a "saudade" que estava de Getúlio, n. 14, 1949. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

[53] Revista do Rádio, n. 14, abril de de 1949, p. 9.

O alarde das vésperas eleitorais estava associado a um sentimento de nostalgia pelo período em que Getúlio Vargas esteve no poder, conforme sugerido na reportagem mencionada anteriormente. Até que ponto os editores da revista estão intencionalmente cultivando esse sentimento em seu público leitor? Será que não são os próprios radialistas que sentem saudades de Getúlio? Outro ponto interessante é a forma como a revista adjetiva Getúlio, chamando-o de "líder dos trabalhadores". Isso não apenas reflete o alinhamento dos escritores do semanário com os acontecimentos políticos da época, mas também reconhece que, segundo a ótica da revista, Vargas era uma figura importante do trabalhismo (GOMES, 2005).

Ainda em 1949, uma matéria com o título "Um milhão de cruzeiros pelas memórias de Getúlio no Rádio" veio acompanhada de uma caricatura desenhada de Vargas juntamente com a notícia. A reportagem consistia em relatar uma proposta feita a Getúlio Vargas de gravar suas memórias e irradiá-las no rádio. Foi Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados, que teve a presente ideia, bem como de oferecer um milhão de cruzeiros a Vargas. Seguindo a reportagem:

> A resposta, porém, (estamos suficientemente informados) foi recusada. Depois, com uma gargalhada ampla, o ex-presidente do Brasil perguntou ao sr. Salgado Filho:
>
> - Mas afinal, que desejava o Chateaubriand fazer com as minhas memórias?[54]

A proposta incluía a condição de que Vargas não precisaria escrever pessoalmente. Um datilógrafo estaria disponível, assim como um revisor de redação. Por mais que Vargas tenha recusado a oferta, a revista escreveu que "não resta dúvida, seria um acontecimento sensacional no rádio brasileiro". Outro ponto interessante foi a representação de Getúlio através de uma gravura,

[54] Revista do Rádio, n. 17, julho de 1949, p. 5.

com a mão no bolso, “bonachão” e um sorriso entreaberto. O desenho estava em conformidade com o imaginário que já estava se consolidando entre a sociedade: um político “carismático”.

Mesmo sem se concretizar, essa reportagem, junto com a gravura de Getúlio e seu sorriso evocado apesar da recusa da oferta, acabou se tornando um espaço de lembrança, não esquecimento, do carisma e da espirituosidade de Vargas, incorporados nos traços da gravura. Embora a memória de Vargas não tenha sido irradiada, sua imagem permaneceu presente na revista. Certamente, 'o sorriso do velhinho' não deixava de ser lembrado pelo semanário radiofônico

UM MILHÃO DE CRUZEIROS PELAS MEMÓRIAS DE GETÚLIO NO RÁDIO!

Estamos sòlidamente informados de que o Sr. Assis Chateaubriand, diretor geral das rádios e jornais "associados", mandou fazer uma tentadora proposta ao ex-presidente Getúlio Vargas: um milhão de cruzeiros pelas

Brasilêêêêêêiros!...

suas Memórias pessoais! O portador dessa proposta foi o senhor Salgado Filho, com o qual o sr. Assis Chateaubriand mantém relações de amizade. O ex-ministro do Trabalho esteve na fazenda do sr. Getúlio Vargas e lhe apresentou o vultoso oferecimento. A resposta porém, (estamos suficientemente informados) foi recusada. Depois, com uma gargalhada ampla, o ex-presidente do Brasil perguntou ao sr. Salgado Filho:

— Mas afinal que desejava o Chateaubriand fazer com as minhas memórias?

O antigo ministro informou que as Memórias do sr. Getúlio seriam transmitidas ao microfone (possivelmente radiofonizadas) em irradiação diária, por meio de uma grande cadeia de tôdas as emissoras "associadas" do Brasil, comandadas pela Tupi do Rio! Simultâneamente os capítulos das Memórias seriam publicados no "Diário da Noite", do Rio.

Como se vê, tratava-se de uma iniciativa arrojada. E, por certo, o sr. Chateaubriand não esperava que o sr. Getúlio Vargas recusasse tanto dinheiro. Mil contos! Com a seguinte atenuante para o ex-presidente: êle não precisaria escrever do próprio punho. O diretor das rádios "associadas" colocaria à disposição do mesmo uma dactilógrafa e um revisor de redação! Mesmo assim o sr. Getúlio Vargas não aceitou.

Não resta dúvida, seria um acontecimento sensacional no Rádio brasileiro!

LEIA ISTO:

★ Quando estiver ouvindo rádio em casa, não aumente muito o volume do seu receptor. Lembre-se de que os vizinhos podem não gostar do programa que você está ouvindo.

★ Auxilie os diretores das estações mandando a sua opinião, sempre que puder. Elogiando quando o programa lhe agradar. Criticando com ética, quando não gostar.

Imagem 24: Reportagem sobre a proposta de irradiar as memórias de Vargas no Rádio, n. 17, 1949. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Também eram comuns enquetes sobre as preferências dos candidatos à presidência. No geral, a maioria se declarou favorável ao retorno de Getúlio. Outra parte dos entrevistados mencionou o nome de Ademar de Barros. Duas respostas merecem destaque: "Se o povo prefere Getúlio, pra que discutir com o povo?" e "Meu filho, nós somos francamente do Getúlio. Se ele se candidatar, levará nosso voto incondicionalmente".[55] A enquete veio acompanhada do título "Os artistas querem". O verbo 'querer', no contexto aqui analisado, possuía outros significados, ligados a uma linguagem política trabalhista.

É provável que, mesmo sem intenção, o semanário tenha evocado um movimento que ocorreu no final dos anos 1945 e que, em maior ou menor grau, ainda tinha influência: o queremismo. Ao discutir sobre os sentidos do queremismo, Jefferson José Queler nos diz que "o uso do termo queremismo para descrever as manifestações populares a favor de Getúlio Vargas, em 1945, é bastante cristalizado na historiografia. Entretanto, é possível indicar como tal conceito, longe de possuir um sentido neutro e fixo, foi então instrumento central da luta política" (QUELER, 2016, p. 2).

O movimento queremista travou inúmeras disputas sobre seu "real" sentido, e que, na verdade, para utilizar as reflexões de Jorge Ferreira, trouxe um amálgama de aprendizados políticos para as diversas classes trabalhadoras (FERREIRA, 1998). E os "trabalhadores do rádio", em sintonia com os acontecimentos políticos em seu entorno, também aprenderam com a linguagem do trabalhismo, inclusive a formarem opiniões, visões de mundo, estampados em larga medida no semanário de Anselmo.

4.2. A campanha presidencial dos anos 50 em páginas radiofônicas

Em uma entrevista realizada pela revista, o radialista Almirante declarou algo interessante: "Falar de política é algo tão

[55] Revista do Rádio, n. 19, setembro de 1949, p. 34.

natural para um elemento de rádio como falar sobre o rádio por um elemento da política"[56]. Logo, o entrevistador (Caspary) queria retirar daquela entrevista as preferências políticas do Almirante, o que consegue com êxito.

Ele declara que acredita que Getúlio é um homem honesto, mas que votará em Adhemar de Barros. E o mais interessante é que o destaque do título da reportagem é que "Getúlio é um homem honesto", e nenhum momento é deixado evidente de antemão que o Almirante votaria em outro candidato.

Acredito ser quase impossível que a imprensa e os impressos deixem de debater política, especialmente em tempos eleitorais. A prova está no fato de que praticamente quase todas as entrevistas feitas com artistas nos anos 1950 tinha-se a pergunta em qual candidato votariam.

A atenção maior era para a presidência da República. Nesse contexto, a revista publicou uma matéria sob o título "O Rádio está com Getúlio?"[57]. Na reportagem, é mencionado o nome da Eladir Porto, que no número anterior havia comentado que tinha vindo da Argentina para cumprir "o seu dever patriótico" de votar "em Getúlio".

Ela ainda comenta que na semana seguinte iria gravar um jingle da campanha de Getúlio. Já neste número, a Revista apresenta Eladir Porto como um entusiasta getulista que está a serviço de "seu patrono", realizando shows nos bairros do Rio de Janeiro e angariando votos para Vargas. A revista toma o nome de Eladir como exemplo de uma classe radiofônica que estava em pleno alinhamento com a campanha presidencial de Getúlio Vargas, bem como de seu retorno ao poder.

[56] Revista do Rádio, n. 29, 1 de abril de 1950, p. 15.

[57] Revista do Rádio, n. 37, 23 de maio de 1950, p. 38.

O RÁDIO ESTÁ COM GETULIO?

O contingente de getulistas é grande na classe radiofônica. Grande e entusiasta. E entre os mais animados pela candidatura do ex-presidente pode-se apontar a estrêla Eladir Porto, recem-chegada da Argentina. Ela ailstou-se no PTB e está trabalhando pela vitória do seu patrono, seja organizando "shows" e festas em vários bairros do Rio, seja cantando, seja arregimentando eleitores e estimulando getulistas.

Por nosso intermédio Eladir Porto lança um apêlo aos artistas de rádio que sejam admiradores de Getúlio Vargas, para que todos, congregados, trabalhem pela vitoria dele. A simpática artista está desenvolvendo suas atividades politicas no escritório eleitoral do dr. Lutero Vargas, a rua do México, 42, onde está à disposição de todos. Também o filho do ex-presidente Vargas, por nosso intermédio abre as portas de seu escritório eleitoral a todos os admiradores de seu pai.

No proximo número publicaremos a letra da marcha "V de Vargas", de Sá Roris, que Eladir Pôrto vem cantando com grande sucesso.

Imagem 25: Reportagem sobre o apoio de radialistas à candidatura de Getúlio Vargas, n. 37, 13 de maio de 1950 (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Ainda sobre o trabalho feito por Eladir Porto, foi noticiado, já nas primeiras páginas, um "show" realizado pela cantora na inauguração de mais um escritório eleitoral para a campanha presidencial de Getúlio Vargas. É notável como de fato os artistas de rádio, mais especificamente a Eladir Porto, "vestiram a camisa" da campanha e trabalharam arduamente em prol de Vargas. Algo interessante que o semanário ressalta é que o grande público que estava presente nesta inauguração comprovava "o interesse do público pelo rádio e sua aliança com a política"[58]. O assunto não era outro. Não tinha como

[58] Revista do Rádio, n. 43, 4 de julho de 1950, p. 3.

escapar. No entanto, Anselmo Domingos, editor-chefe, fez questão de escrever em um editorial desse período,

> Não temos cor política. Se alguma coisa temos publicado com referências a candidatos ou a eleições é porque algo de radiofônico se poderá extrair das referidas publicações. Vários leitores nos perguntam se fazemos força por Getúlio. Outros nos sugerem que seria muito mais 'negócio' abrir as páginas à política do governo. Preferimos, porém, o que estamos fazendo: dar notícia a tudo que realmente nos pareça interessante para os leitores, leitores de uma publicação destinada aos assuntos de rádio. **É claro que rádio e política estão muito juntos, ultimamente, razão pela qual estaremos presentes em qualquer assunto político onde haja rádio, como não de qualquer assunto radiofônico só porque tenha ele ambiente político...** Certo?[59]

Partindo da premissa da imparcialidade, o diretor-chefe deixava claro para seus leitores que não levantava a bandeira "trabalhista" ou "antigetulista", diferentemente de outros meios de comunicação, tais como jornais que se colocavam na trincheira de combate ao retorno de Vargas. De acordo com Luís Ricardo Araújo da Costa, "desenhado como um neoconvertido a democrata, Getúlio era continuamente desmentido pela imprensa carioca, pródiga a rememorar a experiência estado-novista" (COSTA, 2016, p. 127).

Para esse autor, parte da imprensa carioca se mostrava nos anos 50 completamente avessa ao que Vargas representava: um ditador, demagógico, antiliberal, e que certamente deveria não competir nas eleições presidenciais. A *Revista do Rádio*, embora não colocasse na empreitada de ser deste ou daquele partido ou candidato, não parecia incomodada com o fato de que a esmagadora maioria dos radialistas serem favoravelmente alinhada a Getúlio.

O que pode ser observado, especialmente em 1950, é o comprometimento da revista em divulgar as opiniões políticas da

[59] Revista do Rádio, n. 46, 25 de julho de 1950, p. 3.

classe radiofônica. No entanto, talvez não seja difícil acreditar que a revista tinha interesse em publicar (e destacar nos títulos das reportagens) o nome e a candidatura de Getúlio.

Semanas após as eleições, Anselmo destinou algumas de suas opiniões políticas nos editoriais. No entanto, a ênfase não estava necessariamente na vitória de Getúlio, mas sim nas possíveis razões que levaram certos radialistas e artistas de rádio a apoiarem Vargas. Vamos ao que foi dito pelo criador da revista. Em suas palavras,

> Pode-se argumentar que nem todos os candidatos do rádio poderiam aparecer na chapa do PTB, onde até Sagramor, para entrar, só o conseguiu com a intervenção de Getúlio [...] **Provado está, mais do que provado, que o fã escolheu entre os candidatos do rádio os que eram de Getúlio.** Deixou de lado a questão do nome, prestígio pessoal do artista, cara bonita, etc[60].

Nas mesmas eleições presidenciais, alguns radialistas se colocaram no pleito, concorrendo a cargos de vereadores na capital federal, Rio de Janeiro. Para o escritor de radionovelas, a vitória ou derrota dos candidatos se deu pela aproximação ou o distanciamento destes com Getúlio.

O então presidente eleito democraticamente em 1950 era encarado e representado como um político de tamanha importância, e a classe radiofônica tinha ciência de tal fato. E pelo visto, o próprio Anselmo se viu na obrigação de admitir em suas linhas editoriais. A vitória de poucos candidatos do rádio poderia ser explicada, pela ótica da revista, através da relação recíproca entre aqueles e aquelas radialistas que eram "getulistas".

Ainda sobre essa relação, na seção *Feira de Amostras,* foi publicado o seguinte comentário: "Dizem que Getúlio Vargas, dentre todos os presidentes, é o maior amigo dos artistas brasileiros. E, é verdade. Verdade é também que os artistas são os

[60] Revista do Rádio, n. 59, 24 de outubro de 1950, p. 3.

maiores amigos de Vargas. Tanto que já está provado que fomos nós que lhe demos a vitória!"[61].

Apesar desta pequena reportagem ter um excêntrico tom de ironia, visto que foi publicado em uma parte da revista dedicada a "piadas" sobre as pessoas do rádio, ela revela os posicionamentos políticos da classe radiofônica, onde as linguagens políticas, certamente, ganham contornos específicos quando se converge assuntos do rádio e questões políticas.

4.3. O que esperar de Getúlio? Entre expectativas e frustrações

No editorial de fevereiro de 1951, eis que Anselmo, que se colocava sempre na espreita da imparcialidade, resolveu levantar algumas questões (políticas) no que dizia respeito às primeiras ações de Getúlio. Ele inicia dizendo que é "natural" que com a mudança de governo, também sejam modificadas as diretorias das emissoras oficiais e semioficiais do Estado, tais como a Rádio Nacional, que é servido de exemplo.

O mais interessante é que Anselmo delineia uma categoria que, já naquela época, caracteriza governos e governantes, mesmo que de forma pejorativa: o populismo. Seguindo as palavras de Anselmo, "nomes de confiança do senhor Getúlio Vargas, evidentemente, tomarão conta dos destinos das 'pe-erres' ligadas diretamente ou indiretamente aos poderes públicos, divulgando, está claro, os assuntos de maior interesse do populismo"[62].

A palavra "populismo", parte do vocabulário político de Anselmo Domingos, apresentado pela revista, demonstrava aquilo que já foi sinalizado por Ângela de Castro Gomes, quando diz que "

> se trata de um conceito com um dos mais altos graus de compartilhamento, plasticidade e solidificação, não apenas no espaço acadêmico da história e das ciências sociais, como

[61] Revista do Rádio, n. 68, 26 de dezembro de 1950, p. 5.
[62] Revista do Rádio, n. 75, 13 de fevereiro de 1951, p. 3.

> transcendendo este espaço e marcando o que poderia ser chamado uma cultura política nacional (GOMES, 1996, p. 2).

De acordo com a literatura acadêmica, inicialmente, as primeiras vezes em que esse termo passou a ser cunhado, sobretudo por parte da sociedade e da imprensa nos anos 50, ser "populista" estava relacionado a um político "carismático", que se aproveitava de um "eleitorado que não sabia votar" e que acreditava em tudo que aquele era dito e prometido pelo político.

Vargas, nesse sentido, era considerado populista pelo editor-chefe da revista. Isso se deve ao fato de que a troca de diretores das emissoras não seguia critérios "lógicos e racionais", mas sim ocorria por pura 'troca de favores' ou por estarem ligados à órbita varguista.

O próprio Anselmo no término de sua fala no editorial, sugeriu que "melhor seria deixar como está [...] longe da política, são emissoras de utilidade pública, populares e graças aos seus atuais dirigentes, têm cumprido os seus bons e elogiáveis propósitos". Este mesmo editorial revela que a Revista tinha expectativas sobre como Getúlio lidaria com o universo radiofônico.

E Anselmo não estava contente com as "mudanças desnecessárias" que ocorreram na troca de diretores. Importante ressaltar que Getúlio colocou Vitor Costa como diretor da Rádio Nacional. Tudo isto foi lido e interpretado por Anselmo Domingos como uma "política populista", certamente numa lógica vista de maneira extremamente negativa.

Uma enquete publicada sob o título *'O que você espera de Getúlio?'*, originada a partir de uma indagação feita por dois artistas de rádio, questionou se Vargas fará um bom governo. De maneira geral, os artistas e radialistas entrevistados expressaram otimismo em relação ao futuro governo de Getúlio, destacando sua capacidade de realizar um bom trabalho como presidente, e

"depois disso ninguém pode duvidar que o presidente eleito conta com as simpatias da classe radiofônica"[63].

Na seção *Perguntas da Semana,* também foi questionado se os artistas de rádio estavam gostando do governo Vargas. Das respostas, a que mais chama atenção, talvez, seja a de Eladir Porto, deixando evidente ao falar que "sempre gostei. Porque Getúlio sabe perdoar, seguindo a lição do Divino Criador"[64]. A palavra "perdão" remete a uma outra, que foi a costura que conectou toda a campanha de Getúlio: conciliação.

Para Maria Celina d'Araújo (1982), as alianças conciliatórias formuladas para obter apoio político eram sintomáticas da crise que minava a base do sistema democrático brasileiro daquele período. De acordo com essa autora, a "crise" do governo varguista não se deu no seu término, mas sim pelo fato de que a impossibilidade de haver naquele contexto alguém que desbaratinasse Getúlio, era a prova cabal da falta de uma democracia sólida. A crise já estava evidente antes de "agosto de 54"

No ano de 1952, em uma entrevista que o semanário fez com Maria do Carmo, num dado momento, foi perguntado o que ela achava da carestia da vida. Ela respondeu que achava um verdadeiro "despropósito", mas que acreditava que a culpa não era do presidente. Após sua resposta, perguntaram-na se era getulista. Respondeu que não entendia de política, mas que antes das eleições, pelo que ouvia, a melhor opção era votar em Getúlio, mas que confessou estar "decepcionada"[65]. Será que este sentimento de decepção era compartilhado por outros artistas de rádio?

Vargas ainda era uma figura proeminente para o semanário. A exemplo, foi noticiado que o nome de Vargas tinha se tornado "prêmio". Segundo quem escreveu a reportagem, "houve um grande prêmio denominado Presidente Vargas. Eis uma justa homenagem. O nome de nenhum outro brasileiro está tão ligado à

[63] Revista do Rádio, n. 76, 20 de fevereiro de 1951, p. 12.
[64] Revista do Rádio, n. 91, 5 de junho de 1951, p. 34.
[65] Revista do Rádio, n. 134, 1 de abril de 1952, p. 21.

data do Trabalho como do dr. Getúlio Vargas. As conquistas que as classes operárias hoje desfrutam foram, na sua quase totalidade, obtidas no governo do ilustre brasileiro"[66].

O Dia do Trabalhador, conforme apontado por Isabel Bilhão (2011), foi alvo de intensas disputas por seus "sentidos", sendo apropriado pelo discurso varguista ainda na ditadura do Estado Novo. que a reportagem revela é que a memória coletiva e social sobre esse dia foi completamente associada à imagem de Vargas, considerado o mantenedor dos direitos trabalhistas.

Palavras como trabalho, associações, sindicatos e populismo eram fundamentais no vocabulário político da *Revista do Rádio*, estando todas elas vinculadas à lógica política associada a Getúlio, que era retratado no semanário como um político do povo. Em relação a isso, foi feita uma reportagem sobre a entrega do prêmio dos "Melhores de 51".

O evento foi marcado pela presença de Anselmo Domingos, o secretário de governo que também era radialista, e do Dr. Roberto Alves. argas fez questão de mencionar que, na sua visão, aqueles que estavam presentes havia ganhado o prêmio (ou eleição), pois tinham sido escolhidos pelo 'povo', que é "o melhor juiz"[67].

Além disso, Anselmo escreveu um editorial contundente sobre a falta de assistência do governo à manutenção e ao funcionamento da Rádio Mauá. Embora a menção ao nome de Vargas não tenha sido acompanhada de críticas diretas a ele, Anselmo Domingos relatou que Barreto Pinto, ex-deputado trabalhista, apelou para que Getúlio olhasse com "mais carinho" para a então emissora do "trabalhador". O editor-chefe também fez críticas irônicas ao ministro do Trabalho, João Goulart. Sob suas palavras,

> Este novo Ministro do Trabalho, que se mostra empolgado e vibrante em diversas outras atividades, bem poderia, com seu élan natural, correr em socorro da Rádio Mauá, pois está a mesma ligada e

[66] Revista do Rádio, n. 133, 27 de maio 1952, p. 43.

[67] Revista do Rádio, n. 146, 24 de junho de 1952, p. 8.

dependente do próprio Ministério, embora com liberdade comercial. **Ou o sr. Jango Goulart não acredita no poder e na utilidade do rádio?**[68].

Opiniões que antes eram favoráveis parecem ter se tornado contrárias no ano de 1954. Dentre elas, a de Oswaldo Elias, "se seus auxiliares de governo colaborassem construtivamente, esta pergunta seria desnecessária", ou como respondeu Amaral Gurgel, "sinceramente, essa é uma das perguntas que eu não gostaria de responder"[69].

Nesse contexto, o semanário voltou a se interessar em trazer à tona as opiniões e visões dos radialistas a respeito do governo. Vale ressaltar que o ano de 1954 é marcado por uma série de crises governamentais, que culminaram em um final trágico (GOMES, 2011).

Será que também a *Revista do Rádio* está se colocando como contra, ou estão na contramão do 'rigor da moda'?" Uma coisa é certa: as opiniões e visões sobre Vargas estão intimamente afetadas pelo estado de crise, chegando a redimensionar até mesmo a "lealdade" de muitos radialistas que antes se consideravam "getulistas".

4.4. "Agosto de 54" e como a revista lembrou de Getúlio

Entre os meses de julho e agosto de 1954, período esse marcadamente fundamental da crise que desembocou no suicídio de Vargas, não houve uma menção sequer ao nome de Getúlio no semanário. O atentado contra Carlos Lacerda, a renúncia, a possibilidade de golpe militar, todos esses dramáticos acontecimentos não foram noticiados na revista.

Certamente, o periódico seguiu o ano de 54 estampando as opiniões de artistas sobre suas decepções quanto ao governo

[68] Revista do Rádio, n. 208. 1 de setembro de 1953, p. 50.
[69] Revista do Rádio, n. 232, 20 de fevereiro de 1954, p. 19.

varguista, mas na conjuntura da "crise de agosto", a revista se distanciou completamente de Vargas. Jornais e revistas se posicionaram, seja a favor ou contra.

A exemplo da revista *O Cruzeiro,* Bibiana Soldera Dias nos diz que "a revista *O Cruzeiro* assistiu amplamente a crise, dando maior ênfase ao atentado que tirou a vida do Major Vaz que ao suicídio do Presidente. Postura condizente com as posições políticas do dono do hebdomadário naquela época" (DIAS, 2008, p. 4)

A *Revista do Rádio* seguiu postura semelhante. Ao longo de agosto de 54, a revista ignorou completamente os fatos que deslancharam o governo Vargas. Durante um curto período de tempo, parece que o semanário optou por não se envolver com os acontecimentos políticos. Completo silêncio.

Mesmo na semana seguinte ao suicídio de Vargas, a revista não noticiou nem publicou nada sobre o assunto. Enquanto os outros meios de comunicação e imprensa dedicaram-se a noticiar sobre a tragédia ocorrida logo nas primeiras horas e dias, a Revista só foi mencionar o fato duas semanas depois. Ainda que o semanário tenha feito esta homenagem, e apesar da mesma estar centrada na relação intimista de Vargas com os radialistas, no "calor do momento" não houve menções sobre o ocorrido.

As reportagens, vindas nas primeiras páginas, demonstram a importância do acontecimento para o periódico. Suspeito de que a demora para se noticiar se deu, talvez, por uma espécie de "luto radiofônico". Vargas era uma figura querida para a classe dos radialistas.

Vargas era visto pelos radialistas como alguém próximo, amigo dos radialistas, pai dos artistas, uma figura pela qual a revista tinha imenso apreço e afeto. Porém, acredito que esse apreço possuía determinados limites. Anselmo Domingos, por exemplo, não dedicou um editorial para falar da grande perda dos radialistas ou sobre o que Getúlio representava para a classe radiofônica.

Tudo ficou destinado a uma série de fotografias de Vargas com os artistas de rádio, sorridente, acompanhado de grandes estrelas

como a Eladir Porto, que tinha feito campanha para o retorno de Getúlio ao poder. Na semana posterior, mais uma homenagem.

Desta vez, não com fotografias antigas, mas com artistas no velório de Vargas, chorando, rezando e contemplando seu "grande amigo", o registro estampado na revista foi de Emilinha Borba aos prantos. A *Revista do Rádio* construiu uma coesa e positiva imagem de Getúlio ao longo de suas páginas, embora vários radialistas tenham se afastado da órbita getulista, sobretudo no ano de 1954, a revista não esqueceu de Vargas.

OS ARTISTAS CHORARAM A MORTE DE GETÚLIO

Muitos foram os artistas que levaram sua última homenagem, de dor e de saudade, ao sr. Getúlio Vargas. Nossa reportagem, no Palácio do Catete, anotou as presenças de Manoel Barcelos, Blecaute, Ester de Abreu, Emilinha (que se vê ao lado), Marlene e Luis Delfino, Marion, Silvino Neto, Vitor Costa, Isménia dos Santos, além de outros

Profundamente comovida, Emilinha Borba entrou na fila e durante horas esperou pela vez de olhar o corpo inerte do ex-presidente. Ela demorou-se algum tempo na contemplação, rezando uma prece e enxugando as lágrimas.

Imagem 26: Reportagem especial, homenageando a memória de Getúlio Vargas, n. 261, 1954. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

GRANDE AMIGO DOS RADIALISTAS

A morte, em circunstâncias trágicas, do Presidente Getúlio Vargas, ocorrida as primeiras horas do dia 24 de agôsto passado, comoveu todo o país e, especialmente, o rádio e os radialistas. O antigo Presidente da República, mostrara-se sempre um amigo dos artistas, atendendo às suas reivindicações e prestigiando suas iniciativas. Ainda recentemente, o sr. Getúlio Vargas concedera, em nome do seu Govêrno, substancial auxílio para as obras do Hospital do Radialista. Aliás, S. Excelência era o presidente de honra da Associação Brasileira de Rádio. Seu passamento provocou emoção e amargura nos seus amigos radialistas, muitos dos quais tiveram a oportunidade de receber suas felicitações pessoais na época em que foram eleitos os Melhores do Rádio, conforme os flagrantes que recordamos nestas e nas páginas seguintes desta edição.

O sr. Getúlio Vargas, cercado de artistas (em cima), cumprimenta Francisco Carlos. Em baixo, o Presidente felicita Humberto Teixeira. No outro flagrante, o sr. Getúlio Vargas fala pelo rádio.

Imagem 27: Reportagem especial, homenageando a memória de Getúlio Vargas, n. 261, 1954. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

O periódico lembrou o acontecimento de acordo com a imagem e o conjunto de representações que já estavam presentes nas páginas radiofônicas desde o início, qual seja, um Getúlio carismático, feliz, sorridente, e principalmente, amigo dos radialistas. A classe radiofônica, assim como o semanário Anselmo, não se demorou muito sobre o assunto do "momento", diferentemente de outros meios impressos, que passaram pelo menos dois meses ou publicaram na íntegra a carta de suicídio.

A *Revista do Rádio* fez sua parte, lembrando o acontecimento, não de maneira tímida, também não de forma dramática, mas sim de maneira um pouco mais contida no formato da lembrança e da memória. Após o fim do governo, Vargas passou a ser muito menos mencionado na revista, assim como o próprio espaço dedicado a discutir política, pelo menos até o final de 1954. Agora era uma revista de rádio sem Vargas, e ao que parecia, menos afeita para questões políticas.

Quando nos anos 50, mais especificamente no período eleitoral, o periódico estampou as preferências políticas dos radialistas e artistas de rádio, que apontavam em direção de Vargas. De alguma forma, as menções, muitas vezes honrosas, à figura varguista, mobilizou uma coesa e precisa imagem de Getúlio na revista. Por que a classe radiofônica tinha um grande apreço por Getúlio?

Bem, ao que tudo indica, havia radialistas, apoiadores de Vargas, que também se candidataram para cargos políticos. Em outras palavras, os candidatos políticos da classe radiofônica consideravam que o apoio a Getúlio e o voto em sua candidatura poderiam aumentar suas chances de vencer as eleições. Assim, a imagem positiva de Getúlio promovida pela revista tinha o objetivo de convencer o público (e)leitor a apoiar tanto Vargas quanto os radialistas políticos? É o que será tratado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 - OS "CAMPEÕES DO MICROFONE": A *REVISTA DO RÁDIO* E OS RADIALISTAS POLÍTICOS

A figura de Getúlio Vargas, como já demonstrado no capítulo anterior, foi um dos assuntos mais comentados na revista no contexto aqui delineado para o presente trabalho. Ao longo das publicações, a imagem produzida e mobilizada versava em valorizar os aspectos positivos, coerentes e alinhados com o retorno de Vargas ao poder. Getúlio e seu sorriso foram estampados em diversas reportagens ao longo da campanha presidencial. Mas, por qual motivo foi escolhido representar Vargas desta e não de outra maneira?

A relação Rádio/Vargas não era algo da circunstância do contexto. O que se sabe é que esse apreço de um para com o outro tinha uma história que vinha pelo menos desde os anos 1930, mais especificamente quando o rádio passava a ser gradativamente um veículo de massa. Ali, Vargas enxergou o rádio como instrumento de unificação do território nacional. Seus discursos eram irradiados em cadeias radiofônicas que chegavam aos lares de todo canto do país.

Assim, o rádio tinha uma enorme força e potência e, é provável que o sentimento nutrido pelos radialistas para com Getúlio era dos mais positivos. No entanto, é importante ressaltar que esse crescimento do Rádio se deu no contexto da ditadura do Estado Novo.

Quando os ventos da democracia passaram a soprar, esses mesmos radialistas continuaram a ter grande apreço para a figura getulista. Mas tem algo que se altera. Advindo principalmente das possibilidades políticas trazidas pela "experiência democrática", a classe de radialistas passa também a querer atuar em outros campos que não somente o rádio, mais especificamente, o campo da política institucionalizada.

Neste capítulo, faremos o mesmo percurso do capítulo anterior, no entanto, invertendo a perspectiva: ao invés de perseguir os números da *Revista do Rádio* a partir do ponto de vista da campanha presidencial de Vargas ou de como o governo

getulista fora retratado ao longo do período aqui delimitado, tentaremos perfilar sob a ótica da trajetória dos radialistas políticos.

Buscarei compreender as razões e os anseios daqueles e daquelas que eram do rádio, mas que também estavam se colocando como candidatos políticos: quais os projetos defendidos? Seriam automaticamente a favor de uma continuidade do trabalhismo de Vargas? Quais candidatos e candidatas o semanário mais deu destaque? Quais candidatos tiveram menos apoio da própria revista? São estas perguntas que irão mover as reflexões do presente capítulo.

5.1. Candidatos do rádio em páginas revisteiras

A primeira menção feita pela *Revista do Rádio* sobre os candidatos do rádio se deu em um editorial escrito em março de 1950, onde Anselmo primeiramente delineou um percurso histórico sobre candidatos que "nas eleições passadas" saíram vitoriosos por conta da popularidade que o Rádio proporciona. E que certos disso, inúmeros radialistas se colocaram em 1950 como também candidatos políticos.

Certo também dizer que o semanário parece concordar que a "fascinação pelos artistas", seus respectivos nomes e sua ampla popularidade perante o público seria o pivô fundamental para a construção de candidaturas políticas do rádio, o que veremos, foi alvo de reportagens publicadas na revista sobre os "campeões do microfone". Seguindo as palavras de Anselmo,

> Não há quem duvide da popularidade que o Rádio dá. E, ciente dela, mais do que todos, estão os próprios elementos que no Rádio labutam. **Talvez por isso, certos do sufrágio que a popularidade garante, vários foram os candidatos que nas eleições passadas se candidataram e vitoriosos se tornaram** [...] E o próprio Ari Barroso, que naquela ocasião não desfrutava da antiga simpatia entre o público, alcançou um número de votos que a muitos surpreendeu.

> Coisas do rádio, da popularidade que ele dá, da fascinação pelos seus artistas, pelos seus nomes.[70]

Primeiramente, Anselmo não aparenta ser contrário aos radialistas se colocarem como candidatos políticos. Pelo contrário, em alguns momentos, parece que a revista propagandeou de maneira positiva tal fato. O que o editor-chefe levanta como reflexão se faz importante ressaltar, qual seja, a de que o rádio como um importante ingrediente para a conquista de considerável sufrágio que as personalidades radiofônicas podem alcançar.

O meio radiofônico é entendido por Anselmo Domingos como uma plataforma para o início da carreira política destes que iriam se candidatar para cargos na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O próprio editor-chefe traz como exemplo o radialista Ary Barroso, conhecidíssimo artista e compositor, venceu o pleito para vereador em 1947, e de acordo com o que está descrito no editorial, sua vitória só foi possível por causa da "popularidade que o rádio dá".

Na sociologia e na ciência política, existem diversas discussões que versam sobre a relação entre mídia e política. Luís Felipe Miguel, ao discorrer sobre carreira política no Brasil, comentou que

> É possível dizer que a mídia também contribui para estruturar a própria carreira política. A hierarquização dos diferentes cargos não se deve apenas – ou mesmo prioritariamente – ao poder efetivo de cada um, mas também à visibilidade de que dispõem. E essa visibilidade é alterada ou reafirmada cotidianamente pelos meios de comunicação de massa (MIGUEL, 2003, p. 116).

A carreira política dos candidatos radiofônicos, que foram largamente citados pelo semanário ao longo dos anos 50, dependia, de alguma forma, da maneira como estes apareciam ou não nos meios de comunicação, seja no rádio ou na própria revista. Ou seja, é provável que o sucesso na entrada deles no cenário político viria

[70] Revista do Rádio, n. 28, 25 de março de 1950, p. 3.

da visibilidade que teriam que ter nas mídias que estavam disponíveis naquele período.

Outro ponto fundamental diz respeito ao capital político, termo cunhado por Pierre Bourdieu (1986; 2011). Para esse autor, o campo político, um microcosmo social, com regras mais ou menos autônomas e específicas é continuamente moldado ou transformado pelo campo midiático.

Apesar de serem campos autônomos e com regras próprias, um poderia interferir sobre o outro. Essa relação tensa, simbiótica, pode ser vislumbrada dentro do universo de radialistas que estavam se candidatando para cargos políticos e recebendo ampla atenção nas páginas da *Revista do Rádio.*

Algo importante a ser observado é que, pelo menos no que diz respeito ao trato da revista sobre os candidatos do ramo radiofônico, Anselmo demonstrava franco interesse em trazer para o debate através de suas próprias palavras, descritas nos editoriais, temos, por exemplo, a visão de democracia que tinha. Segundo o editor-chefe,

> Há um projeto de lei mandando que em épocas eleitorais as estações de rádio abram igualmente seus microfones a todos partidos, sob condições, é óbvio. Entretanto, a Tupi, declarada politicamente a favor de Brigadeiro, está numa atitude digna, mesmo sem a lei ainda em execução: aceita publicidade política de todos. Inclusive irradiou o discurso de Getúlio Vargas. Meio esquisito, o gesto da G-3. **Porém muito democrático**[71].

O que fica mais evidente ao longo das publicações da Revista é que, embora o semanário possa ser considerado "trabalhista", aos moldes do que já foi discutido em capítulo anterior, ou que ela destacou de maneira veemente a campanha presidencial em prol do retorno de Vargas ao poder, não é possível dizer com todas as letras de que o rádio e os radialistas estavam plenamente com Getúlio.

---

[71] Revista do Rádio, n. 43, 4 de julho de 1950, p. 3.

Prova está, por exemplo, da Rádio Tupi, que segundo a Revista, estava apoiando o candidato de oposição ao getulismo. No entanto, ela não deixa de comungar com os preceitos democráticos experienciados não apenas pelos candidatos políticos, mas também pela classe radiofônica, que se demonstrava como fiadora de uma linguagem democrática, ainda que contornada pelo trabalhismo varguista.

Cada vez que Anselmo destinava seu editorial para discutir sobre política ou que a revista publicava sobre assunto, relacionando com os radialistas que queriam um "assento na gaiola de ouro", ficava mais factíveis as dimensões do vocabulário e das linguagens políticas pelas quais o semanário se alinhava. Em uma reportagem, a revista mencionou que

> As eleições estão aí... e, com isto, já se observa, naturalmente, intenso movimento em torno de candidaturas, eleitores, Partido, procurando gente de prestígio, etc. **Como não poderia deixar de ser, o rádio entra na história, oferecendo gente de cartaz, com tremendas possibilidades de levar às urnas um grande total de votos.** Aqui, vamos mostrar quais os valores do rádio que se candidatarão a postos eletivos, reunindo, de fato, imensas probabilidades de se fazerem representantes do povo nas diversas câmaras.[72]

E o rádio entrou na história com dezenas de radialistas que iriam concorrer para cargos políticos. Dentre eles, temos: Paulo Gracindo, Aloísio Silva Araújo, Júlio Louzada, Edgard de Carvalho, Cesar Ladeira, Jorge Veiga, Carlos Frias, Sagramor Severo, Badú, Ary Barroso e Vitor Costa. Nomes como Silvino Neto, que recebeu muita atenção da revista, também se candidataram para vereador.

O semanário conclama os candidatos como "gente de cartaz", que tinham "tremendas possibilidades" de vencer o pleito. Os adjetivos escolhidos para acompanhar as descrições feitas pela revista demonstram certo apoio que ela entregava para essa "gente

[72] Revista do Rádio, n. 43, 4 de julho de 1950, p. 12.

de prestígio". Osmani Ferreira da Costa, em seu livro sobre rádio e política em Londrina, nos diz que

> O comportamento da imprensa e da mídia em geral, em períodos normais ou durante as campanhas eleitorais, nunca é neutro, imparcial, e equidistante entre os diversos candidatos e partidos, como tentam fazer parecer seus proprietários [...] Por isso, a imprensa - com destaque para o rádio - e toda a mídia podem, muitas vezes, criticar e inviabilizar uma candidatura [...] e podem, de maneira inversa, apoiar e levar à vitória uma outra candidatura, usando os mesmos mecanismos, só que para beneficiá-la (COSTA, 2005, p. 140).

E partindo do pressuposto de que o periódico se apresentava favorável ao sucesso dos candidatos do rádio, vemos também que a revista não era tão apartidária quanto tentava demonstrar. O que vale comentar de antemão é que o semanário de Anselmo Domingos muito se interessou em publicar e divulgar os radialistas políticos.

Ao que tudo indica, os radialistas que pleitearam cargos políticos ao longo dos anos 1950, pelo menos os que são estampados pela Revista, se concentraram no Rio de Janeiro, mais especificamente para a câmara municipal.

Ocorridas as eleições, veio uma triste surpresa. A maioria dos candidatos políticos do ramo radiofônico não conseguiram se eleger. Mas por quê? De acordo com a revista, a popularidade dos radialistas deveria, em tese, ser o suficiente para angariar votos dos ouvintes.

Mas, a leitura de Anselmo, em seu editorial "Sobre os candidatos do Rádio" foi diferente, pelo menos após os resultados. Sob suas palavras, "o que ficou provado é que não basta o nome ser de radialista. O povo quis saber o que os candidatos pretendiam fazer. E, mais do que isso, a grande massa ouvinte do nosso rádio quis saber quais os candidatos getulistas"[73].

[73] Revista do Rádio, n. 59, 24 de outubro de 1950, p. 3.

Anselmo Domingos fincou neste editorial o entendimento que ele possuía sobre política, ou sobre a forma como encarava as questões político-partidárias que estivessem envolto dos candidatos radialistas. A partir do que é proposto, Anselmo escreveu que os ouvintes do rádio, a "grande massa" estava interessada nos candidatos getulistas.

E mais ainda, nas propostas que os radialistas políticos para além de seus nomes conhecidos pelo público ouvinte e (e)leitor da revista. O que ficou evidente é que muitos candidatos perderam não apenas porque deixaram de apoiar Getúlio, mas também porque se ancoraram na ideia de que bastava ser radialista para também ser candidato político ou nas palavras de Anselmo "esqueceram que o fã também tem o direito de ter simpatias políticas".

Já em 1951, o assunto ainda renderia mais uma reportagem, em que foi comentado o fracasso de vários radialistas que não conseguiram um assento no Legislativo. Segundo o que foi noticiado, "não foi um acontecimento dos mais agradáveis para muitos, o resultado das eleições no Brasil e isso porque, artistas de rádio, tidos como popularíssimos e capazes de arrastar um número elevado de sufragistas, não conseguiram nem ao menos uma votação significativa"[74].

E dentro da linha explicativa sobre o fracasso dos radialistas políticos (ou do grande número dos que se candidataram não terem sido eleitos), apesar da ampla popularidade dos candidatos radialistas, ela não foi o suficiente para garantir o "prestígio político" dos eleitores.

Manoel Barcelos, que posteriormente viria a ser presidente da Associação Brasileira de Rádio, e que segundo o semanário, possuía "uma grande simpatia do meio radiofônico" não logrou grande número de votos. Alguns perderam, outros ganharam. Dentre estes, Scuvero Martins, Silvino Neto, Carlos Frias. Getulistas, udenistas, gente de cartaz, outros que nem aparecem

[74] Revista do Rádio, n. 79, 13 de março de 1951, p. 32.

tanto quanto outros no semanário, contarei como os radialistas políticos foram retratados na *Revista do Rádio.*

5.2. Radialistas e getulistas

Iniciarei este tópico falando sobre a trajetória política de Sagramor Scuvero Martins. Uma das primeiras menções na revista sobre a radialista dizia o seguinte:

> Entre os inúmeros valores do rádio figura em destaque o nome de Sagramor de Scuvero. Não há quem não a conheça e aplauda seus grandes empreendimentos, fazendo do rádio um meio para semear a caridade e o bem. A REVISTA DO RÁDIO conseguiu esta reportagem com "rádio woman" e também apreciada vereadora.[75]

Sagramor de Scuvero foi a primeira mulher radialista a se tornar vereadora na cidade do Rio de Janeiro, em 1947. Foram as primeiras eleições nos âmbitos municipais e distritais após a queda da ditadura do Estado Novo, e certamente, envoltos de um "tempo democrático", percebe-se a tamanha diversificação perante os quadros que disputaram os cargos políticos. Temos como exemplo Sagramor, uma radialista, cantora de rádio, rádio atriz que também foi uma das vereadoras mais votadas na então capital federal.

Porém, vale ressaltar que não foi esse o destaque dado ao semanário na entrevista realizada: as perguntas giraram em torno de sua "vida diária", dividida entre o lar, o rádio e a Câmara, mas que não houve um sequer momento em que o entrevistador perguntou a Sagramor sobre seu trabalho no legislativo municipal. Em outra reportagem, foi dito que,

> Trabalhando todas as horas disponíveis do dia, Sagramor ainda encontra tempo para, nos domingos, preparar a comida do casal. Miguel Gustavo mostra-se encantado com a cozinha da esposa. Afirma que o homem tem necessidade de comer bem para bem

[75] Revista do Rádio, n. 4, maio de 1948, p. 4.

> trabalhar e assim, aos domingos e feriados, ele aproveita para fazer uma excelente alimentação, pois os pratos que Sagramor prepara são de fato gostosos e nutritivos.[76]

Apesar de Scuvero ser radialista, vereadora, o destaque no periódico foi sua vida matrimonial. Não de maneira ingênua ou despropositada. O filtro social não permitia enxergar mulheres radialistas fazendo política, salvo raras exceções (no caso de Eladir Porto, por exemplo) em que o lado político é mais apresentado do que o pessoal. No caso da vereadora-radialista, os projetos e as ações políticas eram menos levadas em consideração. O que importava dizer é que os "pratos de comida de Sagramor eram gostosos e nutritivos".

Algo superficial e sem muita relevância? Ao analisar as razões que levam determinadas figuras serem representadas de um jeito, enquanto outros (no caso, os radialistas homens) serem elogiados não por dotes culinários, por exemplo, já ilustra bem os papeis de gênero esperados pela revista, e de maneira geral, pelas normas sociais daquele período.

As informações levantadas pelo semanário sobre a vida de Scuvero Martins giraram também em torno de apresentar o serviço social prestado pela radialista, através de uma série de programas de assistências para famílias cariocas. Esse tipo de trabalho já era realizado via ondas radiofônicas, seja convocando seus ouvintes a contribuírem para causas sociais.

Acredito que foi por conta desses aspectos que, provavelmente, ela se interessou em ingressar ao PTB, partido de Getúlio Vargas. O mais interessante é que, nesse contexto de campanha eleitoral, eis que a revista, na última página da edição 54, publicou um 'recado', vindo direto de Vargas, onde foi solicitado que se votasse em Sagramor de Scuvero, pois foi a candidata "que Getúlio indicou". A revista usou do seu espaço,

[76] Revista do Rádio, n. 21, novembro de 1949, p. 28.

ainda que fosse na última página, para sugerir aos seus leitores e leitoras que votassem em Sagramor.

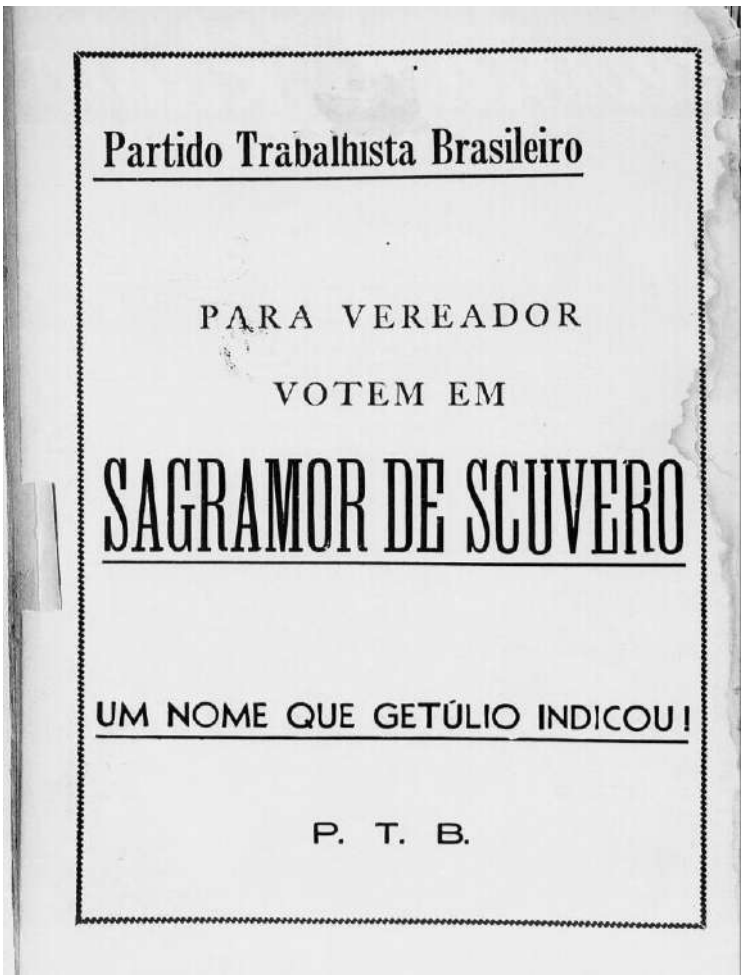


Imagem 28: "Recado" publicado na última página, indicando Sagramor de Scuvero Martins para vereadora, n. 54, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Nos idos dos anos 50, durante as eleições, a revista promoveu uma série de entrevistas com (quase) todos os candidatos radiofônicos. Nela, foi perguntado quais os projetos, ações e

promessas de campanha dos radialistas políticos. Sagramor de Scuvero foi uma das primeiras. Na íntegra, o tom da entrevista foi este,

> Sagramor de Scuvero é um nome que não precisa de apresentação. Sua atividade no rádio, desde os velhos tempos de São Paulo, onde se destacou como escritora de programas, locutora e organizadora de postos de auxílio aos pobres, valeram-lhe uma projeção tão grande que a levaram até a Câmara Municipal numa época em que ninguém do rádio tinha coragem de declarar-se candidato sem possuir uma boa dose de cultura e inteligência.
> Sagramor é agora a candidata do Senador Getúlio Vargas que mandou colocar o seu nome em primeiro lugar na lista dos vereadores pelo P.T.B. e foi por isso que a procuramos para conhecer de seus projetos e de suas esperanças. Fomos de imediato perguntando pelo seu programa político
> - Um verdadeiro e amplo serviço social. Escolas, hospitais, previdência. Trabalho, salários, habitações. Alguma coisa ainda difícil de ser compreendida por outros que não os seus amigos e eleitores.
> - Por que ingressou na política?
> - Para fazer com o poder oficial o que sempre fiz com o poder particular: Serviço Social que não é apenas dar o que alguém precisa e pede. É dar a cada um o que ele tem direito para melhores condições de vida"
> - **Em 1947 foi o PR e atualmente o PTB. Não cogitei, nem pensei em outro partido. Fui para Getúlio e continuarei com ele! Apesar de sempre louvar atitudes de meu partido, louvo sempre o de seu chefe supremo, Getúlio Varga**s".
> Perguntas contundentes, tais como o que Sagramor faz com seus "subsídios" ou se a mesma possui núcleos eleitorais. Respondeu com prontidão e perspicácia. Não negou sua admiração em relação a Vargas, bem como seu íntimo apoio ao partido sob o qual é "chefe supremo"[77].

A entrevista concedida por Scuvero Martins nos fornece as dimensões da linguagem política inebriada nas palavras e ações

[77] Revista do Rádio, n. 55, 26 de setembro de 1950, p. 28-29.

da então vereadora, candidata à reeleição. Em face do contexto democrático experimentado nos anos 1950, percebe-se que a conjuntura histórica operava com uma cultura política voltada ao getulismo. Seja nas propostas voltadas ao assistencialismo, mas não apenas.

As palavras 'trabalho' e 'salário' foram também alvos do trabalhismo radialista de Scuvero Martins. Como dito anteriormente, o trabalho voltado para o serviço social já era prática da vereadora-radialista, deixado bem claro por ela em sua resposta quando indagada sobre o motivo que a fez ingressar na política.

Além disso, a outra face do trabalhismo no entorno de Scuvero diz respeito à maneira como Getúlio é nomeado pela radialista. Vargas não é somente presidente, líder, e sim "chefe supremo", digno de suas atitudes serem "louvadas". Ora, de todas as escolhas para serem ditas na resposta de Scuvero, o enaltecimento de Getúlio é algo a ser observado, no sentido de que, provavelmente, esses elogios cravaria uma relação que poderia ser bem-vista pelos leitores e leitoras da revista.

Primeiro a indicação direta de Vargas, estampada no semanário em pleno período eleitoral, uma "quase" campanha perpetrada pelas páginas radiofônicas, e uma entrevista que se torna uma espécie de plataforma de acesso dela com os leitores getulistas, tal qual Scuvero Martins. Porém, a vereadora não escapou de ser enquadrada pelo periódico. Na seção *Vinte quatro horas na vida um artista,* foi relatado que,

> Sagramor de Scuvero acorda cedo e de imediato passa uma vista na correspondência. Enquanto lê, o seu cãozinho Sheik não a abandona e está sempre disposto a afastar importunos.
> A preparação do almoço é cuidada pela própria Sagramor que faz sempre um pratinho saboroso para Miguel Gustavo. Conhecendo bem as sutilezas da cozinha, Sagramor trabalha feliz.
> A arrumação do lar também merece uma parte de seu dia. Seus cristais e suas porcelanas são limpos e arrumos com toda a delicadeza e atenção, pois Sagramor sabe ser dona de casa.

> **Preparação de projetos-leis, estudo dos problemas sociais e resposta de sua correspondência consomem, também, uma grande parte do tempo de Sagramor de Scuvero, a vereadora-radialista.**
> Depois do rádio e da atividade política, Sagramor ainda encontra tempo para tratar de uma roupa de sua filha ou bordar um paninho para ornamento de seu lar e cose compenetrada.
> À noite, quando não passeia, lê alguma coisa e espera o marido recostado no sofá da sala de estar. Assim vão passando as horas até o momento de dormir que varia todas as noites.[78]

De praxe, o periódico radiofônico não perdia nenhuma oportunidade de delegar determinados lugares para as mulheres. Por mais que ocupassem outros postos, tivessem outros serviços, o espaço logrado para o feminino era o lar, filhos e casamento. É completamente desproporcional: enquanto a parte política de Scuvero é descrita apenas em um parágrafo, tem-se todos os demais relacionados com sua vida íntima, pessoal, como se ela voltasse suas forças inteiramente para seu esposo e sua casa.

Apesar da reportagem alegar que a parte da vida como vereadora consumia a maioria de seu tempo, esse mesmo tempo não foi detalhado tal como os outros aspectos de sua rotina. Entretanto, em uma outra notícia, a revista publicou alguns projetos que estavam tramitando na Câmara Municipal, que tinham Scuvero Martins como autora. Dentre eles,

> O primeiro deles visa mudar o nome da Av. 29 de Outubro, para Darcy Vargas; o segundo a isenção do imposto de transmissão para as casas de funcionários municipais, que forem adquiridas sem financiamento da Prefeitura.
> - E o terceiro projeto?
> - Justamente esse, na minha opinião é o mais importante porque trata de um assunto de suma importância social, pois visa a criação da Casa da Mãe Solteira, um problema que existe, e dia a dia, se torna

[78] Revista do Rádio, n. 86, 1 de maio de 1951, p. 26-27.

> mais premente, porém sem que seja olhado carinhosamente pelas nossas autoridades e legisladores[79].

Os esforços de enquadramento deixaram, uma vez ou outra, a exemplo do trecho supracitado, escapar imagens outras, mobilizadas pela própria pessoa. No caso da Scuvero Martins, apesar de ser colocada pelas páginas da revista como modelo ideal de "mulher", dedicada ao lar, parece que as pretensões pessoais da radialistas giravam em torno de lutar por outras mulheres, que provavelmente estavam em situações de adversidade, como no caso da criação da "Casa da Mãe Solteira".

O nome do projeto é a contrapelo de toda uma lógica cultural que circulava no período. Basta lembrar de Dalva de Oliveira. Ela era denominada pejorativamente de "desquitada". É interessante perceber que as representações, em determinadas situações, não dão conta da complexa rede de significados que os próprios agentes da história formulam. Parece ser a trajetória de Scuvero Martins.

Num outro momento, mais especificamente no ano de 1953, a revista elaborou uma reportagem sob o título "Valeu a pena votar neles?", referindo-se aos radialistas políticos e suas ações nesse contexto. A respeito de Sagramor, o que foi comentado girou em torno das seguintes palavras,

> O prestígio do rádio foi claramente demonstrado nas últimas eleições, quando nada menos de 5 radialistas militantes foram eleitos, fora os que se colocara como suplentes e excluindo também, outros candidatos eleitos que, embora não sendo radialistas militantes, estavam ligados intimamente ao rádio […] Sagramor de Scuvero é o caso de maior importância – de vez que obteve agora a re-eleição. Justo é dizer-se dela: Sagramor. **Que agora é uma radialista dentro da câmara, foi sempre uma vereadora dentro do rádio.**
>
> - Minha orientação, na Câmara (disse Sagramor à reportagem) obedece, naturalmente, às diretrizes do Partido. Mas a minha

[79] Revista do Rádio, n. 140, 13 de maio de 1952

> preocupação máxima – e para ela converge a maioria dos meus esforços – é a assistência social.
> Nesse sentido, inúmeros são os projetos de Sagramor. Difícil seria enumerar todos os importantes, mas podemos citar, ao acaso, sua ideia de criação da Casa da Mãe Solteira, anexa ao Serviço Assistencial da Prefeitura. Sua intervenção no caso das meninas do Instituto de Educação, resultando na obtenção da matrícula de todas aprovadas, dentro do próprio instituto.[80]

Provado está que, embora a revista tenha feito mais reportagens sobre a vida privada da vereadora-radialista, ela acabou deixando revelar uma trajetória que extrapolava os limites daquilo que se esperava de uma mulher naquele dado período. Indo além, ao que tudo indica, Scuvero Martins dedicou sua legislatura para combater o bom combate de mulheres, seja no intuito de acolher ou de garantir a matrícula no Instituto de Educação, obtendo êxito naquilo que se propôs realizar.

Uma radialista na câmara, sempre foi uma vereadora no rádio. As palavras escolhidas para descrever Scuvero acabou trazendo uma visão do que seria para a revista o dever de um "vereador". Isto quer dizer que Sagramor tinha as qualidades, atendia os requisitos para representar o povo-ouvinte e leitor da *Revista do Rádio*.

[80] Revista do Rádio, n 196, 9 de junho de 1953, p. 25.

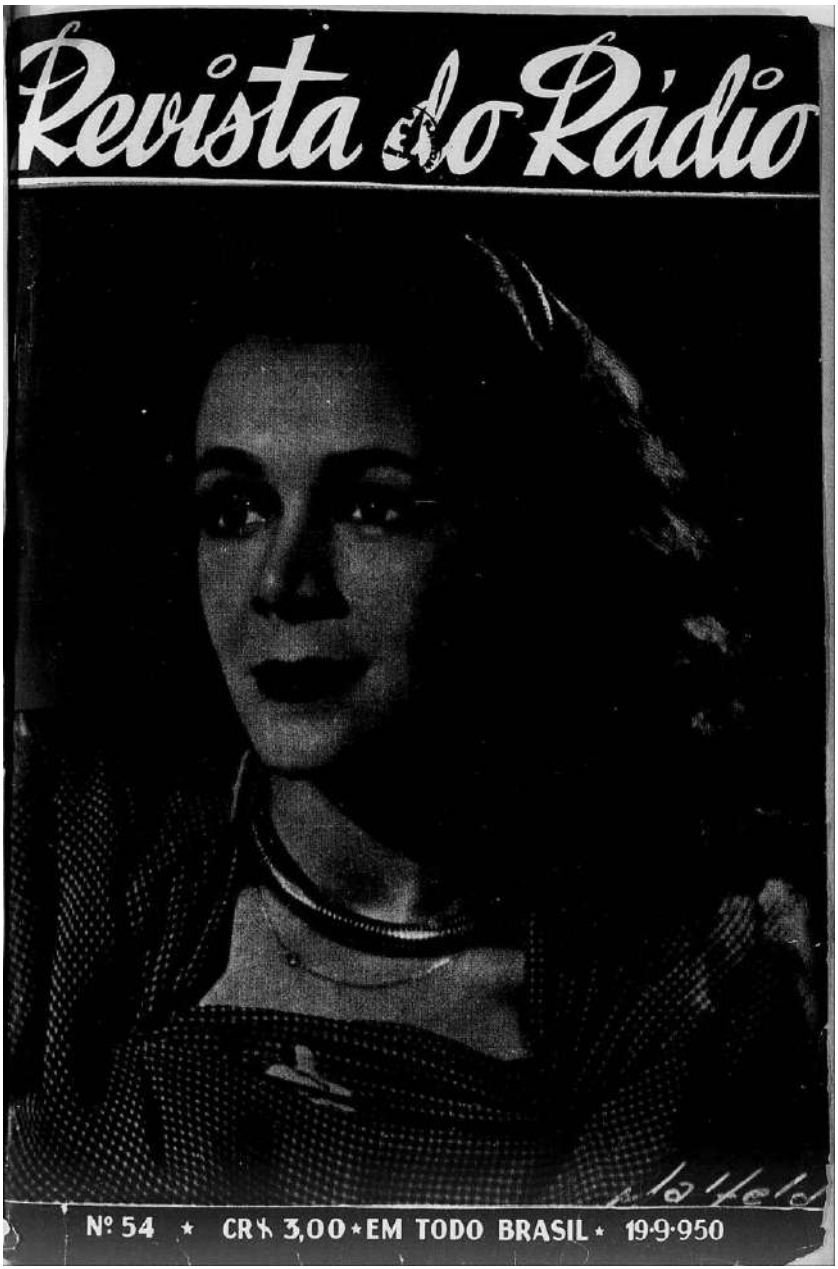


Imagem 29: Capa com a fotografia de Sagramor de Scuvero Martins, n. 54, 1950 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Outro radialista também venceu as eleições de 1950 para o cargo de vereador no Rio de Janeiro. Seu nome é Silvino Neto. Ele se colocou na órbita getulista, o que, certamente, fez com que angariasse votos. No entanto, pode ser que a *persona* construída através de seus programas humorísticos também contribuiu para que se tornasse o vereador-radialista mais votado da capital federal naquele período. Mas quando Silvino passa a ser percebido pelo semanário? Na primeira entrevista concedida pelo radialista-humorista, foi dito que,

> Paulista de nascimento, entusiasmou-se com obra de Ademar de Barros no Estado de São Paulo e a quem lhe pergunta pela sucessão presidencial não hesita em responder:
> - Meu filho, se Getúlio não vier dos pagos para a sua 'banca' e tomar o bonde do Catete, pode contar com um presidente certo… [...]
> - Política é como futebol. Os melhores jogos são aqueles que têm maior torcida. **Na política, torcida é voto. Ninguém vai-me dizer que Getúlio não tenha uma força enorme por esses brasis de meu Deus**. Quem ele quiser será eleito![81]

No capítulo anterior, apresentei Silvino Neto, porém, pelo olhar e riso de Getúlio, que, inclusive, surgiu através dessa "gargalhada" ao ouvir as piadas políticas de Silvino uma singela relação de amizade. Não à toa, a impressão que o radialista teve naquele contexto foi de que Getúlio tinha uma enorme força "por esses brasis de meu Deus".

Levando em conta que Vargas ainda não tinha decidido se de fato iria concorrer à presidência em 1950, havia rumores, alimentado também na revista, de que Ademar de Barros poderia ser indicado para o cargo, apoiado pelas forças getulistas. Silvino Neto tinha profunda afeição por Vargas, tanto que, por conta disso, passou a ser "censurado" pela rádio Tupi. Nas palavras de Anselmo Domingos,

---

[81] Revista do Rádio, n. 17, julho de 1949, p. 32-33.

> Verdade se diga as 'associadas' têm tido o que fazer com artistas seus no Ministério do Trabalho. O mais recente caso é o de Silvino Neto, já amplamente falado, por ele mesmo contado nos mínimos pormenores. Diz o famoso humorista que sempre seus programas foram feitos, comicamente está claro, à base da política. Isso há meses, há anos. Até que um dia, pouco antes das eleições. **A direção das 'associadas' lhe mandou uma carta, corte, porém enérgica, onde o proibia de falar de política ou de políticos em seus programas humorísticos.** Na mesma noite Silvino Neto foi para a rua, num comício, e desandou sem dó nem cerimônia em cima da Tupi, da sua direção, do seu principal acionista, o sr. Assis Chateaubriand.[82]

Anselmo comentou no editorial acima sobre o caso de Silvino Neto contra a rádio Tupi, sobre uma entrevista divulgada no mesmo número, onde Silvino destacou suas reclamações contra a censura prévia que a diretoria das 'associadas' estava querendo estabelecer em seus programas, onde ele não poderia mais falar de política. Justo no período em que ele estava como candidato e pelo partido de Getúlio.

Alegava Silvino que jamais se poderia impedir que um artista fale em uma época em que "todo cidadão livre tem o direito de expor suas ideias", o que corrobora com um vocabulário político radialista, sintonizado com as linguagens da democracia, que segundo Silvino, estaria atrelado com a questão de que cidadania é sinônimo de liberdade de expressão. E que no caso que envolvia ele e a emissora de rádio, o termo utilizado para nomear as atitudes da Tupi seria uma "censura". Pois, "Alega Silvino Neto que enquanto 'fazia política de governo' nos seus programas, pela Tupi, sempre teve carta branca; porém quando começou a tratar de 'política de Getúlio' foi impedido de prosseguir. Que julgue o povo"[83].

O julgamento e a decisão do "povo" foram, de alguma forma, transparecidos nas urnas. Apesar de ter feito campanha para Getúlio, porque provavelmente suas piadas não eram ofensas, e o

[82] Revista do Rádio, n. 47, 10 de outubro de 1950, p. 3.

[83] Revista do Rádio, n. 57, 5 de dezembro de 1950, p. 3.

fato de a Tupi não ter apoiado Vargas, como indica Silvino Neto, acabou gerando o fim do contrato do artista com a emissora. Mas, nas eleições, ele foi um verdadeiro "campeão do microfone". Foi o vereador-radialista mais votado no Rio de Janeiro naquele ano.

A vitória de Silvino Neto foi digna de um editorial especialmente dedicado para explicar as razões que levaram o humorista a ganhar um assento na "gaiola de ouro". Nas palavras do editor-chefe,

> Eu me lembro de Silvino Neto três dias antes das eleições perguntando-me aqui perto da mesa: - 'você acha que Getúlio ganha mesmo?'. A minha resposta foi então uma outra pergunta: 'E você tem esperanças de ganhar, Silvino?'. Nessa hora, é bom dizer, Silvino Neto conversava sério comigo".
> […]
>
> O povo está farto de políticos profissionais, de gente que promete este mundo e o outro antes das eleições para depois esquecer tudo ou fingir que esquece. O povo fartou-se de ver faixas, de ouvir berreiros de alto-falantes em cima de automóveis, de ler cartazes mentirosos. Silvino Neto teve então a habilidade de não fazer faixas, de não alugar alto-falantes, de não forrar paredes nem muros. Apenas usava o microfone e pela voz de Pimpinela dizia as verdades, as verdades que todo mundo gosta de ouvir. Contou as misérias. Criticou, desandou em cima dos figurões.
> […]
>
> **Mas deve-se também acentuar que a Tupi a ajudou muito. Nas vésperas das eleições tirou-o do microfone porque ele era getulista. Foi a conta. Os ouvintes votaram nele.**[84]

Anselmo Domingos não havia dado apoio formalmente para nenhum dos candidatos, seja para a vereança ou a presidência. O distanciamento, aos olhos do escritor de novelas, era necessário para a frutificação da democracia. Mas, as atitudes e ações da classe

[84] Revista do Rádio, n. 58, 17 de outubro de 1950, p.3.

radiofônica giraram por outro espectro, qual seja, para apoiar veementemente a volta de Getúlio e, também, adentrar ao campo político, concorrendo para cargos legislativos.

Se Anselmo era "apolítico", não se pode dizer o mesmo de seus pares. No caso de Silvino, ele utilizou do microfone e de seu programa humorístico no rádio para dizer "verdades que todo mundo gosta de ouvir". Política de maneira séria, direta, criticando e desandando em cima dos "figurões". Pode-se inferir que, em maior ou menor grau, Silvino Neto também ganhou uma parcela emprestada do capital político de Vargas. De acordo com o editorial, o "pulo do gato" para a vitória de Silvino Neto se deu pela censura protagonizada pela Rádio Tupi, motivada pelo fato do mesmo ser getulista.

A atuação de Silvino na Câmara Municipal foi acompanhada por algumas manchetes publicadas no periódico. A impressão era de surpresa. Acreditava-se que a pecha de humorista iria fazer com que seu comportamento ante a "assuntos sérios" seria de um mero comediante em um ambiente que não lhe caberia. Ao que tudo indica, não foi exatamente isto que aconteceu. Em uma notícia, foi dito o seguinte:

> Ontem, por obra do acaso, lendo uma crônica assinada pelo meu colega Nestor de Holanda, o queixo caiu-me. Este meu conterrâneo trazia a público, sob justos elogios, o quanto de útil e de construtiva tem sido a atuação de Silvino na Assembleia. Pasmei. Inclusive para a classe artística, vem ele apresentando projetos magníficos, de interesses prementes. Pediu a obrigatoriedade do zelo autoral para os discos comerciais, ajuda de custas para a ABR e respeito à lei dos dois terços nos espetáculos, tão burlada entre nós pelos empresários inescrupulosos. **Quanta gente não está, como eu, de queixo caído! […] Palmas ao vereador Silvino Neto!**[85]

A trajetória do humorista político e radialista da Câmara foi acompanhada de maneira elogiosa. As notícias que saiam sobre

[85] Revista do Rádio, n. 92, 12 de junho de 1951, p. 39.

Silvino Neto e sua legislatura foram percebidas pelo semanário como importantes, principalmente para a classe artística, a exemplo da notícia citada, a obrigatoriedade do zelo autoral para discos comerciais, projeto do radialista, em defesa dos seus. Como apontado numa outra reportagem sobre as ações de Silvino Neto, sua preocupação maior era com a classe radialista,

> Quando Silvino Neto conquistou um assento na Câmara dos Vereadores, revelando-se o campeão da confiança dos cariocas, (pois foi o vereador mais votado nas últimas eleições) muita gente duvidou de que a sua atuação na 'gaiola de ouro' resultasse em alguma coisa mais do que 'movimento', (no sentido pejorativo do termo), foi o que menos fez Silvino Neto, neste seu primeiro ano de atuação na política do Rio. O criador mordaz do futebol político, no 'Clube da Camaradagem', tomou a sério a investidura que lhe dera o povo e, descuidando mesmo de seu trabalho no rádio (que sempre lhe rendeu bom dinheiro) trabalhou com afinco. Do seu acervo de realizações no ano de 1951, podem-se destacar muitos projetos de relevância, já aprovados, como: a subvenção de Cr$ 1,500,000,00 para ajudar a construção do Hospital o Radialista; a criação do selo infantil, cuja renda se destinará à construção de sanatório para crianças tuberculosas; a campanha educativa permanente para pedestres e motoristas; a isenção do selo de diversões para os teatros e circos, com espetáculos infantis, que franqueiem suas portas aos alunos das escolas municipais – e muitos outros[86]

[86] Revista do Rádio, n. 133, 25 de março de 1952, p. 20.

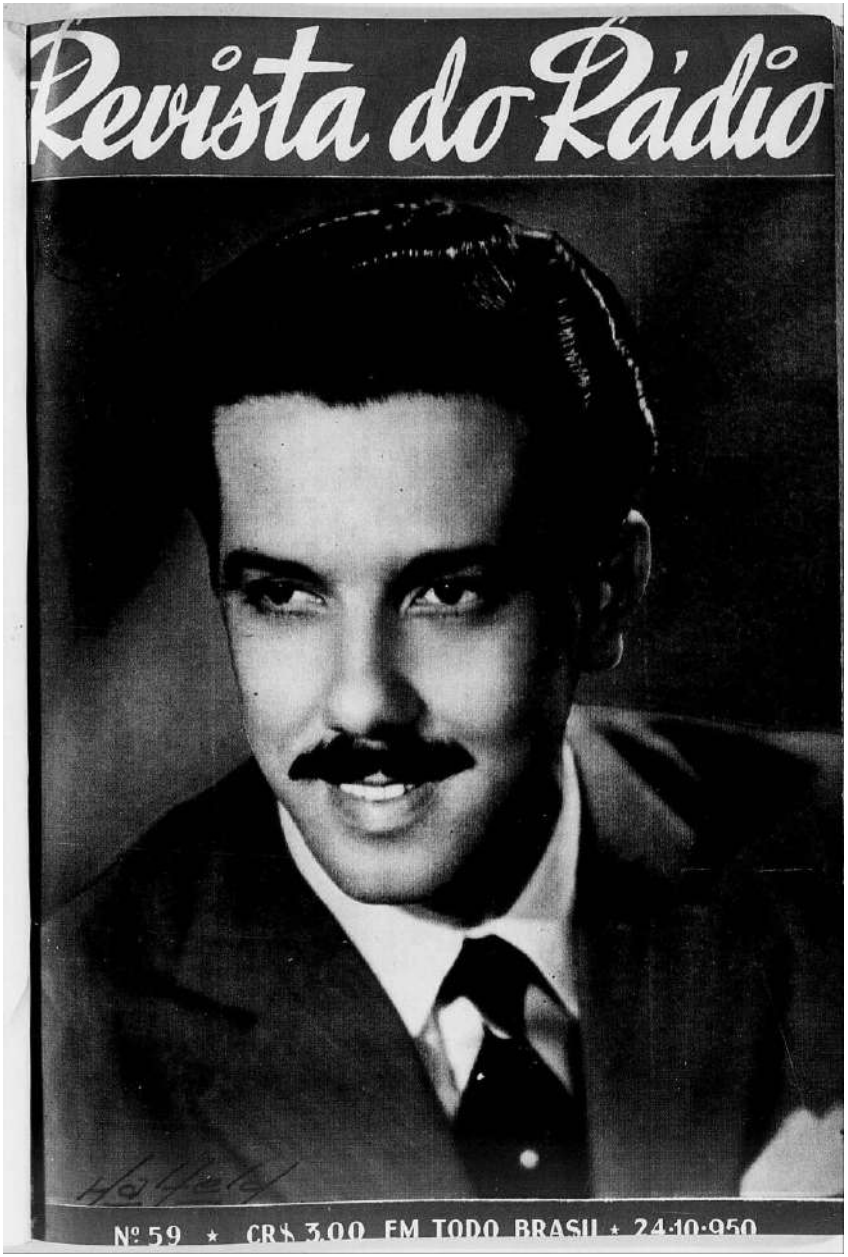


Imagem 30: Capa com a fotografia de Silvino Neto, n. 59, 1950 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Ainda com o tom de sobressalto, a revista enxergava um político comprometido, não somente com a classe radiofônica, visto que ele tinha conseguido uma subvenção para a construção do Hospital do Radialista, mas também para a população carioca, visando o bem-estar social de crianças, pedestres, motoristas, Silvino mostrou que não estava para brincadeira, levando bastante a sério o termo "representante do povo" e de seus interesses.

De acordo com o semanário, não seria mais possível falar de Silvino sem tratar de suas ações políticas, pois, se "fizemos referência às atividades de Silvino Neto na Câmara Municipal, é porque já não é possível apartar o radialista do vereador", ou como retratado na seção *Rua da Pimenta*, "Silvino Neto é, sem dúvida nenhuma, o único vereador do rádio que zela pelas coisas do rádio, na Câmara"[87].

No decorrer dos anos na Câmara Municipal, de acordo com o semanário, Silvino, a exemplo de tantos outros e outras figuras do rádio que se afastaram de Getúlio, parece que o mesmo movimento foi feito pelo humorista político. Segundo os *Mexericos da Candinha*, "Silvino Neto que era getulista de quatro costados está virando a mão. Ninguém se espante se daqui a pouco ele começar a falar mal do querido Presidente"[88]. Porém, esse afastamento não logrou uma outra imagem dele no semanário. Silvino ainda era visto como um vereador de excelência. Prova disso é que em todas as entrevistas do vereador-radialista, sua atuação sempre era louvada,

> Muita gente ficou surpreendida com a vitória espetacular de Silvino Neto – que, competindo com nomes de peso no cenário político do Rio, logrou de ser o vereador mais votado nas últimas eleições. Mas Silvino Neto não decepcionou. **No início do seu mandato, quiseram estigmatizá-lo como 'o humorista da Câmara'; entretanto, a justiça manda que se diga: poucos vereadores têm sido tão austeros, dentro do recinto da Câmara, como o nosso amigo Pimpinela.**

[87] Revista do Rádio, n. 193, 19 de maio de 1953, p. 22.
[88] Revista do Rádio, n. 194, 26 de maio de 1953, p. 34.

> - Não vim à Câmara, assumir o posto que o povo me confiou, para fazer graça. Vim trabalhar pelo povo.[89]

Palavras escolhidas para adjetivar as ações de Silvino demonstram não só o empenho deste, mas da própria maneira como a revista foi mobilizando uma imagem positiva de seus radialistas políticos. O humorista fez jus, trabalhando de maneira séria, pelo "povo".

Após dois anos na Câmara Municipal, Silvino Neto ainda era destaque e digno de ser notado pelos leitores radiofônicos. Dentre os diversos elogios, tem-se "é um defensor dos interesses do povo e um dos maiores exemplos de ativa dedicação à causa popular [...] Silvino Neto, o vereador, o cantor de tangos, o humorista e compositor, é, no entanto um bom amigo"[90].

É possível fazer um paralelo com as mesmas honrarias que a revista entregava para Getúlio, "amigo" e "defensor do interesse popular". Claro, no alvorecer da crise de 54, a revista foi mudando a direção, juntamente com os demais radialistas, e aos poucos, não tocando mais no nome do presidente, ou quando citado, quase sempre associado a um nome de artista de rádio que era getulista e deixou de ser. Após a morte de Vargas, em dezembro de 1954, Silvino Neto concedeu mais uma entrevista. Nela, ela comenta seu afastamento da legenda petebista,

> Na Câmara, Silvino não seguiu a orientação petebista, tanto assim que passado um ano rompia com seu partido para ficar à margem do mesmo, formando uma carreira oposicionista ao governo.
> - Por que você deixou o PTB?
> - Porque estava em desacordo com os planos do governo. Eu não fora eleito para defender Getúlio e sim para defender os interesses do povo carioca. Sentindo como quase todo mundo a descrença pelos métodos governamentais, escrevi uma carta ao dr, Getúlio Vargas e deixei o PTB.

---

[89] Revista do Rádio, n. 196, 9 de junho de 1953, p. 5.

[90] Revista do Rádio, n. 203, 1 de setembro de 1953, p. 26.

- Você pretende continuar na política?
- Não. Apesar de ter sido eleito vereador, nunca fui político. Trabalho e trabalhei pela cidade e pelo povo e aí então, como prova de meu trabalho, ruas calçadas, crianças internadas, escolas funcionando, etc.[91]

Embora a resposta de Silvino não seja certeira o suficiente para se compreender os reais motivos de seu desligamento do PTB, ele deixou pistas, como seu desacordo com os planos governamentais do partido, podendo inferir que seu "problema" talvez não fosse com Getúlio propriamente, mas com outros membros petebista. Importante salientar que nas eleições de 1954, Silvino Neto não conseguiu a reeleição para vereador, o que, provavelmente, foi resultado de sua atitude política de se distanciar de Vargas.

Trabalhismo e getulismo permaneceram influentes no cenário político nacional, e a derrota nas urnas pode ter vindo do fato do humorista ter se desfiliado do partido getulista. E assim, a trajetória política de Silvino encerrou-se, pelo menos nas páginas revisteiras radiofônicas. É notório que no caso de radialistas getulistas, o espaço concedido pelo semanário para que suas vozes fossem ouvidas era substancialmente maior do que quando se compara com candidatos antigetulistas, o que se observará no próximo tópico.

5.3. E os antigetulistas? Vereadores radialistas fora da órbita varguista

A União Democrática Nacional foi criada no contexto da redemocratização de 1945, junto com o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PSD (Partido Social Democrático). Como já apontado, os dois últimos giravam suas rodas para o getulismo. Já a UDN reuniu em seu antro, uma forte oposição contra Vargas. Esse partido tinha duas figuras do rádio: Ary Barroso e Carlos Frias.

O primeiro tornou-se vereador nas eleições de 1947, através da legenda udenista. No então ano, a revista ainda não existia,

[91] Revista do Rádio, n. 274, 11 de dezembro de 1954, p. 27.

portanto, tem-se poucas informações vindas do periódico a respeito da atuação de Ary Barroso na Câmara Municipal. Na verdade, poucas foram as vezes em que a revista de Anselmo Domingos se interessou em falar da visão política de Barroso.

Digo isto pois logo na primeira entrevista de Ary para o periódico, o assunto principal foi sobre o Flamengo, apesar do título ter vindo "*Dutra não cumpriu! O presidente prometeu e se esqueceu… curiosa entrevista com Ary Barroso"*[92]. Nela foi perguntado o que faria se fosse o presidente Dutra. Respondeu que daria independência administrativa para a Capital Federal, algo que Ary Barroso alegava ter sido promessas do General, mas que não havia cumprido.

Este foi o único momento em que a entrevista abordou algum assunto político. O restante foi somente sobre futebol. Uma curiosa amenidade, levando em consideração que além de Ary Barroso ter sido em sua época um dos mais conhecidos radialistas, compositor, era também locutor e vereador. Mas, pelo menos nessa primeira aparição do mesmo na revista radiofônica, ela não pareceu muito entusiasmada com as atuações políticas do udenista.

Na coluna sobre Rádio e Política, Caspary inicia narrando sobre a trajetória do radialista e, naquela época, vereador, Ary Barroso, "eleito vereador por um número elevado de votantes, Ary Barroso trabalhou na Câmara Municipal para que o Distrito Federal possuísse o seu estádio municipal, uma praça de esportes capaz de acolher os representantes das seleções internacionais [...]".

A Revista aponta que Ary estava cogitando mudar de partido, e que estaria mesmo disposto a ingressar no PTB. No entanto, o próprio radialista diz que é mais fiel ao seu público eleitor do que aos partidos. Em outras palavras, Ary Barroso não disse com todas as letras que poderia mudar para o partido de Getúlio, mas que poderia trocar por outro partido, se assim seus eleitores clamassem para tal. O que vislumbramos já no título *"Ary Barroso com os*

[92] Revista do Rádio, n. 20, outubro de 1949, p. 8.

trabalhistas?"[93] é um redimensionamento de sua resposta, pois não havia nada certo ainda. Caspary, um dos jornalistas que escreve para a revista, parece jogar com as palavras e escamotear o que de fato o udenista evidenciou.

Passadas as eleições, o radialista de fato não sagrou sua vitória nas urnas. Para Anselmo Domingos, a derrota de Ary Barroso ocorreu por uma explicação relativamente simples: não era do PTB e nem apoiou Getúlio. Um editorial foi dedicado para que o editor-chefe explicasse suas ideias.

[93] Revista do Rádio, n. 31, 11 de abril de 1950, p. 25.

O RÁDIO E A POLITICA

ARI BARROSO COM OS TRABALHISTAS ?

O POPULAR LOCUTOR ESTÁ ENTRE A U.D.N. E O P.T.B.

Texto de CASPARY

Tôdas as lutas, tôdas as dificuldades, tôda a movimentação de sua vida, tornou Arí Barroso um grande músico e um inspirado poeta. Dessas conquistas, surgiu talvez uma grande razão de seu sucesso que, depois de ser musical, se fez radiofônico e mais tarde popular e político.

Hoje, Arí Barroso é um homem que se divide entre o Parlamento, o microfone e seu plano de compositor. Nas horas vagas, distrai-se nas entidades esportivas e os seus argumentos, a sua vivacidade, o seu jeito todo especial de encarar as coisas para tirar o melhor resultado possível das situações, tornaram-no ponto de atração de sempre e uma figura que a maior parte dos desportistas aprecia enquanto os restantes temem e respeitam!

Eleito vereador por um número elevado de votantes, Arí Barroso trabalhou na Câmara Municipal para que o Distrito Federal possuisse o seu estádio municipal, uma praça de esportes capaz de acolher os representantes das seleções internacionais nas disputas do Campeonato do Mundo.

Aproximando-se o término de seu mandato e talvez prevendo que o seu partido não tenha fôrças suficientes para reelegê-lo, Arí Barroso pensou em mudar de legenda. Trocando de partido, teria, porém, de escolher um que o pudesse acolher com certas vantagens e então pensou no PTB.

Murmura-se, porém, por trás dos bastidores que o PTB não quis aceitar a oferta de Arí, mas não achou de boa política recusá-la de imediato e preferiu embromar o político, esportista, músico e radialista Arí Barroso, que deve conhecer o código do R. E. (responder embromando) tão comum nos arraiais políticos, percebeu o movimento e voltou à UDN, de onde não sairá oficialmente, já numa demonstração de sagacidade e espírito prevenido.

Apesar de conhecermos todos os detalhes da quase passagem de Arí para as hostes trabalhistas, não quisemos deixar de interrogá-lo a respeito. Encontramo-lo à saída do estúdio depois da apresentação de seu programa esportivo e fomos de imediato perguntando se êle pretendia deixar a UDN.

— Ainda não está nada decidido, meu velho. Eu sou da UDN mas uma coisa posso afirmar: Sou mais do público que me elegeu!

— E foi o público que pediu para você mudar de partido?

— Talvez. Eu sigo sempre o que os meus eleitores ordenarem. Sou da UDN mas não poderei dizer que continuarei na União Democrática ou se me transferirei para outro partido. O fato é que continuarei fiel aos meus postulados democráticos ouvindo a voz da razão e da minha consciência.

E assim, sem nada esclarecer, com o firme propósito de não afirmar se deixou ou não a UDN, Arí Barroso tomou o elevador para descer até o térreo, onde o esperava seu luxuoso "Buick" com "chauffeur", uma das aquisições mais recentes do vereador, radialista e compositor.

★

Arí Barroso, um dos nomes mais populares em todo o Brasil. Está disposto a entrar para o partido de Getúlio

Revista do Rádio

Imagem 31: Entrevista com Ary Barroso, no contexto das eleições de 1950, n. 31, 1950 (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

> Ary Barroso chamou-me à porta da Câmara Municipal: "Você vai mesmo contar porque eu perdi as eleições?". E antes que eu lhe respondesse perguntou-me ainda: "Você sabe mesmo por que eu perdi?" [...] Respondi-lhe: "Primeiro, porque você não estava na chapa do PTB. **Você foi político politicamente, querendo ficar com uns e outros. Não contou portanto com os getulistas nem com os udenistas.** Os seus votos, poucos na verdade, foram os de seus amigos", Ary pensou um pouco. Franziu a testa e concordou.[94]

A derrota explicada por Anselmo Domingos demonstrava também sua clareza política ante os fatos ocorridos no turbulento ano de 1950. Enquanto alguns radialistas surpreendiam com sua vitória, como no caso de Silvino Neto, outros foram surpreendidos por sua derrota. A lógica por trás da explicação do editor residia no fato de que Ary Barroso fez política tal qual todos os demais concorrentes. Para Anselmo, talvez esse tenha sido o "erro" do compositor, de não ter se posicionado enfaticamente, tal como fez Carlos Frias, udenista ferrenho, um dos poucos radialistas de oposição a Getúlio que venceu as eleições daquele período.

As outras menções posteriormente a respeito de Ary Barroso giraram em torno de sua vida artística, visto que ele não voltou para a Câmara tal como esperava. O que ficou também claro, tanto para Ary quanto para Anselmo foi, "que seu lugar é entre o povo, povo do Flamengo, povo dos campos de futebol, dos subúrbios, dos morros, da gente do samba. E esse povo, todo mundo está vendo, não é o povo da UDN".[95]

E ainda reitera que a "política" dos anos 50 somente provou que "a grande maioria dos radialistas queria ardentemente a volta de Getúlio", e que sua volta reverberou na massiva derrota de alguns elementos do rádio que ou não eram muito afeitos a Vargas ou não se posicionaram de maneira contundente, como fez Carlos Frias.

Eleito o segundo vereador radialista mais votado do Rio de Janeiro, em 1950, pela UDN, Carlos Frias desde as primeiras

---

[94] Revista do Rádio, n. 63, 21 de novembro de 1950, p. 3.

[95] Revista do Rádio, op. cit.

menções do locutor na revista, nunca escondeu sua predileção política. Ao ser questionado se gostava de trabalhar e em quem votaria para presidente em 1950, "já tínhamos ouvido as respostas de um rádio autor e de um animador. Era preciso ouvir um locutor. Procuramos Carlos Frias, que assim se manifestou: 1.ª) Muito. 2ª) Eduardo Gomes"[96].

O Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato udenista, iria colocar-se novamente no pleito para presidência em 1950, e Carlos Frias, sem papas na língua, deixou claro que já tinha um candidato favorito. Destoava, tanto da esmagadora maioria da classe radiofônica, quanto do próprio discurso da *Revista do Rádio*, o que, evidentemente, tornava Carlos Frias um radialista que pouco aparecia no periódico. Numa outra reportagem dizia-se que "E o Carlos Frias, poderia, por acaso, escolher o Getúlio ou o eleito pessedista? Ele, que vive apregoando as qualidades do Brigadeiro, através do microfone da Tupi e da Tamoio, uma flama inigualável?[97].

Isto explicava as razões que levaram à cisão entre Silvino Neto com a Rádio Tupi, visto que Carlos Frias apregoava, sem nenhum tipo de censura, sobre as qualidades do Eduardo Gomes. Por aí se tira que, provavelmente, os radialistas políticos utilizavam do microfone para fazer política, seja para defender suas candidaturas, seja para apoiar campanhas presidenciais. A vitória de Carlos Frias foi comentada em um editorial sobre os candidatos do rádio. Sob as palavras de Anselmo Domingos,

> Mas o que queremos salientar nestas linhas introdutórias é o tremendo erro psicológico em que tantos caíram. Esqueceram que o fã também tem o direito de ter simpatias políticas. Os programas de auditório eram o melhor termômetro. E os festivais artísticos também, as excursões, os 'shows'. Se Carlos Frias quiser ser sincero que o diga. Ele venceu porque contou apenas com a oposição. **Quem**

[96] Revista do Rádio, n. 3, abril de 1948, p. 16.

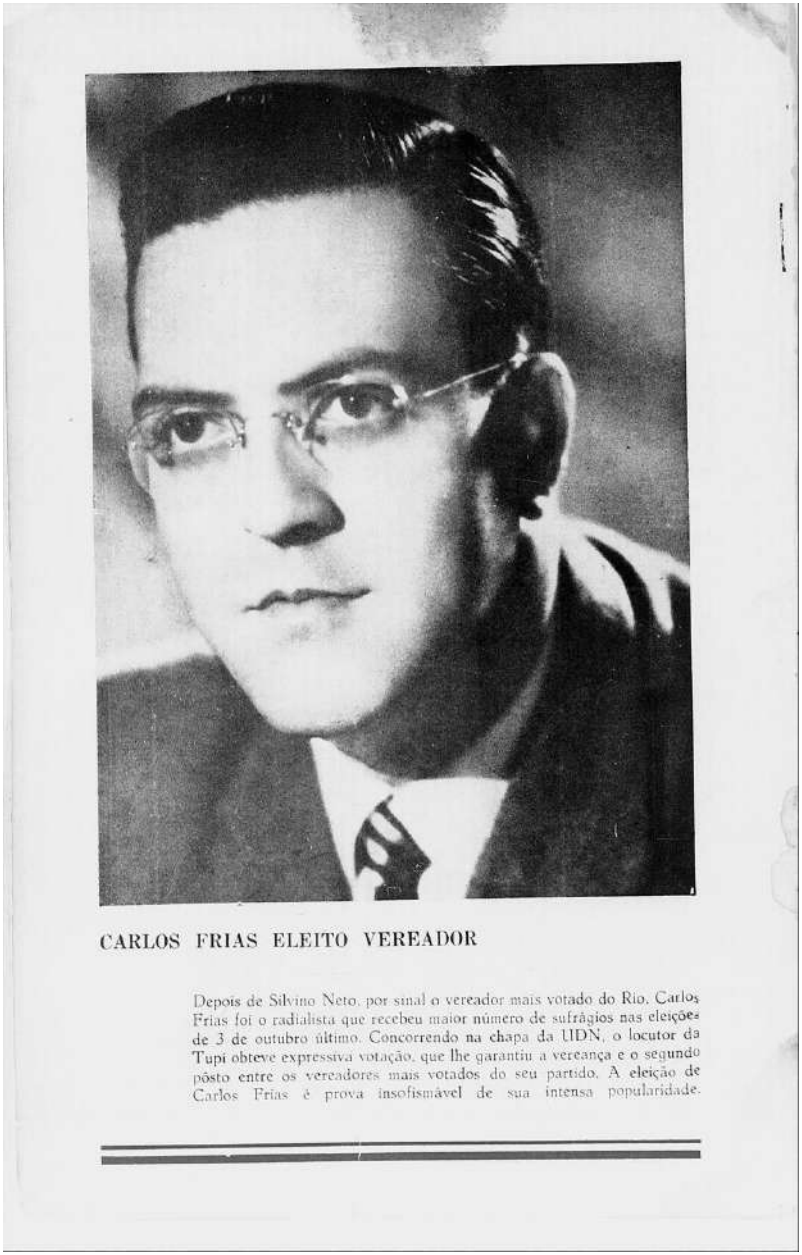
[97] Revista do Rádio, n. 46, 25 de julho de 1950, p. 16.

não era getulista só poderia votar num udenista. E entre os udenistas do rádio Carlos Frias era o melhor.[98]

Por mais que houvesse o reconhecimento de que Carlos Frias figurava como "o melhor candidato do rádio" contrário ao getulismo, os comentários elogiosos a respeito do udenista eram um pouco mais contidos do que comparados a outras personalidades radialistas mais devotadas a Vargas.

A bipolarização que Anselmo Domingos enxergava revela as visões que tinha sobre a política de seu tempo. Para ele, se não era getulista, o que restava era o udenismo. E no caso, os radialistas udenistas não seriam a maioria, pois quando Anselmo diz que Carlos era "o melhor" entre a oposição, isto significava também, que não haveria espaço na política, de acordo com editor-chefe, para dois candidatos-radialistas da UDN. Getúlio tinha vencido o páreo. Junto com ele, Silvino Neto e Scuvero Martins. Não haveria tanto espaço para contrários. Somente para Carlos Frias, segundo vereador-radialista mais votado na Capital Federal.

[98] Revista do Rádio, n. 59, 24 de outubro de 1950, p. 3.



CARLOS FRIAS ELEITO VEREADOR

Depois de Silvino Neto, por sinal o vereador mais votado do Rio, Carlos Frias foi o radialista que recebeu maior número de sufrágios nas eleições de 3 de outubro último. Concorrendo na chapa da UDN, o locutor da Tupi obteve expressiva votação, que lhe garantiu a vereança e o segundo pôsto entre os vereadores mais votados do seu partido. A eleição de Carlos Frias é prova insofismável de sua intensa popularidade.

Imagem 32: Notícia sobre a vitória de Carlos Frias como vereador da Capital Federal, n. 67, 1950 (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Mas, a vida política de Carlos Frias não seria tão fácil quanto a de seus adversários políticos. Antes mesmo de tomar posse, foi impedido porque tinha sido condenado judicialmente pelo crime de falência fraudulenta. A notícia caiu como uma luva nos papéis e nas tintas que seriam muito bem gastas pelo periódico radiofônico, que não perdeu nenhum dos acontecimentos dessa desventura:

> A notícia estourou como uma bomba, abalando toda a cidade! Os fãs radiofônicos, os elementos ligados à política, arte e sociedade, interrogavam-se, duvidando, muitos, da veracidade da notícia. **Carlos Frias, o vibrante radialista, fora preso acusado de falência fraudulenta!**
> A REVISTA DO RÁDIO, sempre pronta a agir em defesa dos radialistas e saciar a curiosidade de seus leitores, tratou de ficar imediatamente em contato com o locutor da Tupi, para ouvi-lo em afirmações de defesa, escrito de que tudo não passa de um lamentável equívoco que, breve, será elucidado, para gáudio de todos nós.[99]

A condenação de Frias levou-o à inelegibilidade e à perda dos direitos políticos. visto que a Constituição de 46 tornava, simultaneamente, inviável a posse em cargos públicos de sujeitos condenados judicialmente, "da mesma forma os artigos 132 e 138 combinados, enquadram como 'inalistáveis' e consequentemente, 'inelegíveis' aqueles que "estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos"[100].

A partir daí, as manchetes sobre Carlos Frias e sua delicada situação passaram a ser mais frequentes. Seu nome estava na boca do povo e nas páginas especializadas em rádio. Um radialista, eleito para ser vereador, impedido de exercer o cargo por conta de uma sentença judicial. Não dá para mensurar a dimensão e a importância de uma notícia desse cunho pronta para ser estampada em uma revista que sobrevivia de fofoca, ao mesmo tempo que

[99] Revista do Rádio, n. 69, 2 de janeiro de 1951, p. 3.
[100] Revista do Rádio, n. 73, 30 de janeiro de 1951, p. 11.

definia, nessas mesmas fofocas, o justo, correto, a democracia, o getulismo, o antigetulismo.

Ainda que o semanário não se posicionasse a favor ou contra, o interesse dele em divulgar sobre o assunto escancara as posições políticas dos editores da revista, já que pouco ou quase nada era falado sobre o radialista. Seu nome passa a ser notícia coincidentemente quando algo lamentável ocorre em sua vida política.

Após a decretação de sua liberdade, emitida pelo Supremo Tribunal de Justiça, Carlos Frias passou a ter o direito de ser empossado, o que também foi digno de nota e entrevista estampada no semanário,

> - Quando é que você pretende ser diplomado?
> - Dentro de uma semana, talvez. Meu advogado já remeteu ao Tribunal Eleitoral uma cópia da decisão do Supremo Tribunal de Justiça anulando a minha sentença e tudo correrá de molde burocrático e processual!
> - Depois de empossado você pretende abandonar o rádio?
> - **Em absoluto. A minha atividade política não poderá nem por sombra interferir na minha carreira profissional. Continuarei, como vereador, a ocupar o microfone da Tupi.**[101]

E após o tumulto causado pela situação, Carlos Frias foi diplomado, em 1951. Mais um radialista vereador na Câmara Municipal. Diferenciando-se dos outros, ele se colocava na trincheira de oposição a Getúlio. No mesmo ano em que tomou posse, Vargas assinou um decreto que estremeceu as relações entre governo e rádio. Um decreto que permitia ao presidente escolher os membros da Comissão Especial do Rádio.

Até então, essa escolha era feita pelos próprios radialistas, mediado pela Associação Brasileira de Rádio. Com o decreto assinado, Getúlio poderia interferir nesses e nos demais assuntos

[101] Revista do Rádio, n. 80, 20 de março de 1951, p. 20.

concernentes ao meio radiofônico. Para Carlos Frias, este decreto feria cruelmente a liberdade e a democracia:

> **Mais uma vez Carlos Frias coloca-se contra Getúlio Vargas –** demitiu-se da Associação Brasileira de Rádio por causa de uma entrevista de Manoel Barcelos – perigo para a liberdade do rádio?"
> A notícia de que Carlos Frias desligara-se da ABR fez com que a nossa reportagem procurasse ouvir o conhecido homem de rádio e também um dos políticos cariocas de maior evidência nesses últimos tempos. Encontramos Carlos Frias na Rádio Tupi e ficamos de pronto conhecendo o seu ponto de vista:
> - Quando li o decreto do Presidente, sobre o Rádio, consultei imediatamente o meu Partido e fui à tribuna da Câmara mostrar a repulsa que, como radialista, sentia por um decreto ferindo a consciência democrática da nossa profissão, poderá acarretar os maiores prejuízos para o homem de rádio.
> - Quer dizer que, ao falar na Câmara, você não tinha o propósito de se desligar da ABR?
> - Não! Defendia um ponto de vista pessoal e estava certo de que defendia como defendo a minha classe![102].

Quando a reportagem começa alegando que "mais uma vez" Carlos Frias se colocava contra Vargas, é porque, provavelmente, em outras situações, certamente se opôs ao presidente, demarcando, desde o início, sua posição declaradamente antigetulista. No entanto, não era um posicionamento cego e ingênuo. As razões que levaram o radialista a ser contra o decreto presidencial vinham, de acordo com sua leitura, do fato de ferir a "consciência democrática" da profissão.

Carlos Frias, tomando como exemplo seu colega de Câmara, Silvino Neto, também conseguiu subvencionar verba para a construção do Hospital do Radialista. Além disso,

> Dentre os projetos apresentados por Carlos Frias, contam-se o que mandava desapropriar a casa em que nasceu Noel Rosa: o que atribui

[102] Revista do Rádio, n. 102, 21 de agosto de 1951, p. 21.

> à Associação Brasileira de Rádio, uma subvenção de 5 milhões de cruzeiros; o que proíbe à Prefeitura arrendar os postos de gasolina de sua propriedade. **Nas duas legislaturas passadas, Carlos Frias funcionou brilhantemente na Comissão de Finanças:** no primeiro ano como relator do orçamento e no segundo ano como Presidente da Comissão. É, atualmente, o grande defensor da ideia da construção de abrigos nos pontos de ônibus e bondes[103] (REVISTA DO RÁDIO, 1953, n. 196, p. 4).

Frias e todos os demais radialistas políticos não deixaram sua classe desamparada, muito menos as organizações representativas, tais como a A.B.R., que recebeu via Câmara Municipal uma subvenção de 5 milhões de cruzeiros, o que demonstrava que os vereadores do rádio não foram para "gaiola de ouro" sem o intuito de cooperar com o meio radiofônico, que foi plataforma para que eles conseguissem vencer o pleito.

E ainda seguindo mais as práticas dos radialistas-vereadores, eis que Carlos Frias também trocou de partido e se filiou, para concorrer às eleições de 54, ao Partido Republicano (PR). E assim como Silvino Neto e Ari Barroso, também não garantiu a reeleição, o que foi notadamente estampado na revista,

> Depois de recuperado e voltando às atividades radiofônicas, Frias deixou-se levar pelo sangue de seus ancestrais, abraçando a política. Data daí a Campanha Brigadeirista em que Frias foi um dos luminares, viajando por todo o Brasil, com uma caravana de artistas, falando nas praças públicas e organizando comícios. Terminado o pleito, entre os vereadores da UDN figurava **Carlos Frias, que no Conselho Municipal se situou muito bem e está agora com seu nome indicado para as próximas eleições, pelo Partido Republicano.**[104]

Seu reconhecimento é feito nas páginas radiofônicas, mas talvez, não na mesma proporção que outros e outras radialistas

[103] Revista do Rádio, n. 196, 9 de junho de 1953, p. 4.

[104] Revista do Rádio, n. 259, 28 de agosto de 1954, p. 56.

mais ligadas ao getulismo. Claro que não é suficiente para compreender a causa de sua derrota em 54. Pelo que se pode perceber, as dinâmicas políticas nas eleições municipais são distintas quando comparadas às presidenciais (LAVAREDA, 1991).

Getúlio tinha enorme prestígio, diferente dos radialistas que ali se aventuraram no universo da política. Carlos Frias, na ótica da revista, era o único indivíduo do rádio que conseguiria agremiar o público ouvinte, e eventualmente leitores e leitoras do periódico, que fosse antigetulista, já que de acordo com o diretor-chefe "o público também tinha suas próprias preferências".

Desta maneira, acaba a trajetória política de mais um radialista. Carlos Frias, Ari Barroso, Silvino Neto, e Sagramor de Scuvero Martins, e tantos outros nomes no meio radiofônico que se propuseram a serem representantes do povo, candidatos do rádio e companheiros diários, amplamente estampados na *Revista do Rádio,* principal porta voz destes "campeões do microfone".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho, me propus a mudar as lentes de leitura, observar outros ângulos que até então foram ignorados, além de desbravar o terreno político de uma revista de "fofoca". Como dito anteriormente, não discordo do fato do tratamento que o semanário dava para assuntos da vida pessoal dos artistas do rádio fosse exorbitante. Porém, não creio ser possível enxergar somente com esse filtro analítico. Até mesmo as amenidades podem revelar aspectos importantes para compreensão da História do Rádio e suas relações com a política e a sociedade dos anos 1950.

Outras revistas antecederam a *Revista do Rádio*, cada uma a seu modo, informando sobre o então meio de comunicação mais importante daquele período. Os primeiros periódicos acompanharam os passos trilhados pelo rádio, técnico e informativo no início, e posteriormente, comercial e voltado para o entretenimento.

Ou seja, conforme o tempo se passava, e o rádio se agigantava, tornando-se cada vez mais "companheiro diário", mais as revistas espelhavam o brilhantismo e a pompa que a mídia radiofônica adquiria. Se o papel radiofônico no seu nascedouro foi informar e educar, sua era de "ouro" (anos 40 e 50) passou a ter um caráter eminentemente de "massa", e os periódicos especializados bailavam conforme o tom. Porém, tendencialmente, as revistas de rádio foram deixando de ter um formato "científico" e meramente informativo, para acompanhar a vida privada de seus artistas.

O semanário aqui analisado perseguiu os passos de suas predecessoras, principalmente na linguagem específica sobre o meio radiofônico. Ora, o editor-chefe da revista não era um profissional que veio da imprensa escrita. Não era jornalista por ofício. O que quero dizer é que sua trajetória no rádio, sendo escritor de radionovelas, permitiu que ele reunisse em seu

periódico os ingredientes necessários para que sua empreitada fosse adiante.

E a longevidade da revista só demonstra seu sucesso. Foram quase vinte anos de história. Do começo ao fim, a revista de Anselmo Domingos emplacou as primeiras colocações, deixando um legado para o mundo dos impressos. De acordo com Rodrigo Faour, a *Revista do Rádio* pode ser considerada a primeira "revista de fofoca" brasileira. Melhor dizendo, talvez o primeiro periódico que se dedicou a essa temática. Talvez isso explique as razões que levaram pesquisadores a encarar o periódico como uma fonte histórica relegada ao seu principal propósito.

Por conseguinte, tentei ao longo do trabalho demonstrar que a revista radiofônica discutia, informava e possuía claros posicionamentos políticos. Essas posições não ficavam tão evidentes quando se comparava com o esforço inestimável que o periódico realizava para cobrir a vida privada dos artistas do rádio. No entanto, as linguagens culturais e políticas estavam também estampadas, timidamente ou não, possibilitou a releitura do periódico de Anselmo Domingos para que vislumbrássemos o vocabulário político daqueles que escreviam na revista, bem como daqueles e daquelas que viraram manchetes.

O ponto central do trabalho, a meu ver, diz respeito à imagem de Vargas construída na revista. Vale ressaltar que meu ponto de partida foi este. Na medida em que avançava na pesquisa, percebia o franco interesse que periódico tinha em trazer suas posições políticas, não só de quem escrevia, mas também das figuras que apareciam nas páginas revisteiras de Anselmo. Quando nos anos 50, mais especificamente no período eleitoral, o periódico estampou as preferências políticas dos radialistas e artistas de rádio, que apontavam em direção de Vargas.

A esmagadora maioria votou em Getúlio. Juntamente, o periódico, antes mesmo da campanha presidencial, já apresentava notícias, imagens e reportagens sobre Vargas. De alguma forma, as menções, muitas vezes honrosas, à figura varguista, mobilizou uma coesa e precisa imagem de Getúlio na revista.

Meu principal questionamento era: o que motivou o periódico, bem como os próprios radialistas, a terem Vargas como alguém prestigioso, um amigo? Por que apoiá-lo? Quais eram os intentos da classe radiofônica em ter um grande apreço por Getúlio? Bem, havia radialistas, apoiadores de Vargas, que também se candidataram para cargos políticos.

Ou seja, o cálculo de benefícios feitos por estes e estas que se colocavam no pleito eleitoral, acabavam levando em conta que, o provável apoio político e voto a Getúlio, poderia convertê-lo em uma maior possibilidade de vencer as eleições. Ou seja, toda a imagem positiva gestada pela revista, tornava mais palatável, aos olhos dos leitores, os "campeões do microfone", termo cunhado pelo periódico ao se referirem aos candidatos do rádio.

É provável, como também demonstrado no presente trabalho, que o rádio servia de plataforma para que esses candidatos do rádio conseguissem angariar votos para suas candidaturas. Silvino Neto, Scuvero Martins, Ary Barroso, Carlos Frias, e tantos outros, se colocaram na trincheira eleitoral, estes venceram, já a maioria perdeu.

Apesar disso, é possível observar o grandioso interesse que o rádio tinha por questões políticas. E esse interesse não passou despercebido pelo olhar e pela tinta da *Revista do Rádio,* que apesar de ser uma "revista de fofoca", não deixou também de participar e debater sobre política.

POSFÁCIO

Impressos periódicos: novos desafios

Os historiadores sempre deram atenção aos impressos periódicos – jornais, revistas, almanaques, boletins, anuários – que fascinam pela multiplicidade de formatos, projetos gráficos, propostas editorais, diferentes públicos a se destinam. Os atuais processos de digitalização, levados a cabo por arquivos, bibliotecas e demais instituições de guarda, disponibilizam uma miríade de títulos, muitos dos quais antes dificilmente acessíveis, que ganharam nova vida graças às infovias.

No caso da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, no ar desde 2012 e que reúne mais de cinco mil títulos, o pesquisador pode não apenas consultar os exemplares de determinado periódico, mas também percorrer os milhares de páginas disponíveis no repositório, em busca de nomes, títulos, palavras ou expressões, graças ao programa que transforma imagem em texto. Por mais que existam limitações, sobretudo derivadas do estado de conservação do original, é inegável que o investigador se depara com novas possibilidades, irrealizáveis quando só se dispunha de procedimentos analógicos.

O impacto das novas tecnologias no panorama historiográfico já é bastante patente, tendo em vista o adensamento de estudos que se valem de fontes periódicas, a exemplo do presente trabalho, que se ocupa da *Revista do Rádio*. Trata-se de publicação longeva, que pode ser consultada no sítio da Hemeroteca Digital e que já conta com significativa fortuna crítica. A novidade da pesquisa reside no tipo de questionamento que lhe é dirigido, pois se trata de ir além das amenidades, evocadas no título, para inquirir acerca

de posicionamentos políticos que podem ser apreendidos a partir de suas páginas. Assim, se é fato que a revista promovia concursos para escolher as Rainhas do Rádio, alimentava competições entre artistas e revelava segredos da vida particular, atendendo à curiosidade do público que desejava conhecer detalhes do cotidiano de seus ídolos, a investigação evidenciou outros aspectos, até agora pouco enfatizados pela historiografia.

O rádio, tal como posteriormente a televisão e hoje as redes sociais, constituiu-se (e segue sendo) uma via de acesso para os que aspiram ocupar cargos eletivos, aspecto que não deixou de contaminar o veículo que retratava seus bastidores, a *Revista do Rádio*, cujas páginas também abrigaram disputas ideológicas e a defesa de determinadas candidaturas, conforme revelou a pesquisa.

Primeiro trabalho de maior folego de um jovem pesquisador, o livro convida a repensar rótulos consagrados sobre a publicação, que povoou o cotidiano de mais de uma geração de leitores.

Tania Regina de Luca
Professora do departamento de História da UNESP.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise dedem agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro. **Vargas e a Crise dos anos 50.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ADAMI, Antonio; DIAS, Lúcia C. M. As revistas de rádio no Brasil: décadas de 1920 a 1950. **In: Revista ECCOM**, v. 10, n. 19, jan./jun. 2019.

ALVES, Juliana Martins. Reinventando o trabalhismo nos anos 1950: a "missão pedagógica" da política estatal no segundo governo Vargas. Passagens. In: **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica.** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, janeiro-abril, 2013, p. 142-160.

ALVES, Juliana Martins. Trabalho e Trabalhadores no segundo governo Vargas: as greves como "antidireito" (1951-1954). In.: **Revista de História.** São Paulo, n.º 172, p. 367-396, jan.-jun., 2015.

AMORIM, Daniela Oliveira Albertin de; CAMARGO, E. Algumas considerações sobre aa história do rádio no Brasil. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO DADA FACULDADE CÁSPER LÍBERO, 6, 2010, São Paulo. **Anais…** São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

ANGELI, Douglas Souza. Do populismo à experiência democrática: a incorporação dos trabalhadores urbanos ao cenário político brasileiro. In: **Estudios Históricos**, Uruguai, n. 17, 2016.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. Estado e trabalhadores. In: ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro (Org.). **Do corporativismo ao neoliberalismo:** Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

AVANCINI, Maria Marta Picarelli. **Nas tramas da fama:** as estrelas do rádio em sua época áurea, Brasil, anos 40 e 50. Dissertação de

Mestrado (História), Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. A História das Revistas no Brasil: um Olhar Sobre o Segmento Mercado Editorial. In: **REVISTA PLURAL,** v. s/n, p. 01-23, 2010.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo:** ambiguidades do liberalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean P.;

BILHÃO, Isabel. "Trabalhadores do Brasil!": as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v.31, n. 62, 2011.

BORDIEU, P. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política,** Brasília, n. 5, p. 193-216, jan./jul. 2011.

BORDIEU, P. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: _____. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1986.

BORGES, Paola Giuliana. **Cantoras do rádio e mulheres:** um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. In: Simpósio Nacional de História, 29, 207, Brasília. **Anais…** Associação Nacional de História, 2017.

BORGES, Paola Giuliana. **Se queres saber…:** a hora e a vez das rainhas do rádio. Curitiba: Appris, 2019.

CALABRE, Lia. A Era do Rádio - Memória e História. In: Simpósio Nacional de História, 22, 2003, João Pessoa. **Anais…** João Pessoa: Anpuh, 2003.

CALABRE, Lia. **No tempo do rádio:** Radiodifusão e Cotidiano no Brasil (1923 - 1960). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

CALABRE, Lia. O Historiador e o rádio: relações em questão. Brasília: FCRB, 2008.

CALABRE, Lia. Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque. In: **Revista Estudos Históricos,** n. 31, p. 161 - 181, 2003.

COSTA, Luís Ricardo Araújo da. **Bota o retrato do velho outra vez:** a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2014.

COSTA, Osmani Ferreira da Costa. **Rádio e Política.** Londrina: Eduel, 2005.

CRUZ, H.; PEIXOTO, M. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: **Projeto História,** São Paulo, n. 35, p. 1- 411, 2007.

D'ARAUJO, M. C. **O segundo governo Vargas (l951-54).** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

DÂNGELO, Newton. Intelectuais, revistas radiofônicas e música popular no Brasil: o rádio por escrito – 1924-1954. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013, Natal. **Anais...** Natal: Associação Nacional de História, 2013.

DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olha de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIAHISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre. **Anais…** Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FAOUR, Rodrigo. **Revista do Rádio** – Cultura, Fuxicos e Moral nos anos dourados. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura Municipal, 2002.

FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores 'querem': política e cidadania na transição democrática de 1945. **In: História Oral,** n. 1, 1998, pp. 169-19

FERREIRA, Jorge. (Org.). **O populismo e sua história:** debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FONSECA, Mariane Carla. **Porque abandonei Dalva de Oliveira:** desconfiança, traição e desquite nas páginas de um jornal – do

discurso à representação social e aos conflitos de gênero. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2014.

GIANELLI, Carlos Gregório dos Santos. O acervo digitalizado da Revista do Rádio na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: reflexões e usos da história digital no tempo presente. **Escritas**, TO, v. 08, n. 02, p. 08-27, jan./jun. 2016.

GOMES, A. de C.; FERREIRA, J. Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação. **In: Locus** (UFJF), v. 24, 2018.

GOMES, Ângela Castro & D´ARAUJO, Maria Celina. **Getulismo e trabalhismo.** São Paulo: Ática, 1989.

GOMES, Ângela de Castro (org.) **Vargas e a crise dos anos 50.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. **Revista USP**. São Paulo, n. 65, 2005

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política:** tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997,

HAUSSEN, Doris Fagundes; BACCHI, Camila Stefenon. A Revista do Rádio através dos seus editoriais. (década de 50). In: Congresso Brasileiro de Comunicação, 24., 2001. Campinas. **Anais…** Campinas: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. **As Rainhas do Rádio:** símbolos da nascente indústria cultural brasileira, São Paulo: Senac Editoras, 2009.

LAVAREDA, A. **A Democracia nas Urnas:** O Processo Partidário-Eleitoral Brasileiro, de Antônio Lavareda. IUPERJ/Rio Fundo, Rio de Janeiro, 1991.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. in: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, A. L. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **História.** São Paulo, 22: 59-79, 2003.

MIGUEL, Luís Felipe. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso Brasileiro. **Revista de Sociologia Política,** Curitiba, n.20, p.115- 134. 2003.

NEVES, Lucília de Almeida. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945 - 1964). In: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história:** debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho de. **Sociabilidade Parlamentar em cena:** Atores políticos, cotidiano e imprensa na cidade do Rio de Janeiro (1902-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

PALTI, Elías J. **O tempo da política:** o século XIX reconsiderado. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.

PARANHOS, Adalberto de Paula. **O roubo da fala:** origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

QUELER, Jefferson José. Os sentidos do queremismo: disputas políticas em torno do conceito na redemocratização de 1945. **História,** São Paulo, v. 35 e 104, 2016.

RIBEIRO, Ana P.G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **In: Estudos Históricos**, n. 31, 2003.

SANTOS, Maycon Dougllas Vieira dos. Apontamentos para uma análise das representações de Getúlio Vargas estampadas na Revista do Rádio (1948-1950). **In: Revista Angelus Novus,** 16(16), 2020, 187-201.

SANTOS, Maycon Dougllas Vieira dos. Porque o rádio tem história: reflexões históricas sobre o rádio no antigo Norte Goiano (1940 - 1970). In: **Revista de História da UEG, v.** 8, n. 2, p. e821913, 2019.

TRESCENTTI, J. L. P. Quem paga a conta? Os principais anunciantes da Revista do Rádio (RJ, 1948-1959). In: Encontro Estadual de História da ANPUH-SP: História, desigualdades e diferenças, 2020, São Paulo. **Anais…** Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 25, 2020.

Neste livro, te convido a embarcar em uma jornada através das páginas da *Revista do Rádio*, explorando não apenas seu conteúdo superficial, mas também suas camadas políticas e sociais que muitas vezes passam despercebidas. Como pesquisador do rádio, mergulhei nas páginas amareladas deste periódico para desvendar as histórias que moldaram uma era (os tais "anos dourados"). Espero que este livro o inspire a enxergar além das aparências e a mergulhar nas complexidades deste período histórico

Pedro & João Editores
Pedroejoaoeditores.com.br
ISBN 978-65-265-1879-3